

María Alejandra Godoy Roa

**ESTUDO DO TEMPO E DO ASPECTO NO USO DE  
CONSTRUÇÕES FRASEOLÓGICAS DO ESPANHOL:  
UM OLHAR PARA A FREQUÊNCIA COM BASE EM *CORPORA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Leandra Cristina de Oliveira

Florianópolis  
2017

Roa, María Alejandra Godoy  
Estudo do Tempo e do Aspecto no uso de  
Construções Fraseológicas do espanhol : um olhar para  
a frequência com base em corpora / María Alejandra  
Godoy Roa ; orientadora, Leandra Cristina de  
Oliveira - SC, 2017.  
200 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, , Programa de Pós-Graduação em ,  
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

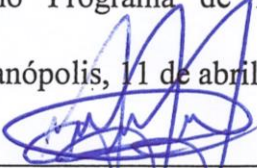
1. . 2. Linguística Cognitiva. 3. Fraseologia. 4.  
Construção Fraseológica. 5. Frequência. I. Oliveira,  
Leandra Cristina de. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em . III.  
Título.

María Alejandra Godoy Roa

**ESTUDO DO TEMPO E DO ASPECTO NO USO  
DE CONSTRUÇÕES FRASEOLÓGICAS DO  
ESPAÑHOL: UM OLHAR PARA A FREQUÊNCIA  
COM BASE EM *CORPORA***

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de “Mestre em Linguística”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

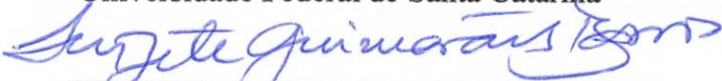
Florianópolis, 11 de abril de 2017

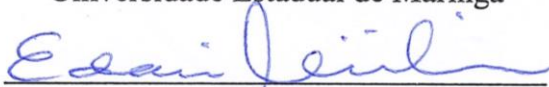
  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marco Antonio Martins  
Coordenador do Curso


**Banca Examinadora:**

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Leandra Cristina de Oliveira  
Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Luizete Guimarães Barros  
Universidade Estadual de Maringá

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Edair Maria Görski  
Universidade Federal de Santa Catarina

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Heronides Moura  
Universidade Federal de Santa Catarina



*“Where should I go?”* – Alice.

*“That depends on where you want to end up.”* – The Cheshire Cat.



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me permitir ser e existir; por me trazer para caminhar nestas terras brasileiras que representam, não só meus sonhos de voar, mas também o maior aprendizado da minha vida.

Ao meu pai, por seu apoio infinito, por ter me ensinado a acreditar em mim mesma, porque sem ele, simplesmente, esse sonho nunca teria se convertido em realidade.

À minha mãe, porque suas orações me acompanham cada dia, e é, mediante elas, que sinto sua mão ainda guiando os meus passos.

À minha família *bonita*, sempre presente na distância.

Ao Alison Felipe Gesser, pelo apoio constante.

Aos professores da banca, pelas valiosas contribuições que direcionaram à pesquisa.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Linguística (UFSC) pelos ensinamentos e pela inspiração.

Em especial, à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leandra Cristina de Oliveira, minha orientadora, por me ensinar e mostrar o caminho, por me abrir as portas quando mais precisei, e, principalmente, pela paciência ao longo da pesquisa.

À Capes, pelo apoio financeiro.





## RESUMO

Assumindo uma abordagem funcionalista da linguagem, que considera o ato comunicativo a partir de uma perspectiva sociocultural baseando-se no uso da língua, investigo, nesta dissertação, as possíveis licenças e restrições verbais e aspectuais no uso de Construções Fraseológicas em espanhol. O termo “Construção Fraseológica” é utilizado nesta pesquisa como resultado da interface entre os estudos de Fraseologia e a Linguística Cognitiva. Assim sendo, este estudo parte da definição do objeto de estudo da Fraseologia, conhecido como Unidades Fraseológicas e entendidas como unidades léxicas formadas por mais de duas palavras, cujas características principais são a frequência de uso, a institucionalização, a fixação e a especialização semântica. Considerando a Fixação como o nível de estabilidade em contraposição às possíveis variações que uma Construção Fraseológica pode manifestar no uso, analiso, para os objetivos da presente dissertação, uma amostra de cinco Construções Fraseológicas em espanhol, visando verificar os tempos e aspectos verbais nos quais elas são empregadas com mais frequência. A discussão teórica das categorias funcionais de Tempo e Aspecto é feita com base nas considerações de autores como Comrie (1985) e García Fernández (2000). O primeiro define Tempo como uma temporalidade dêitica/externa que pode ser localizada na linha temporal; e Aspecto, como a temporalidade interna da situação. O segundo estudioso oferece, à pesquisa, uma discussão sobre as variedades aspectuais da língua espanhola. São considerados, também, teóricos da Fraseologia, como Corpas Pastor (1996) e Ruiz Gurillo (1997) que proporcionam os conceitos básicos sobre a constituição das propriedades das construções objeto de estudo desta pesquisa. As definições, combinadas com as noções cognitivistas sobre construções e frequência, oferecem ferramentas para verificar a hipótese da pesquisa: a frequência de uso se relaciona diretamente com o grau de fixação das CFs, já que, quanto mais frequência possuem, mais variação há nelas. No entanto, essa variação só acontece quando as modificações não comprometem o sentido idiomático das construções.

**Palavras-chave:** Linguística Cognitiva. Fraseologia. Construção Fraseológica. Frequência.



## ABSTRACT

Assuming a functionalist approach to language, which considers the communicative act from a sociocultural perspective based on the use of language, I investigate in this dissertation the possible verbal and aspectual licenses and restrictions in the use of Phraseological Constructions in Spanish. The term 'Phraseological Construction' is used in the present research because the interface between Phraseology and Cognitive Linguistics studies. Thus, the research starts from the definition of the object of study of Phraseology, known as Phraseological Units and understood as lexical units formed by more than two words, whose main characteristics are frequency of use, institutionalization, fixation and Semantic specialization. Considering the Fixation as the stability level as opposed to the possible variations that a Phraseological Construction can manifest in the use, for the purposes of this dissertation, a sample of five Phraseological Constructions in Spanish is analyzed, aiming to verify the times and verbal aspects in which They are employed more often. The theoretical discussion of the functional categories of Time and Aspect is made based on the considerations made by authors such as Comrie (1985) and García Fernández (2000). The first defines Time as a deictic / external temporality that can be in the temporal line, and Aspect, as the internal temporality of the situation; The second provides the research with a discussion about the aspectual varieties of the Spanish language. Also used are Phraseology theorists, such as Corpas Pastor (1996) and Ruiz Gurillo (1997) who provide the basic concepts about the constitution of the properties of the constructions object of study of the present research. The definitions, combined with the cognitivist notions of constructions and frequency, offer tools to verify the hypothesis of the research: frequency of use is directly related to the degree of fixation of CFs, since, the more frequently more variation, however, this variation only happens when the modifications do not compromise the idiomatic meaning of constructions.

**Keywords:** Cognitive Linguistics. Phraseology. Phraseological Construction. Frequency.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Inventário de variantes das UFs .....	52
Figura 2 – Relação dos idiomatismos com componentes lexicais..	61
Figura 3 – Representação do Tempo e a referência temporal .....	77
Figura 4 – Manifestações da aspectualidade em espanhol .....	90
Figura 5 – Enumeração de exemplos e características do <i>Corpus CREA</i> .....	101
Figura 6 – Enumeração de exemplos do <i>Corpus del Español</i> .....	102



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Definições e características dos fraseologismos.....	36
Quadro 2 – Fraseologismos: tipos e designações .....	43
Quadro 3 – Sistema verbal .....	80
Quadro 4 – Sistema verbal castelhano .....	82
Quadro 5 – Sistema aspectual castelhano.....	85
Quadro 6 – Síntese de valores aspectuais.....	88
Quadro 7 – Valores aspectuais considerados para a análise.....	88
Quadro 8 – Codificação da variável “Construção Fraseológica” ...	107
Quadro 9 – Codificação da variável “Tipo de construção” .....	108
Quadro 10 – Codificação da variável “Categoria funcional” .....	109
Quadro 11 – Codificação da variável “Categoria Tempo” .....	112
Quadro 12 – Codificação da variável “Semântica verbal” .....	115
Quadro 13 – Representação da variável “Compl. adverbial” .....	115
Quadro 14 – Codificação da variável “Categoria Aspecto” .....	118
Quadro 15 – Codificação da variável “Leitura final” .....	120





## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Nº. de ocorrências total por Construção Fraseológica..	98
Tabela 2 – Nº. de ocorrências das construções associadas às CFs .	104
Tabela 3 – Frequência de “Tipo de construção” nas cinco CFs .....	124
Tabela 4 – Frequência de “Tipo de construção” na CF <i>Tirar</i> .....	126
Tabela 5 – Frequência de “Tipo de construção” na CF <i>Poner</i> .....	127
Tabela 6 – Frequência de “Tipo de construção” na CF <i>Echar</i> .....	129
Tabela 7 – Frequência de “Tipo de construção” na CF <i>Hablar</i> .....	131
Tabela 8 – Frequência de “Tipo de construção” (V2) na CF <i>Pagar</i> .....	132
Tabela 9 – Frequência de “Categoria Tempo” nas cinco CFs .....	135
Tabela 10 – Distribuição da frequência de “Categoria Tempo” na CF <i>Tirar</i> .....	137
Tabela 11 – Distribuição da frequência de “Categoria Tempo” na CF <i>Poner</i> .....	140
Tabela 12 – Distribuição da frequência de “Categoria Tempo” na CF <i>Echar</i> .....	143
Tabela 13 – Distribuição da frequência de “Categoria Tempo” na CF <i>Hablar</i> .....	147
Tabela 14 – Distribuição da frequência de “Categoria Tempo” na CF <i>Pagar</i> .....	150
Tabela 15 – Distribuição da leitura final aspectual das cinco CFs.	156
Tabela 16 – Frequência da variável “Categoria Aspecto” .....	157
Tabela 17 – Relação de frequências das variáveis V5 e V6 na CF <i>Tirar</i> .....	159
Tabela 18 – Frequência de “Categoria Aspecto” na CF <i>Tirar</i> .....	165
Tabela 19 – Frequência de uso na leitura aspectual final da CF <i>Tirar</i> .....	165
Tabela 20 – Relação de frequências das variáveis V5 e V6 na CF <i>Poner</i> .....	166
Tabela 21 – Frequência de “Categoria Aspecto” na CF <i>Poner</i> .....	169
Tabela 22 – Frequência de uso na leitura aspectual final da CF <i>Poner</i> .....	170
Tabela 23 – Relação de frequências das variáveis V5 e V6 na CF <i>Echar</i> .....	171
Tabela 24 – Frequência de “Categoria Aspecto” na CF <i>Echar</i> .....	172
Tabela 25 – Frequência de uso na leitura aspectual final da CF <i>Echar</i> .....	173
Tabela 26 – Relação de frequências das variáveis V5 e V6 na CF <i>Hablar</i> .....	174

Tabela 27 – Frequência de “Categoria Aspecto” (V6) na CF <i>Hablar</i>	174
Tabela 28 – Frequência de uso na leitura aspectual final da CF <i>Hablar</i>	176
Tabela 29 – Relação de frequências das variáveis V5 e V6 na CF <i>Pagar</i>	177
Tabela 30 – Frequência de “Categoria Aspecto” (V6) na CF <i>Pagar</i>	179
Tabela 31 – Frequência de uso na leitura aspectual final da CF <i>Pagar</i>	179
Tabela 32 – Frequência de ambiguidade nas cinco CFs analisadas	180

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- CF – Construção Fraseológica
- UF – Unidade Fraseológica
- GU – Gramática Universal
- CA – Complementos adverbiais



## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>25</b>
1.1 Objetivos.....	27
<b>1.1.1 Objetivo geral.....</b>	<b>27</b>
<b>1.1.2 Objetivos específicos .....</b>	<b>27</b>
1.2 Questões e hipóteses.....	27
<b>2 Contextualizando o objeto: as CFs nos estudos fraseológicos .....</b>	<b>31</b>
2.1 Fixação, institucionalização e idiomaticidade .....	31
2.2 Classificando as unidades fraseológicas.....	38
2.3 Variação vs. fixação: visualizando um caminho de formação.....	45
2.4 Variação morfossintática .....	46
<b>2.4.1 Variação flexiva e derivativa.....</b>	<b>46</b>
<b>2.4.2 Variação sintática.....</b>	<b>48</b>
2.5 Inventário de variantes: os graus e tipos de fixação das UFs .....	50
<b>3 Questões teóricas: o cognitivismo e as categorias funcionais em análise.....</b>	<b>53</b>
3.1 A Linguística Cognitiva.....	53
<b>3.1.1 O modelo de construções .....</b>	<b>56</b>
<b>3.1.2 A perspectiva cognitivista: o modelo baseado no uso .....</b>	<b>62</b>
3.2 As categorias Tempo e Aspecto .....	75
<b>3.2.1 O Tempo verbal.....</b>	<b>76</b>
<b>3.2.2 O Aspecto verbal.....</b>	<b>83</b>
3.3 A construção fraseológica .....	94
<b>4 Procedimentos metodológicos .....</b>	<b>97</b>
4.1 O recorte das CFs para análise.....	97

4.2 Verificação em <i>corpora</i> .....	99
<b>4.2.1 Os <i>corpora</i></b> .....	<b>99</b>
<b>4.2.2 Realização da busca</b> .....	<b>103</b>
4.3 Análise dos dados.....	103
<b>4.3.1 O programa estatístico</b> .....	<b>106</b>
<b>4.3.2 O grupo de fatores</b> .....	<b>109</b>
<b>5 A frequência de uso temporal e aspectual em cinco CFs do espanhol: análise de dados</b> .....	<b>121</b>
5.1 Considerações gerais da análise .....	122
5.2 A frequência da variável “tipo de construção” .....	124
<b>5.2.1 <i>Tirar la toalla</i></b> .....	<b>125</b>
<b>5.2.2 <i>Poner el grito en el cielo</i></b> .....	<b>127</b>
<b>5.2.3 <i>Echar leña al fuego</i></b> .....	<b>129</b>
<b>5.2.4 <i>Hablar por los codos</i></b> .....	<b>130</b>
<b>5.2.5 <i>Pagar los platos rotos</i></b> .....	<b>132</b>
<b>5.2.6 Fechando a seção: algumas considerações</b> .....	<b>134</b>
5.3 Análise da variável temporal .....	134
<b>5.3.1 <i>Tirar la toalla</i></b> .....	<b>136</b>
<b>5.3.2 <i>Poner el grito en el cielo</i></b> .....	<b>140</b>
<b>5.3.3 <i>Echar leña al fuego</i></b> .....	<b>143</b>
<b>5.3.4 <i>Hablar por los codos</i></b> .....	<b>146</b>
<b>5.3.5 <i>Pagar los platos rotos</i></b> .....	<b>149</b>
<b>5.3.6 Respondendo às perguntas</b> .....	<b>153</b>
5.4 Análise da variável aspectual .....	155
<b>5.4.1 A frequência da variável “categoria aspecto”</b> .....	<b>157</b>
<b>5.4.2 Os casos de ambiguidade</b> .....	<b>180</b>
<b>5.4.3 Respondendo às perguntas</b> .....	<b>186</b>

<b>Considerações finais.....</b>	<b>189</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>193</b>









## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa analisa as variações no uso de Construções Fraseológicas<sup>1</sup> (CFs) em espanhol, considerando as categorias Tempo e Aspecto. Assentada em postulados da Fraseologia e da Linguística Cognitiva, bem como na análise da frequência de uso com base em *corpora*, trato de identificar os usos temporais e aspectuais preferenciais, por parte de hispano-falantes, de cinco CFs: *tirar la toalla*, *poner el grito en el cielo*, *echar leña al fuego*, *hablar por los codos* e *pagar los platos rotos*<sup>2</sup>.

O interesse por olhar e analisar o comportamento morfossintático desse tipo de construção nasce da percepção de uma lacuna nos estudos sobre o objeto em questão, no que diz respeito à ausente extensão para além da perspectiva semântica, o que costuma trazer impactos especialmente na perspectiva da aprendizagem do espanhol como língua estrangeira. Geralmente, as pesquisas são direcionadas a estudos sobre a tradução das unidades, a significação e/ou contexto no qual podem ser empregadas e como são registradas nos dicionários bilíngues ou nos livros didáticos. É o caso de Xatara (2001), Noimann (2007), Carvalho Rios (2008), Beckhauser (2014) e Costa (2014), entre outros.

Contudo, apesar da relevância de trabalhos com esse viés para o nível semântico, é necessário considerar que, em muitas situações: (i) o falante não-nativo não faz uso desse tipo de expressão por não conhecer os limites gramaticais; ou (ii) quando se aventura, esse falante emprega a expressão em Tempo, Aspecto e Modo diferentes daqueles em que ela está fixada, gerando certo ruído na comunicação. Nesse sentido, consideramos que é importante, antes de focar no viés pedagógico<sup>3</sup>,

---

<sup>1</sup> Ao longo do texto, será utilizado o termo “Construção Fraseológica” para fazer referência ao objeto de estudo da pesquisa, o qual também é conhecido e estudado, em outras áreas da Linguística, como Unidade Fraseológica (UF). A escolha do termo será explicada na seção 3.3.

<sup>2</sup> Apresentamos, aqui, as equivalências das CFs no português:

- Jogar a toalha.
- Colocar a boca no trombone
- Botar lenha na fogueira.
- Falar pelos cotovelos.
- Pagar o pato.

<sup>3</sup> Importa destacar que, como professora de espanhol como língua estrangeira, considero natural o interesse em fenômenos desse idioma sob a perspectiva da aprendizagem. Embora a questão pedagógica não esteja sob o escopo desta pesquisa, ela é o embrião do nosso objeto de estudo. Nessa direção, mesmo com

sensibilizar para os limites gramaticais, indicando como as CFs se comportam na língua em uso.

Tendo em vista essas considerações, cabe explicar que estamos tratando como CFs aquilo que, no âmbito dos estudos em Fraseologia, costuma ser denominado como Unidades Fraseológicas (UFs), a que Corpas Pastor (1996, p. 20) define como “unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da oração composta”<sup>4</sup>. Autores como Corpas Pastor (1996), Ruiz Gurillo (1997) e Garcia-Page (1999) concordam em ressaltar que as propriedades desse tipo de unidades léxicas são principalmente três: institucionalização, fixação e idiomaticidade. Essas propriedades estão inter-relacionadas e essa inter-relação é regida principalmente pela propriedade de Fixação, compreendida, pelos autores, como um processo evolutivo, ou seja, histórico-diacrônico, que transformou uma construção livre e variável, em uma fixa e invariável (GARCÍA-PAGE, 2008, p. 25).

É importante destacar que, nas últimas décadas, tem acontecido uma mudança de perspectiva no que diz respeito ao objeto de estudo em questão, o qual, antes, era considerado um fenômeno exclusivo do folclore<sup>5</sup>, estando na periferia da gramática da língua. Hoje, faz parte de inúmeros estudos linguísticos (CORPAS PASTOR, 1996; MARTÍNES MARÍN, 1996; RUIZ GURILLO, 1997, 2010; CROFT; CRUSE, 2008; GOLDBERG, 1995, entre outros). Tais estudos consideram que as CFs não apenas fazem parte da gramática, como também são parte importante dela, dado que possuem características que as definem como unidades sintáticas providas de significado e que, mesmo quando não podemos deduzir seu significado total do significado isolado de cada um de seus componentes, é possível a significação total desses significados isolados. (BYBEE, 2006).

---

objetivos aparentemente distantes do contexto de ensino, acreditamos que os resultados trazidos podem contribuir para a ampliação da competência discursiva de estudantes de espanhol, trazendo informações sobre o uso de algumas construções fraseológicas para além do campo semântico.

<sup>4</sup> [...] *unidades fraseológicas (UFS) – objeto de estudio de la fraseología – son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta.*

<sup>5</sup> Nos estudos linguísticos estruturalistas e gerativistas, os denominados “modismos” eram considerados parte do folclore, pois se pensava que esse tipo de construção era uma demonstração única e inquestionável da idiosincrasia da sociedade, ou seja, tratava-se de expressões estreitamente ligadas à cultura dos falantes e suas peculiaridades culturais, razão pela qual eram consideradas arbitrárias.

Essas e outras questões tratadas no âmbito teórico, no qual a pesquisa se assenta, serão recuperadas em capítulos posteriores nesta dissertação, a qual se desenvolve tendo como ponto de partida os objetivos, questões e hipóteses lançados a seguir.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Determinar como se estabelece a fixação das Construções Fraseológicas em termos de Tempo e Aspecto.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- (i) Estabelecer diálogos entre a Fraseologia, a Linguística Cognitiva e a teoria das construções a partir da análise de ocorrências das cinco CFs de interesse, encontradas nos *corpora*.
- (ii) Determinar quais Tempos e Aspectos são mais frequentes no uso das CFs que fazem parte da amostra.
- (iii) Estabelecer se certas alterações na estrutura ou nos componentes das CFs, em termos de informações temporais e aspectuais, comprometem o conteúdo idiomático.

## 1.2 QUESTÕES E HIPÓTESES

Com vistas aos objetivos listados, são questões que norteiam esta pesquisa:

- (i) Partindo do fato de que a teoria fraseológica descreve as CFs como construções essencialmente fixas, em que medida é possível a alteração da propriedade de fixação, no que tange aos tempos verbais, no discurso, sem que a CF perca a idiomaticidade?
- (ii) A propriedade de fixação estabelece níveis de cristalização em determinadas CFs. No entanto, a teoria fraseológica não dá conta da categoria do Aspecto verbal. Considerando que o Aspecto verbal é uma categoria que depende de vários fatores – como, por exemplo, a semântica do predicado verbal e os complementos

adverbiais, levados em consideração nesta pesquisa –, em que medida é possível pensar que existe um determinado Aspecto verbal (fixo) no uso das cinco CFs da amostra?

- (iii) Considerando que tanto o Tempo como o Aspecto são manifestações cognitivas, nas quais expressamos e codificamos nossa experiência, é possível pensar que a presença de variações temporais e aspectuais é totalmente livre? Ou existe um limite de variações?
- (iv) Levando em consideração que as CFs são um tipo de expressão presente no discurso cotidiano dos falantes, em que medida a frequência de uso contribui para a variação das CFs, no que concerne ao Tempo e ao Aspecto verbal?

Para as questões listadas acima, formulamos as seguintes hipóteses:

- (i) Devido ao fato de que o Tempo é a categoria que localiza os acontecimentos no tempo físico e responde às necessidades do falante no discurso, a hipótese é que, considerando o uso, as cinco CFs que fazem parte da amostra em análise podem apresentar modificações nas desinências do predicado sem que isso represente perda do significado idiomático das CFs.
- (ii) Considerando que o Aspecto é uma categoria que permite adotar um ponto de vista de uma situação, sendo, portanto, o modo em que se apresenta um evento descrito por um predicado, conjectura-se que não há um Aspecto verbal fixo no uso das cinco CFs selecionadas para a análise. Isso porque a leitura aspectual depende de fatores como a semântica verbal e os complementos adverbiais que acompanham as CFs. No tocante ao fator “semântica verbal”, a leitura aspectual pode tender à imperfectividade nas CFs *hablar por los codos* e *pagar los platos rotos*, por conta do fato de terem, como núcleo, predicados durativos e atélicos. Por outro lado, a respeito das CFs *poner el grito en el cielo*, *tirar la toalla* e *echar leña al fuego*, pode-se pensar em uma tendência à perfectividade, gerada por seus núcleos verbais télicos e pontuais.

- (iii) Acredita-se que o limite da alteração de determinada CF está na linha que separa o idiomático do literal, ou seja, a CF permite ser modificada sempre que não perder, nessa modificação, sua carga idiomática, isto é, que o significado possa ser reconstruído ou recuperado tanto pelo falante como pelo ouvinte. Em outras palavras, cada uma das CF analisadas podem permitir a utilização de diferentes tempos e aspectos verbais sempre e quando o ouvinte consiga recuperar seu sentido idiomático.
- (iv) É possível pensar que quanto menor o número de possibilidades de variação no Tempo e no Aspecto verbal de determinada UF, maior será seu grau de fixação e, conseqüentemente, sua frequência de uso.

Levando em consideração os objetivos, questões e hipóteses explicitados acima, desenvolvemos a presente pesquisa, a qual propõe quatro capítulos, além da introdução, das considerações finais e das referências.

No próximo capítulo, discutimos as definições apresentadas por teóricos em Fraseologia para definir e explicar o objeto de estudo. Apresentaremos os conceitos e classificações estabelecidas por Corpas Pastor (1996), que recolhe as classificações das Unidades Fraseológicas previamente feitas e elabora uma nova classificação a partir delas. Também consideraremos os trabalhos de Mario García-Page (1995; 1999; 2001; 2007), os quais proporcionam, a este estudo, um viés morfossintático, pois o autor em questão realiza estudos sobre as possíveis variantes morfológicas e sintáticas das Unidades Fraseológicas. Trazemos, ainda, Ruiz Gurillo (1997), por ser considerada uma das pesquisadoras mais importantes no que diz respeito ao estabelecimento da Fraseologia como uma disciplina linguística. Além disso, a autora considera: (i) noções como a de protótipo; (ii) o papel de mecanismos cognitivos como a metáfora e a metonímia na emergência das UFs; e (iii) a frequência de uso, a repetição e/ou rotinização.

No Capítulo 3, estabelecemos a relação entre as noções expostas, no Capítulo 2, com pressupostos teóricos do cognitivismo como corrente linguística, estabelecendo a importância do uso como ferramenta essencial dos mecanismos cognitivos dos falantes. São considerados autores como Bybee (2003; 2010), quem destaca o papel da frequência na emergência de novas formas gramaticais, entendendo-a como um processo por meio do qual uma sequência de morfemas ou palavras usadas frequentemente se torna automatizada como uma unidade de

processamento. Tal concepção estabelece um diálogo da Linguística Cognitiva com a teoria das construções desenvolvida por Goldberg (1995). Estabelecemos, ainda, a relação entre a corrente que fundamenta teoricamente a pesquisa com as categorias de análise – Tempo e Aspecto –, sinalizando que, por se tratar da análise de duas categorias consideradas experiências humanas básicas, elas se relacionam diretamente com a cognição humana, sendo, finalmente, expressas na linguagem.

No Capítulo 4, detalhamos os procedimentos metodológicos levados a cabo na pesquisa, expondo delimitações como: (i) o recorte do objeto de estudo; (ii) os *corpora* selecionados; (iii) o programa estatístico utilizado; e (iv) o grupo de fatores considerados na análise, especificando o tratamento das variáveis controladas.

No Capítulo 5, partimos para a análise, averiguando as leituras temporais e aspectuais das CFs em estudo nos *corpora* considerados neste estudo.

Finalizamos apresentando as considerações finais do estudo, em cuja etapa sintetizamos os pontos centrais dos resultados obtidos e apontamos os desafios apresentados no decorrer da pesquisa.



## 2 CONTEXTUALIZANDO O OBJETO: AS CFs NOS ESTUDOS FRASEOLÓGICOS

A Fraseologia costuma ser definida como o estudo das frases convencionais, concebendo a “frase” como qualquer expressão de múltipla palavra até o nível de sentença<sup>6</sup> (PAWLEY, 1998, p. 122). Ruiz Gurillo (1997, p.13) define a Fraseologia como a disciplina linguística que analisa os traços dos *Fraseologismos* – a sua função e sua origem –, partindo de três perspectivas: (i) o exame das propriedades internas da Unidade Fraseológica – propriedades fonéticas, morfêmicas, sintagmáticas e lexicômicas e as relações entre elas; (ii) a observação do papel da Unidade Fraseológica em seu contexto; e (iii) a observação da manifestação das Unidades Fraseológicas em outros subsistemas da língua como, por exemplo, a relação entre o sistema léxico com o sistema sintático.

Nesse contexto, entende-se que o objeto de estudo da Fraseologia são as Unidades Fraseológicas<sup>7</sup>, que são definidas como construções linguísticas formadas pela combinação fixa de duas ou mais palavras; ou seja, qualquer sequência de palavras que no uso seja fixa e que possua idiomaticidade. Autores como Ruiz Gurillo (1997, p. 14), definem as UFs como a “combinação fixa de palavras que apresenta algum grau de fixação e, eventualmente, de idiomaticidade”<sup>8</sup> Assim sendo, as UFs apresentam uma série de características que segundo os autores são importantes para sua classificação: fixação, institucionalização e idiomaticidade, sobre as quais discorreremos na seção adiante.

### 2.1 FIXAÇÃO, INSTITUCIONALIZAÇÃO E IDIOMATICIDADE

A principal característica das UFs é a *institucionalização*, que se refere ao comportamento linguístico dos falantes, ao uso repetido de combinações já criadas, ou seja, atos de fala que foram se transformando

---

<sup>6</sup> *Phraseology can be loosely defined as the study of conventional phrases, where “phrase” means any multi-word expression up to sentence level.*

<sup>7</sup> Considerando que neste capítulo contextualizamos o objeto à luz da teoria da Fraseologia, aqui mantemos a nomenclatura tradicional nesse âmbito, ou seja: Unidades Fraseológicas (UFs). Em outros momentos, retomamos a nomenclatura adotada nesta pesquisa – Construções Fraseológicas (CFs) – já sinalizada na introdução. Na seção 3.3, justificamos essa escolha.

<sup>8</sup> *Combinación fija de palabras que presenta algún grado de fijación y eventualmente de idiomaticidad.*

em construções pré-fabricadas disponíveis para novos atos de fala<sup>9</sup>. Portanto, seria possível afirmar que a essência da *institucionalização* é a frequência, a qual pode ser entendida como de dois tipos: frequência de uso e a frequência de co-ocorrência. A primeira, segundo Corpas Pastor, (1996, p. 20), é a frequência em que cada uma das ocorrências aparece na língua, considerando, como “ocorrência”, a UF em conjunto. Por outro lado, a frequência de co-ocorrência se refere a determinadas UFs, cujos constituintes aparecem mais nas combinações do conjunto da UF do que isolados na língua. Nessa perspectiva, quanto mais utilizada a combinação de palavras, mais fácil será para o falante gravar a construção na memória, para assim recuperá-la e reproduzi-la empregando as mesmas palavras na mesma ordem.

Há autores que preferem definir a *institucionalização* a partir de outros termos. Tagnin (1989, p. 12), por exemplo, usa o termo *convencionalidade* e estabelece três níveis nos quais ela pode ocorrer: (i) o nível sintático, que compreende as variações e as possibilidades de combinabilidade dos elementos que compõem a UF – o qual será trabalhado, nesta investigação, como *fixação*; (ii) o nível semântico, que observa as relações entre a expressão e seu significado – nesse sentido este nível será entendido como *especialização semântica*; e (iii) o nível pragmático, que diz respeito aos comportamentos e as situações sociais em que as UFs são empregadas pelos falantes. Conseqüentemente, e dentro do marco desta pesquisa, a *institucionalização* é entendida em termos de *fixação* e *especialização semântica*, devido ao fato de que tanto a fixação quanto a especialização semântica só vão ocorrer depois que a unidade tenha sido utilizada frequentemente, sendo, portanto, institucionalizada.

Nessa perspectiva, os estudos em Fraseologia definem a *fixação* (ou estabilidade formal) como a propriedade de determinadas expressões poderem ser reproduzidas na forma de combinações previamente feitas; o que pode ser visto como resultado de um processo histórico-diacrônico, evolutivo e de transformação lenta em que uma construção livre e variável se converte em uma construção fixa como consequência de sua frequência de uso. A *fixação*, na maioria das vezes, não segue um padrão estabelecido, ela é uma fixação arbitrária e pode se manifestar segundo os seguintes critérios:

---

<sup>9</sup> Para os autores citados, o ato de fala é entendido como unidade mínima de comunicação.

- a) Inalterabilidade da ordem dos componentes: por exemplo, a construção institucionalizada *puse el grito en el cielo* não permitiria uma modificação como *en el cielo puse el grito*, já que, embora seja uma sentença bem formada no espanhol, ela dificilmente seria utilizada por falantes nessa ordem dentro de um contexto idiomático.
- b) Invariabilidade de alguma categoria gramatical (de número, gênero, tempo verbal etc.): por exemplo, *tiré la toalla* não admite o uso de *tiré las toallas*, sem comprometer o valor idiomático. Porém, tal como será discutido na seção 2.3, a maior parte das UFs permite certa variação na flexão verbal. Portanto, uma sentença como *ha tirado la toalla* pode ser aceita por falantes nativos.
- c) Imodificabilidade do inventário dos componentes: por exemplo, uma UF como *haber gato encerrado* tem seu sentido fraseológico pleno apenas quando construída com *haber + gato encerrado*. Em outras palavras, a fixação da UF não permite a inserção de algum outro componente ou item lexical diferente a *haber + gato + encerrado*, nesse sentido, uma modificação como a inserção de um numeral, *haber un gato encerrado*, faz com que se comprometa o sentido idiomático da UF.
- d) Insostituibilidade dos elementos componentes: por exemplo, na UF *echar leña al fuego*, o sintagma *al fuego* é fundamental para a significação da unidade. Trocá-lo por *a la hoguera*, apenas para ilustrar, faria com que ele perdesse sua carga idiomática. Esta última característica é considerada como fundamental, pois uma expressão só é fixa quando determinados elementos do vocabulário entram em combinação.

Os critérios anteriormente resenhados são estabelecidos na teoria fraseológica com o objetivo de delimitar as propriedades de um fenômeno considerado, até a década de 1970, como signos não produtivos da língua. Assim, segundo esses critérios, a fixação estabeleceria que todas as UFs apresentam sempre os mesmos componentes, na mesma ordem e com a mesma forma. Por exemplo, as UFs *poner el grito en el cielo* e *pagar los platos rotos* deveriam aparecer sempre nessa estrutura, já que qualquer modificação pode comprometer o sentido idiomático da unidade. Se modificarmos *poner el grito en el cielo*, conforme o critério descrito em

(d), substituindo, por exemplo, o item lexical *grito* por um sinônimo como *alarido*, a unidade resultante – *poner el alarido en el cielo* – poderia gerar um estranhamento no falante nativo, desencadeando, nesse sentido, em perda de idiomaticidade da UF. A mesma perda aconteceria se incluíssemos um novo item lexical ao inventário dos componentes da UF – *poner varios gritos en el cielo*.

Do mesmo modo, podemos aplicar os critérios à UF *pagar los platos rotos*. Se modificarmos a ordem dos componentes – critério em (a) –, geraremos uma construção do tipo *los platos rotos pagar*, cujo significado já não tem uma carga idiomática. No caso do critério em (b), a modificação na categoria gramatical de número geraria uma construção de significado literal – *pagar el plato roto* –, a qual seria interpretada no sentido de que alguém quebrou algum prato e pagou com um prato novo, levando, como se pode observar, à perda do sentido de “pagar o pato”. Se, por exemplo, seguindo o critério em (c), modificássemos o inventário dos componentes da construção inserindo materiais lexicais como *y vasos*, estaríamos frente à construção *pagar los platos y vasos rotos*, a qual teria, como nos exemplos anteriores, um significado mais literal do que idiomático.

Assim, podemos observar que dentro dos estudos em fraseologia a *fixação* é uma característica importante de nosso objeto de estudo. No entanto, como será visto na análise dos dados – Capítulo 5 – os falantes nativos da língua espanhola realizam algumas modificações dos critérios anteriormente explicados sem que se veja comprometida a idiomaticidade das UFs.

Nessa ordem de ideias, a *fixação* é explicada como o processo que ocorre primeiro para logo desencadear no processo de mudança semântica. Segundo Corpas Pastor (1996, p.26), esse processo nunca acontece inversamente, ou seja, toda expressão que apresenta especialização semântica é necessariamente fixa; porém, nem toda expressão fixa passou pelo processo de especialização semântica. É o caso das expressões chamadas de fórmulas rotineiras, como *con mucho gusto* ou *no te pongas así*; ou colocações como *negar rotundamente* ou *rebanada de pan*. Esses tipos de expressões estão no seu grau máximo de fixação, porém seu significado literal não sofreu nenhuma modificação.

Para Corpas Pastor (1996, p.25), a *especialização semântica* é considerada um processo de lexicalização, já que se trata do surgimento de novos significados para os itens lexicais. Tal processo implica, em muitas ocasiões, em supressão do significado primário para dar passo a um significado que se transforma em um significado menos icônico. Em outras palavras, a construção se transforma e adquire *idiomaticidade*.

Teóricos da Fraseologia como Corpas Pastor (1996) afirmam que a *idiomaticidade* acontece depois da *fixação*. Contudo, acreditamos, nesta pesquisa, que a especialização semântica passa por um caminho paralelo à fixação, ou seja, o grau máximo de cristalização de uma UF é dado por duas vias que têm um caminho paralelo: a via morfossintática e a via semântica. A *idiomaticidade* é, portanto, a propriedade semântica em que o significado total não é dedutível do significado isolado dos elementos que a compõem. A *idiomaticidade* é de ordem pragmática, já que aquelas expressões que têm essa propriedade são usadas em determinados contextos comunicativos. Ela segue um princípio geral: um usuário da língua tem, disponível para si, um grande número de frases pré-semiconstruídas, que constituem escolhas únicas mesmo quando elas parecem ser analisáveis em segmentos (SINCLAIR, 1991, p. 110).

Da mesma forma com que se estabelece a *fixação*, a *idiomaticidade* também é discutida a partir de alguns critérios, a saber:

- a) É a combinação estável de pelo menos dois termos, que funcionem como elemento oracional, cujo significado não se justifique pela soma dos significados de cada elemento que a compõe. Responde ao que é próprio e peculiar de uma língua, mas é possível interpretar de acordo com os traços semânticos.
- b) A *idiomaticidade*, assim como a *fixação*, é gradual. Há combinações com *idiomaticidade* total e combinações que são fixas, mas não *idiomáticas*. Geralmente, as UFs que apresentam *idiomaticidade* apresentam também *fixação* e o grau de *fixação* está ligado ao grau de *idiomaticidade*.

Considerando a existência de diferentes definições e caracterizações das UFs, trazemos, abaixo, o quadro de Noimann (2007, p. 26), que sintetiza essa heterogeneidade no tratamento do fenômeno, na tentativa de ilustrar concepções ora discrepantes ora convergentes, no que diz respeito à concepção dos fraseologismos e de suas características.

Quadro 1 – Definições e características dos fraseologismos (cf. Noimann, 2007, p. 26).

<b>PESQUISADOR</b>	<b>DEFINIÇÃO</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>
Zuluaga (1980)	Combinações de ao menos duas palavras e aquelas formadas por frases completas.	- Fixação fraseológica. - Fixação pragmática.
Gross (1996)	É uma sequência que é o produto de seus elementos componentes.	- Polilexicalidade. - Opacidade semântica. - Não-atualização dos elementos. - Não-inserção de elementos.
Gurillo (1997)	São unidades equivalentes a um sintagma ou palavra. Também chamados de sintagmas fraseológicos.	- Idiomaticidade na fixação. - Idiomaticidade na comutação.
Penadés Martínez (1999)	Combinação de palavras que mostram um alto grau de fixação em sua forma e em seu significado.	- Fixação. - Idiomaticidade.
Pérez (2000)	- Sentido estrito: compreende todas as combinações de palavras que possuem certas características estruturais e funcionam como elementos oracionais. - Sentido amplo: compreende as de sentido estrito mais aquelas que não apresentam as características requeridas.	- Fixação. - Idiomaticidade.
Colado (2004)	Unidade léxica composta por mais de uma palavra, que mostra um significado próprio,	- Fixação formal. - Idiomaticidade.

	além da simples soma do significado das palavras constituintes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Significado próprio me seu conjunto.</li> <li>- Valor pragmático.</li> </ul>
Montoro (2004)	-	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fixação.</li> <li>- Idiomaticidade.</li> <li>- Combinação de dois ou mais elementos no discurso.</li> </ul>
Navarro (2004)	Podem pertencer a vários tipos categoriais e cumprem diversas funções sintáticas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fixação interna.</li> <li>- Unidade de significado.</li> </ul>
Welker (2005)	São sintagmas mais ou menos fixos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Idiomaticidade.</li> <li>- Congelamento.</li> </ul>
Sánchez (2005)	São os resultados da intuição da mente e de um processo constitutivo, a fraseologização.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Unidade poliléxica e caráter idiossincrático.</li> <li>- Irregularidade e dependência de contexto.</li> </ul>
Iliná (2006)	Complexos sintagmáticos de naturezas diversas que vão desde estruturas simples (rotinas) até os que apresentam um grau de fixação maior e da especificidade idiomática.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fixação.</li> <li>- Idiomaticidade.</li> </ul>

No Quadro 1, podemos ver onze autores que estabelecem definições e características das UFs. Dos onze estudos, sete caracterizam as UFs como fixas e idiomáticas (GURILLO, 1997; PENADÉS MARTINEZ, 1999; PÉREZ, 2000; COLADO, 2004; MOTORO, 2004; WELKER, 2005 e ILINÁ, 2006). Diferentemente desses autores, Zuluaga (1980) e Navarro (2004) estabelecem apenas a fixação como característica, sem discutir amplamente a idiomaticidade. Por outro lado, é possível observar, no quadro, uma aproximação no que tange às definições que os autores fazem das UFs: todos consideram que se trata de construções de caráter sintagmático, formadas por várias palavras e que estão providas de significado. No entanto, mesmo tendo aproximações nas definições, algumas delas se distanciam, como é o caso da definição dada por Sánchez (2006), na qual já se fala das UFs como resultado de um processo que se dá a partir da intuição da mente dos falantes.

## 2.2 CLASSIFICANDO AS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Levando em consideração as características e propriedades anteriormente descritas, as UFs são divididas em vários grupos, existindo numerosas classificações feitas por diferentes autores. Ressaltaremos aqui as mais relevantes.

A primeira classificação das UFs aparece nos anos 50. Corpas Pastor (1997, p. 33) cita a divisão proposta por Casares (1992 [1950]), quem é conhecido como o fundador da Fraseologia espanhola e propõe dois grupos de UFs: *locuções e fórmulas proverbiais*. As locuções seriam uma combinação estável de dois ou mais termos que funcionariam como um elemento oracional, cujo sentido só se justifica como uma soma do significado de seus componentes. Já as fórmulas proverbiais se constituem como uma entidade léxica autônoma que, diferentemente das locuções, não funciona como um elemento oracional.

Essa primeira tipologia realizada por Casares (1992 [1950]) é a base para o surgimento de novas classificações. Uma das mais importantes e completas, feita por Corpas Pastor (1996), retoma as tipologias anteriores e divide as UFs em três grandes grupos: colocações, locuções e enunciados fraseológicos (CORPAS PASTOR, 1996, p. 51).

As *colocações* são combinações de unidades léxicas de uso frequente na língua, formadas a partir de uma norma, e que apresentam certo grau de restrição combinatória, ou seja, são sintagmas pré-fabricados, combinados a partir de regras sintáticas da língua; não são, portanto, combinações livres. Contudo, elas não têm uma fixação já



determinada e definida. Pode-se considerar, como consequência disso, que se encontram na “metade do caminho” de alcançar o grau máximo de cristalização. O significado das colocações pode ser deduzido da soma dos significados de seus componentes – não são idiomáticas; porém, em algumas ocasiões, pode ter um significado conjunto. É o caso, por exemplo, de expressões como *deuda externa* e *paquete bomba*, que são consideradas como um único constituinte, cujo significado se depreende do conjunto.

No que tange às *locuções*, Corpas Pastor (1996, p. 88) as define como UFs do sistema da língua que apresentam os traços de fixação interna, unidade de significado e fixação externa. Segundo a autora, são unidades que não constituem enunciados completos e que funcionam como elementos oracionais. Como exemplificação, citam-se locuções verbais como *acostarse con las gallinas* e *hablar por los codos*.

Já os *enunciados fraseológicos* são enunciados completos que constituem atos de fala e apresentam uma fixação interna e externa. Segundo Corpas Pastor (1996, p. 132) os enunciados fraseológicos podem ser de dois tipos: parêmiás e fórmulas rotineiras. As primeiras seriam os refrãos e os provérbios, unidades completamente lexicalizadas e cristalizadas com significado referencial, como por exemplo, *más sabe el diablo por viejo que por diablo* e *no hay mal que por bien no venga*. Já as fórmulas rotineiras podem aparecer como sentenças exclamativas e/ou imperativas para expressar surpresa, raiva, rejeição ou admiração, como por exemplo: *¿como estás?* *¡Virgen pura!* e *con mucho gusto*, unidades de uso muito frequente na fala e que fazem parte do discurso como unidades organizadoras ou que expressam sentimentos ou estados mentais do emissor.

Sendo as *locuções* o principal interesse desta dissertação, será apresentada, a seguir, uma descrição mais ampla desse tipo de UF.

Segundo Corpas Pastor (1996, p. 90), as *locuções* têm várias características em comum com as combinações livres de palavras e com outras unidades complexas. O que diferencia as locuções desse outro tipo de construção é a sua institucionalização, sua estabilidade sintático-semântica e a função denominativa. Para a autora, existem três critérios para testar a estabilidade e a integridade semântica das locuções: via substituição, eliminação e transformação.

A substituição seria a troca de um elemento da UF por um sinônimo, hipônimo ou hiperônimo. O resultado seria a manutenção da sequência da unidade e do número dos elementos gramaticais, com uma mudança, contudo, na coesão semântica. A título de exemplificação, citemos a substituição do verbo *mirar* pelo verbo *observar* na UF *mirar y*

*no tocar por observar y no tocar*, que resulta na perda do conteúdo idiomático da unidade.

O segundo critério diz respeito à eliminação de algum elemento da unidade que, embora não comprometa a gramaticalidade da unidade, implica em perda da significação como conjunto. Seria o caso, por exemplo, da eliminação constatada em *matar pájaros de un tiro* da UF *matar dos pájaros de un tiro*.

O último critério é a transformação, ou “deficiências transformativas”, que se refere, principalmente, a todas as locuções verbais e inclui qualquer tipo de transformação que uma locução possa ter. Em outras palavras, refere-se à reordenação dos elementos de uma UF ou à inserção de algum material lexical que modifique o valor da unidade. Podemos ilustrar com os seguintes exemplos: a transformação das UFs *dar gato por liebre* por *dar liebre por gato* e *estirar la pata* por *estirar una pata*.

As locuções podem ser divididas, segundo Corpas Pastor (1996), de acordo com a função oracional que exercem, independentemente de ser uma palavra simples ou um sintagma. Podem também ser classificadas a depender do núcleo do sintagma que constituem, ou seja, do núcleo da Unidade Fraseológica como tal. Assim, as locuções podem ser classificadas, conforme ilustramos na sequência, como locuções nominais, adjetivas, adverbiais e verbais. Há, também, as prepositivas e as conjuntivas, que são formadas pelo verbo e por uma conjunção, formando um sentido unitário.

- As **locuções nominais** são aquelas que estão formadas por diversos sintagmas nominais:
  - Substantivo + adjetivo, *mosca muerta*.
  - Substantivo + preposição + substantivo, *lágrimas de cocodrilo*.

As locuções nominais cumprem as mesmas funções que um substantivo ou um sintagma nominal.

- As **locuções adjetivas** exercem as funções de atribuição e predicação e são constituídas por um sintagma adjetivo composto de adjetivo/particípio + preposição + substantivo. Por exemplo: *chapado a la antigua*. Também podem ser constituídas por adjetivo + adjetivo, como é o caso das expressões *sano y salvo* e *hecho y derecho*. Encontram-se também comparações constituídas com o advérbio “como” entre o substantivo e o adjetivo: *blanco como la pared*, por exemplo.

- As **locuções adverbiais** são aquelas formadas por sintagmas prepositivos que desempenham a função de acordo com a categoria gramatical, por exemplo, a expressão *con la boca abierta* desempenha a função de modo.
- As **locuções verbais** – objeto de estudo desta dissertação – expressam processos e formam predicados com ou sem complemento. Podem ser formadas por:
  - Verbo + conjunção + verbo: *llevar y traer*.
  - Verbo + pronome: *cargársela*.
  - Verbo + partícula associada: *dar de sí*.
  - Verbo copulativo + atributo: *ser el vivo retrato de alguien*.
  - Verbo + complemento circunstancial: *dormir como un tronco*.
  - Verbo + suplemento: *oler a cuerno quemado*.
  - Verbo + objeto direto: *costar un ojo de la cara*.
 Existem também as locuções verbais fixadas na forma negativa: *no tener vuelta de hoja* e *no tener un pelo de tonto*, entre outras.
- As **locuções prepositivas** são formadas, geralmente, por um advérbio seguido de uma preposição ou por um substantivo antecedido de uma preposição. Por exemplo: *en lugar de* e *a imagen y semejanza*.
- As **locuções conjuntivas** não formam sintagmas, tampouco podem ser o núcleo deles. Exercem a função coordenativa ou subordinativa no discurso e não costumam aceitar variações de nenhum tipo. Por exemplo, *mientras tanto*, que inserida como subordinante em uma sentença, marca a simultaneidade entre dois eventos; e, *mejor dicho*, que exerce uma função coordenativa explicativa.
- As **locuções causais** são as formadas por vários sintagmas, sendo um deles verbal. Elas apresentam um sujeito e um predicado que, geralmente, expressam um juízo. São icônicas e funcionam como elementos oracionais. É o caso das unidades *se me hace agua la boca* e *se me cae la cara de la vergüenza*, entre outras.

Com o propósito de sintetizar a heterogeneidade presente nas classificações das Unidades Fraseológicas, levando em consideração, nesse sentido, diferentes autores, trazemos o quadro de Noimann (2007, p. 28), na página seguinte.

Quadro 2 – Fraseologismos: tipos e designações (cf. Noimann, 2007, p. 28).

<b>PESQUISADOR</b>	<b>TIPO DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS</b>	<b>DESIGNAÇÕES</b>
Zuluaga (1980)	Locuções e enunciados fraseológicos.	Fraseologismo.
Gross (1996)	Locução.	Locuções.
Gurillo (1997)	Locuções ou modismos.	-
Penadés Martinez (1999)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ditos.</li> <li>2. Expressões idiomáticas.</li> <li>3. Frases.</li> <li>4. Modismos.</li> <li>5. Gírias.</li> <li>6. Idiomatismos.</li> <li>7. Locuções.</li> <li>8. Modos de dizer.</li> <li>9. Frases feitas.</li> <li>10. Refrãos.</li> <li>11. Provérbios.</li> <li>12. Colocações.</li> <li>13. Expressões unidades pluriverbais.</li> <li>14. Unidades léxicas pluriverbais..</li> </ol>	Fraseologismo.
Pérez (2000)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Combinações de palavras.</li> <li>2. Provérbios.</li> <li>3. Refrãos.</li> <li>4. Aforismo.</li> <li>5. Fórmulas fixas.</li> <li>6. Frases feitas.</li> </ol>	Fraseologismo. Unidade Fraseológica.

Colado (2004)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Locuções nominais.</li> <li>2. Locuções adjetivas.</li> <li>3. Locuções verbais.</li> <li>4. Locuções adverbiais.</li> <li>5. Locuções casuais.</li> <li>6. Locuções preposicionais.</li> </ol>	Locuções.
Montoro (2004)	Somente trata da variação fraseológica e sua relação com o dicionário, não classificando os tipos de unidades fraseológicas.	Fraseologismo.
Navarro (2004)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Locuções.</li> <li>2. Enunciados fraseológicos.</li> <li>3. Colocações.</li> </ol>	Fraseologismo ou unidade fraseológica.
Welker (2005)	-	Fraseologismo.
Sánchez (2005)	Locuções: nominais significantes e conexas.	<p>Fraseologia.</p> <p>Unidade fraseológica (UF).</p> <p>Locução e unidade sintagmática verbal.</p> <p>Expressão fixa.</p>
Iliná (2006)	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Fraseologismos idiomáticos.</li> <li>2. Combinatórias lexicais.</li> </ol>	<p>Frasemas.</p> <p>Unidades fraseológicas.</p> <p>Combinações.</p>

No Quadro 2, é possível observar convergências no que diz respeito às classificações das UFs e suas designações. A maioria dos autores citados considera as locuções como parte importante da classificação. Além disso, parece ser geral a utilização do termo “fraseologismo” para essa denominação.

### 2.3 VARIAÇÃO VS. FIXAÇÃO: VISUALIZANDO UM CAMINHO DE FORMAÇÃO

Em termos gerais, verifica-se a tendência, entre os estudiosos da Fraseologia, em considerar a *fixação* como a principal e mais importante característica das UFs. Entretanto, as considerações apresentadas por eles costumam dar destaque à *idiomaticidade* sendo um traço relevante para a descrição das UFs, como um conjunto. Não obstante, cabe mencionar que o traço da idiomaticidade não será considerado de modo detalhado nesta pesquisa, já que o objetivo é determinar os tipos de variação temporal e aspectual que determinadas UFs permitem, quando são empregadas pelos falantes, sem comprometer sua idiomaticidade.

Assim, em atenção aos propósitos desta investigação, serão consideradas as propriedades de *Fixação* e *Variação* das UFs, como sendo particularidades morfossintáticas que definem sua estabilidade em diversos graus. Portanto, leva-se em consideração o fato de que existe a possibilidade de variação nos elementos integrantes de determinada UF.

A *variação* pode ser examinada como a propriedade que coloca à prova a autenticidade da *fixação*. Algumas das UFs apresentam variação léxica de um dos seus constituintes, o que, em outras palavras, refere-se ao fato de que a UF não apresentará diferenças de sentido quando a substituição for parcial, e não de toda a expressão. Essa substituição também é considerada fixa. Melhor explicitando esse ponto: a expressão *el que menos corre vuela*, por exemplo, atribui uma característica de esperteza para uma pessoa. Em algumas regiões hispanofalantes, ela é construída substituindo o advérbio de comparação *menos* pelo advérbio de negação *no*: *el que no corre vuela*.

Nessa perspectiva, pode-se pensar que o grau de modificação que a UF apresenta é proporcional ao seu grau de fixação, ou seja,

quanto maior for o grau de fixação e, portanto, sua institucionalização, mais possibilidades haverá de que [as UFs] sofram modificação no discurso, e que tal modificação e seu efeito sejam reconhecidas

pelos falantes”<sup>10</sup> (CORPAS PASTOR, 1996, p. 29).

## 2.4 VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA

A variação morfológica, possível no uso das UFs, é fundamentalmente do tipo flexional. Seguindo a natureza dos morfemas, a variação pode se manifestar na forma verbal, na categoria de número, de gênero ou de grau. Essas questões serão tratadas nas subseções adiante.

### 2.4.1 Variação flexiva e derivativa

Quanto às mudanças morfológicas, as mais comuns são aquelas que se referem ao núcleo do predicado verbal de uma UFs da categoria das locuções verbais. De modo geral, os núcleos sofrem variações nas desinências de tempo, modo, pessoa, número e aspecto, a depender das necessidades do falante no discurso. Assim, uma UF como *acostarse con las gallinas* poderia ser morfológicamente constituída por dez dos quinze tempos verbais do espanhol, permitindo, por exemplo, o uso de três das oito formas pretéritas e das diferentes formas de futuro: *me acosté con las gallinas*, *me he acostado con las gallinas*, *voy a acostarme con las gallinas* e *me acostaré con las gallinas*<sup>11</sup>.

Embora na literatura seja comum o tratamento morfológico da variação temporal, neste trabalho, ampliamos a discussão considerando a variação aspectual licenciada ou bloqueada por certas UFs. Como falante nativa da língua espanhola, causa-me estranhamento a flexão aspectual apresentada em UFs como *se acababa la buena vida* e *iba viento en popa*, para as quais o emprego mais natural seria, respectivamente, *se acabó la buena vida* e *va viento en popa*<sup>12</sup>.

Por outro lado, é comum encontrar variações do tipo nominal nas locuções verbais. Como exemplificação, citemos a variação no morfema

---

<sup>10</sup> *Cuanto mayor es su fijación, y por ende su institucionalización, más posibilidades hay de que sufran modificaciones en el discurso, y de que tal modificación y su efecto sean reconocidos por los hablantes.*

<sup>11</sup> Esta afirmação é feita, neste projeto, após uma busca prévia nos *corpora* <[www.corpusdelespanol.org](http://www.corpusdelespanol.org)> e <<http://corpus.rae.es/creanet.html>>, além de ter, como base, minha intuição de faltante nativa do espanhol.

<sup>12</sup> Porém, não se exclui a possibilidade de que elas possam ter variação aspectual em certos contextos de uso. Tendo em vista as questões e hipóteses desta pesquisa, na seção teórica 3.2 são resenhadas as leituras sobre as categorias de Tempo e Aspecto.



de gênero e número, como no caso de (i) *hacer castillos en el aire*, cuja modificação implicaria na inclusão do quantificador *un* na formação da unidade *hacer un castillo en el aire*; e (ii) *hacerse el loco*, cuja modificação se daria para indicar a referência ao gênero feminino *hacerse la loca*. Tais modificações, nesses casos, não comprometem a idiomaticidade das expressões.

Podem-se encontrar, além disso, UFs com forte grau de resistência a qualquer tipo de variação, ocorrendo a fixação em formas de singular ou de plural, como por exemplo: *entre la espada y la pared* e *hablar por los codos*, que não permitem variação de número – *\*entre las espadas y las paredes* e *\*hablar por el codo*. Nesse tipo de UF, poder-se-ia pensar que a resistência a modificações desse tipo se deve ao fato de elas envolverem experiências concretas que têm relação com partes do corpo humano. A primeira UF remete a um duelo em que, normalmente, o indivíduo é posto frente a uma espada e contra uma parede, fazendo com que perca qualquer possibilidade de movimento, o que dá o sentido figurado à UF. A segunda envolve partes do corpo; especificamente, os cotovelos, que no ser humano são dois, e por isso seria estranho utilizar a expressão no singular. Outro exemplo é a expressão *ojos que no ven, corazón que no siente*<sup>13</sup>, que não aceita modificações no plural *ojos* nem no singular *corazón*. Podemos associar essa fixação de número ao fato de que, realmente, os seres humanos têm dois olhos e somente um coração, então causaria estranhamento dizer *ojo que no ve*, no singular, pois este uso implicaria em a pessoa ter apenas um olho, condição anormal em humanos. Nesse caso, o que poderia acontecer é a pessoa ser capaz enxergar somente por um olho, porém, isso iria além da estrutura básica criada para gerar o significado de que quem não vê, simplesmente não sente.

Outras UFs têm a particularidade de permitir variações de caráter derivativo, especificamente de derivação apreciativa, correspondendo a mudanças afixais, tais como aumentativos, diminutivos e superlativos, as quais afetam o componente nominal da locução verbal. Nessa direção, *dormir como un ángel* permite a variação a partir da presença de um diminutivo: *domir como un angelito*.

---

<sup>13</sup> O fraseologismo equivalente, no português, seria: “o que os olhos não veem, o coração não sente”.

## 2.4.2 Variação sintática

A variação sintática se apresenta na inserção de um novo componente léxico, na supressão de um componente existente ou na modificação da ordem da UF. Os tipos de variação que algumas das UFs podem apresentar são classificados como variantes léxicas, caixas vazias, séries fraseológicas, esquemas fraseológicos, formulações diversas, abreviaturas fraseológicas e aquelas que apresentam mudanças na sua ordem distribucional (GARCÍA-PAGE, 2001).

As variantes léxicas são, segundo García-Page (2001), estruturas que contêm uma parte que é fixa e invariável; e outra que é móvel e apresenta mudanças. Esta última é como uma lacuna, que pode cobrir qualquer elemento do paradigma do qual faz parte, ou seja, a existência de variantes é vista como uma criação de paradigmas de signos que são alternantes e comutáveis normalmente sem nenhum tipo de restrição sintática ou pragmática. Em muitos casos, as UFs preveem as modificações, já que elas são também fixas, razão pela qual é possível falar de um “inventário de variantes” (GARCÍA-PAGE, 2001, p. 169).

Para exemplificar as variantes léxicas, consideremos a UF *mandar [algo / alguien] a (...)*. Essa UF desenvolve dois paradigmas de variantes com estrutura diferente: um é um sintagma nominal (SN) de expansão mínima e limitada – *mandar [algo / alguien] a la porra / al carajo / al infierno / al demonio*. Outro paradigma tem a estrutura de uma oração em infinitivo: *mandar [algo / alguien] a freír espárragos / hacer puñetas / tomar viento fresco*. Neste último caso, todas as estruturas que se formam têm três inventários distintos, cujos núcleos são predicativos não intercambiáveis, ou seja, as substituições no sintagma nominal estão fixadas como variantes de cada paradigma ou subparadigma; e qualquer intercâmbio que se faça, diferentemente das variantes estabelecidas, gera uma sentença atípica como *\*mandar a freír viento fresco*, *\*mandar a hacer espárragos* e *\*mandar a tomar puñetas*.

Na variação sintática também estão as denominadas “caixas vazias”, estruturas sintáticas inconclusas, cuja lacuna – ou caixa vazia – é preenchida por peças léxicas da técnica livre. Esse tipo de variante é considerado, por Zuluaga (1992, p. 126), como uma manifestação particular do fraseologismo de variantes, já que a sua estrutura se divide também em uma parte estável, fixa e outra móvel. Segundo o autor, mesmo quando os inventários das variantes estritas são fechados, nem todos têm os mesmos índices de previsibilidade, nem o mesmo caráter hermético. Do mesmo modo, não existe homogeneidade em seus

paradigmas no que se refere à extensão, ao número de componentes e à fixação.

García-Page (2001, p. 175) faz uma análise dos exemplos com os quais Zuluaga argumenta sobre essa não homogeneidade das variantes das UFs. Nos casos de *cero y va(n) (...)* e *pasar (...)* *noche(s) en vela*, embora seja ilimitado o número de possibilidades para preencher a lacuna, essas possibilidades estão limitadas a um inventário de quantificadores: números cardinais no caso da primeira; e cardinais ou indefinidos no caso da segunda. Como consequência disso, esse tipo de construção seria formado assim: *cero y va una, cero y van dos*, etc. e *pasé la noche en vela, pasé dos noches en vela*, respectivamente.

Outro tipo de variação são as chamadas “séries fraseológicas”, as quais apresentam praticamente as mesmas características que as variantes de caixa vazia, com a diferença de que são um tipo de expressão fixa com uma particularidade na sua estrutura sintática: o paradigma geralmente é binário; e os constituintes têm, normalmente, uma relação de antonímia entre si. É o caso das UFs *llevar las de ganar/perder, tiempos de vacas gordas/flacas, de lejos/cerca* e *ser el bueno/malo de la película*.

Por outro lado, Gracia-Page (2001) distingue outro tipo de variante, conhecido como “esquemas fraseológicos”. Trata-se de UFs que ainda se associam à fixação de um dos seus componentes com relação à variação de outro. Os esquemas fraseológicos constituem, no geral, mecanismos de reduplicação léxica; e a maioria dos casos correspondem à caracterização de Nome a Nome, como por exemplo é o caso de *golpe a golpe*; ou à estrutura *de Nome en Nome*, tais como nas construções *de casa en casa* e *de flor en flor*.

Há outro tipo de expressão fixa que pode se apresentar sob duas ou mais configurações distintas, mesmo quando elas são bastante similares. Trata-se das “formulações diversas”, que podem ter a presença de signos gramaticais da classe dos subordinantes, determinantes ou modificadores. São exemplos desse tipo de variação as seguintes expressões: *sacar a hombro / sacar en hombros* e *como quien no quiere la cosa / como el que no quiere la cosa*. Como se observa, são formulações semelhantes de uma mesma expressão fixa e não expressões diferentes.

O último conjunto de expressões a ser considerado, como fraseologismo de variantes, é o conjunto das abreviaturas fraseológicas, caracterizadas por ter flexibilidade: ora ficam mais longas quando recebem um modificador, ora ficam mais curtas quando um dos seus componentes desaparece. Nesses casos, tanto o tipo de incremento como o tipo de abreviação estão prefixados e respondem a usos solidificados. Trata-se de UFs que, às vezes, são resultado da junção de duas UFs

diferentes, em que uma delas é uma abreviatura da outra. Podemos exemplificar as abreviaturas fraseológicas com a expressão *por si las moscas*, a qual pode se apresentar com o acréscimo do verbo *picar*, ao final: *por si las moscas pican*. A primeira é o resultado da abreviação da segunda.

A abreviação fraseológica é, talvez, o tipo de variante mais comum no sistema fraseológico do espanhol. Há, por exemplo, muitas UFs que contemplam a presença de um anafórico sem nenhum tipo de referência expressa – realidade que, sob uma perspectiva gramatical, seriam consideradas incompletas. Contudo, sob uma perspectiva discursiva, são absolutamente compreensíveis. É o caso da UF *contar una (película) de vaqueros*, enunciado empregado mais frequentemente sem a palavra *película*. A ausência deste elemento não traz qualquer ruído à comunicação, já que o falante nativo não teria problema em determinar e recuperar o componente suprimido, dada a rotinização da construção. Segundo García-Page (2001, p. 184), essa recuperação é possível pelo conhecimento enciclopédico que o falante tem da língua.

Quanto à adição, o tipo mais frequente nas abreviações fraseológicas se apresenta nos quantificadores e nos modificadores de valor intensificador, como nas expressões *de (pura) chiripa / casualidad*, *no ver más allá de sus (propias) narices* e *matar dos pájaros de un (solo) tiro*.

Observa-se, em todos os casos apresentados, a existência de vários fenômenos dentro do comportamento das UFs, mostrando que elas podem variar em diferentes formas, sobretudo incrementando ou diminuindo seu número de componentes, seja no caráter gramatical, no léxico ou na redução na composição estrutural da UF.

## 2.5 INVENTÁRIO DE VARIANTES: OS GRAUS E TIPOS DE FIXAÇÃO DAS UFs

Como mencionado nas seções anteriores, as UFs são um conjunto de palavras que formam uma unidade e que têm, como característica principal, a fixação. No entanto, essa fixação pode apresentar certa flexibilidade que faz com que elas não sejam totalmente fixas, podendo haver, nesse sentido, formas diferentes de utilizá-las. Não obstante, segundo os autores citados anteriormente, essa possibilidade de variação está também fixada no uso, isto é, não se trata de enunciados novos sendo criados pelos falantes, senão de construções que se comportam como variantes de uma mesma UF.

Por essa razão, há autores que discutem a existência de um inventário de variantes já criado e estabelecido pelo uso dos falantes, no qual estão previstas as possíveis modificações que uma UF permite, apesar do rigor em sua estrutura. Contudo, é importante ressaltar que essa permissão de quebra de regras ou restrições só é permitida quando se garante o reconhecimento da UF e a reconstrução da sua idiomaticidade. Na página seguinte, com base em García-Page (2001) e García Benito (1997), apresento uma figura que sintetiza a classificação das variantes das UFs.

Na Figura 1, podemos observar que existem dois grandes grupos de variantes: as externas e as internas. As variantes externas são aquelas que se referem à fatores sociolinguísticos, como por exemplo, as variantes regionais ou diatópicas, as variantes diastráticas e diafásicas. No caso da variante de tipo diastrática, vemos, na Figura 1, o caso da UF *tener mucha cara* – que é empregada para se referir ao fato de uma pessoa ser sem-vergonha –, a qual coexiste com a variante de criação recente por pessoas de uma faixa etária mais jovem: *tener mucho morro*. Observa-se a substituição da palavra *cara* por *morro*, não alterando o significado idiomático da construção, já que, no espanhol, as duas palavras pertencem ao mesmo campo semântico: *cara*, item que significa a parte do corpo que vai desde a testa até o queixo; e *morro*, que compreende a parte mais saliente da *cara* de alguns animais, isto é, o nariz e a boca. A mudança parece estar motivada pelo mesmo significado da UF utilizada para dar ênfase à característica sobressaliente da pessoa que não tem vergonha na cara.

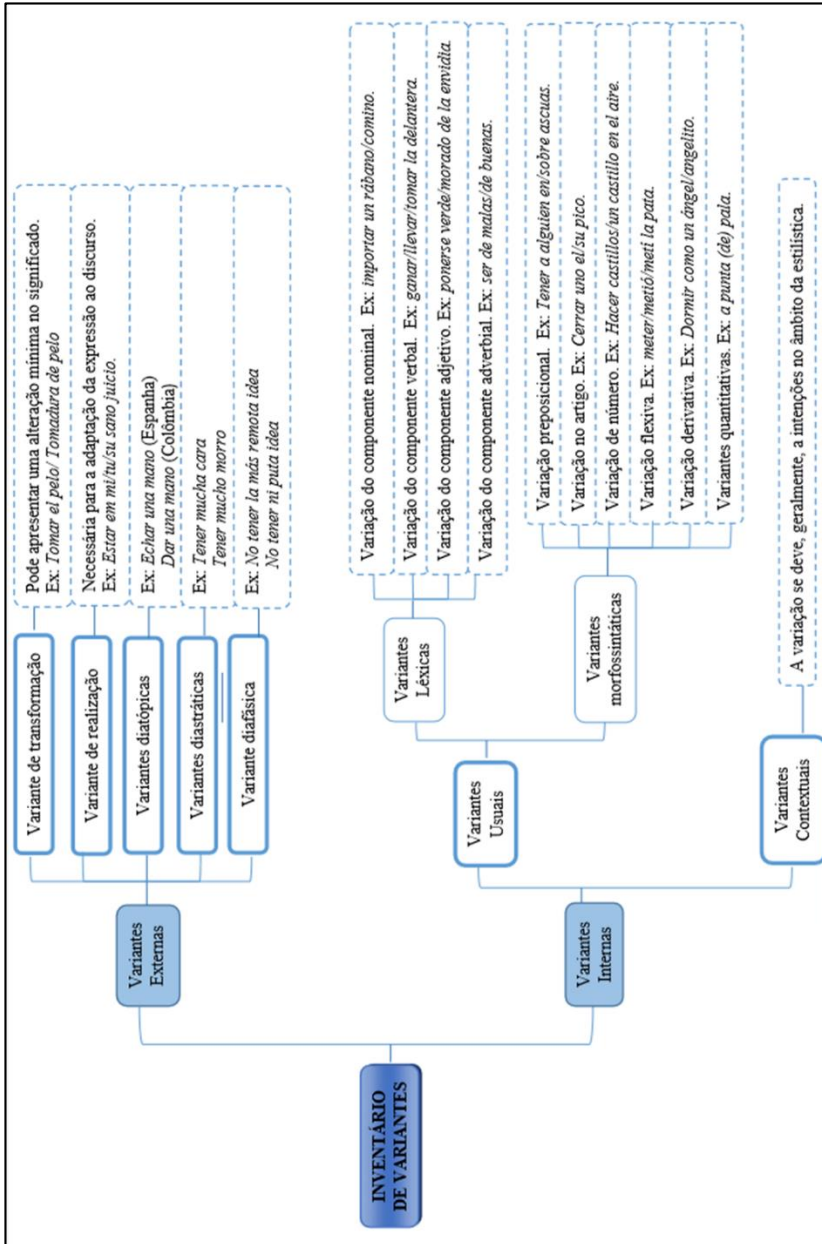
Nessa perspectiva, elencando os tipos de variantes sintetizados na Figura 1 com os objetivos desta pesquisa, consideramos relevante comentar como acontece a realização das variantes usuais, aquelas que se referem a variações internas das UFs, concernentes a variantes do tipo léxico e morfossintático. Este último é, especificamente, o tipo que interessa no contexto desta pesquisa, pois delimita seis tipos de variantes, entre as quais encontramos as variações flexivas, que correspondem à forma como o núcleo verbal é utilizado, isto é, à codificação dos tempos verbais por parte do falante. Assim, se o falante precisa expressar a ação passada de *meter la pata*<sup>14</sup>, por exemplo, fará a codificação na desinência do verbo.

Esse tipo de variante parece estar relacionado com a variante externa de realização, já que as duas se manifestam por meio da adaptação que o falante faz na UF durante seu discurso.

---

<sup>14</sup> CF cujo equivalente, no português brasileiro, pode ser “pisar na bola”.

Figura 1 – Inventário de variantes das UFs.



### **3 QUESTÕES TEÓRICAS: O COGNITIVISMO E AS CATEGORIAS FUNCIONAIS EM ANÁLISE**

No capítulo anterior, apresentamos uma revisão teórica sobre o objeto de estudo desta investigação, ressaltando os estudos em lexicografia e fraseologia, os quais proporcionam uma visão definida das pesquisas na área, abrindo, conseqüentemente, o espaço para os objetivos desta dissertação. As discussões feitas destacam que o problema das Unidades Fraseológicas, no tocante ao uso, vai além do significado, pois não é suficiente que o falante compreenda o que uma expressão significa para que ele possa aplicá-la em um determinado contexto. Esse fato sinaliza a perspectiva de língua que assumo para esta pesquisa: a língua como uma estrutura que reflete o comportamento de seus usuários e que, portanto, é variável e mutável. Nesse sentido, considerando que a linguagem não é autônoma, senão uma parte da organização cognitiva do ser humano, a fundamentação teórica deste estudo se assenta na Linguística Cognitiva e na premissa de que o conhecimento sobre a linguagem surge do próprio uso desta.

#### **3.1 A LINGUÍSTICA COGNITIVA**

Nos estudos em Fraseologia, é recorrente a discussão sobre a relação existente entre essa disciplina e o cognitivismo (RUIZ GURILLO, 1997; 2010). A associação com a Linguística Cognitiva se deve ao fato de que vários dos princípios cognitivistas se aplicam aos processos de formação das Construções Fraseológicas, bem como o papel de mecanismos cognitivos, tais como a metáfora e a metonímia, no que diz respeito à emergência das CFs. Além disso, as duas disciplinas coincidem no interesse pela frequência de uso, pela repetição e pela rotinização de construções que fazem parte da gramática.

Como corrente linguística, o cognitivismo nasce a partir do desentendimento com as ideias gerativistas que haviam predominado nos estudos linguísticos desde 1957. O principal ponto de desencontro está na defesa da necessidade de uma semântica na qual estivessem presentes o indivíduo e suas habilidades cognitivas, isto é, o paradigma da Linguística Cognitiva tem como princípio que as categorias linguísticas não são autônomas frente à organização conceitual geral e aos mecanismos de processamento. A corrente cognitivista parte da concepção da linguagem como instrumento de conceptualização, ou seja, como veículo para expressar significados.

Desse modo, o cognitivismo nasce sob a ideia de três hipóteses principais: (i) a linguagem não constitui uma faculdade cognitiva autônoma; (ii) a gramática implica sempre uma conceptualização; e (iii) o conhecimento da linguagem surge do seu próprio uso (CROFT; CRUSE, 2008, p. 17).

Da hipótese em (i) deriva a primeira afirmação que direciona o levantamento de várias das teorias cognitivistas: a representação do conhecimento do tipo linguístico é, essencialmente, a mesma representação de outras estruturas conceituais, ou seja, o conhecimento do significado e da forma é basicamente uma estrutura conceitual (CROFT; CRUSE, 2008, p. 18). Contrária ao que é considerado pelo paradigma gerativista, a Linguística Cognitiva afirma que a linguagem não constitui um módulo inato separado de outras capacidades cognitivas. Considera-se que os processos cognitivos que regulam o uso da linguagem, especificamente a conceptualização e a transmissão de significado, são, em princípio, os mesmos de outras capacidades cognitivas. Essa perspectiva de linguagem vale não só para o conhecimento do tipo semântico, como também para as representações fonológicas, morfológicas e sintáticas.

A segunda hipótese afirma que a gramática é conceptualização; isso porque a capacidade cognitiva do ser humano constitui a conceptualização de qualquer experiência, razão pela qual, a partir do ponto de vista da Linguística Cognitiva, a linguagem é concebida como um instrumento de conceptualização, isto é, como veículo para expressar significados. Nessa perspectiva, a linguagem emerge da experiência humana, o que torna os significados abertos, flexíveis e dinâmicos. Trata-se de uma corrente na qual a linguagem é inerentemente simbólica em todos os seus aspectos e, portanto, não se deve separar o componente semântico do componente gramatical: a gramática não se constitui em um nível formal e autônomo de representação, senão como simbólica e significativa. A gramática consiste, nessa ordem de ideias, na estruturação e simbolização do conteúdo semântico a partir de uma forma fonológica.

A terceira hipótese, que guia a estratégia de análise da linguagem proposta pela Linguística Cognitiva, é que o conhecimento da linguagem surge do próprio uso, ou seja, que as categorias e estruturas semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas se constituem fazendo uso do conhecimento que se tem de enunciados concretos empregados em situações concretas (CROFT; CRUSE, 2008, p. 20).

Nesse sentido, e seguindo uma linha de análise que considera que o papel da linguagem é central na interação do ser humano com seu entorno, a Linguística Cognitiva coloca em manifesto as



correspondências entre o pensamento conceitual, a experiência corpórea e a estrutura linguística. Em outras palavras, para a Linguística Cognitiva o estudo da linguagem não pode estar separado de sua função cognitiva e comunicativa, cuja ideia estabelece um enfoque baseado no uso.

A corrente cognitivista considera que o léxico e a sintaxe não constituem módulos rigidamente separados; formam, senão, um *continuum* de construções. Contrário aos modelos gerativos, o cognitivismo problematiza o fenômeno sintático dos modismos<sup>15</sup> – expressões idiomáticas – sob uma perspectiva não derivacional, que explica a regularidade da gramática baseando-se em esquemas abstratos gerais.

A Linguística Cognitiva propõe que as expressões linguísticas, desde as mais simples até as mais complexas, constituem unidades simbólicas baseadas em um pareamento entre forma e significado nos níveis lexical, morfológico e sintático (FERRARI, 2014, p. 129). Nessa perspectiva da Linguística Cognitiva, explica-se a regularidade da gramática com base em esquemas abstratos gerais e na representação uniforme de todo o conhecimento gramatical na mente do falante. Trata-se de um padrão cognitivo que é gerado no uso.

Assim, esta dissertação se insere nos postulados cognitivistas e dentro de dois modelos: o *Modelo de Construções* e o *Modelo baseado no uso*. O primeiro fundamenta a ideia de explicar as Construções Fraseológicas como parte ativa da gramática; e o segundo explica a perspectiva cognitiva que estabelece o uso como a base do processo cognitivo dos falantes.

Nessa ordem de ideias, apresentamos, nas subseções a seguir, primeiramente, os fundamentos do *Modelo de Construções*, pois, conforme Croft e Cruse (2008, p. 291), esse modelo surge da tentativa de encontrar um lugar adequado para os modismos dentro do conhecimento que o falante tem da própria língua. Adentramos, posteriormente, na seção 3.1.2, a discussão do *Modelo baseado no uso*, perspectiva cognitivista assumida nesta investigação. Finalizamos o capítulo com a explicação das categorias cognitivo-funcionais nas quais se baseia a análise de nossa amostra linguística: o Tempo e o Aspecto verbal.

---

<sup>15</sup> Termo utilizado pelos autores cognitivistas para referir-se ao que estamos tratando como Construções Fraseológicas. Ao longo das seções dedicadas ao tratamento dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, será mantida a terminologia adotada por autores dessa área.

### 3.1.1 O Modelo de Construções

Como mencionado em linhas anteriores, a gramática da construção surgiu como resposta ao modelo de conhecimento gramatical da gramática gerativa. Na maioria das teorias gramaticais desta última corrente linguística, liderada por Noam Chomsky, o conhecimento gramatical do falante se organiza em forma de componentes; e cada um desses componentes descreve uma dimensão das propriedades de uma sentença, regulando as propriedades linguísticas de um único tipo, sejam sons, a estrutura da palavra, a sintaxe ou o uso.

A ideia de Chomsky é que a Gramática Universal (GU) estabelece um sistema fixo de princípios e uma série infinita de parâmetros, que apresentam um número finito de valores. Nessa perspectiva, as regras de cada língua consistem em escolher determinados valores para esses parâmetros, razão pela qual o conceito de construção desaparece e, por consequência, também desaparecem as regras específicas dessas construções. No ponto de vista da gramática gerativa, a faculdade da linguagem é um componente autônomo da mente e independente de outras funções mentais, assumindo-se, nesse sentido, que o conhecimento da linguagem é independente de outros tipos de conhecimento.

Em contraposição a essa visão modular da linguagem, em que a sintaxe é o centro, e outros componentes – como o semântico – só existem para servir à sintaxe, surge a abordagem construcional da Linguística Cognitiva, que rejeita: (i) o princípio da autonomia da language; (ii) a ideia de que a linguagem é gerada por uma série de regras lógicas; e (iii) a premissa gerativista da não-motivação semântica e conceitual da sintaxe.

Vale ressaltar que, mesmo quando as duas correntes têm um desenvolvimento teórico oposto, o ponto de partida das duas é o mesmo: o entendimento de que é essencial considerar a linguagem como um sistema cognitivo, mental. Ambas as correntes reconhecem e entendem que o ser humano deve ter uma forma de combinar estruturas com o fim de criar novos enunciados, o que faz com que, tanto o gerativismo como o cognitivismo, tenham como ponto de partida o fato de que é necessário olhar a linguagem a partir de uma teoria que identifique os processos cognitivos que estão por trás da produção e do pensamento da língua.

Dadas essas condições, o que diferencia e contrapõe as duas correntes é como elas materializam a teoria sobre a linguagem e sua visão de gramática. Por um lado, a teoria gerativa considera que a mente é modular. A Cognitiva, por outro lado, assume que a mente é um emaranhado de redes em que todas as partes da gramática têm o mesmo status cognitivo.

A abordagem construcionista da Linguística Cognitiva enfatiza que o centro da gramática devem ser as construções gramaticais, que são, segundo Goldberg (2006, p. 5), pareamentos convencionalizados de forma e função semântica ou discursiva, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões preenchidos parcialmente pelo léxico e padrões frasais mais gerais. Possui especial relevância dentro da perspectiva construcionista a ideia de que as línguas são aprendidas através do conhecimento construcional, o que significa dizer que as línguas são construídas tendo como base a exposição a estímulos combinados pragmaticamente.

Nessa linha de pensamento, uma das diferenças mais notáveis entre as duas correntes linguísticas se refere ao tratamento e à análise dos idiomatismos – também conhecidos como modismos e expressões idiomáticas. Enquanto os modismos se apresentam como anomalias para o paradigma gerativista, por conta de seus traços que impossibilitam transformações sintáticas, sendo concebidos, nesse sentido, como uma parte periférica da língua, a visão construcionista da Linguística Cognitiva considera esse tipo de construção fundamental na gramática, pois, para essa corrente, o elemento mais importante do sistema linguístico é a unidade simbólica, entendida como estrutura. Na categoria das unidades simbólicas, estão, como citado anteriormente, não apenas morfemas e palavras, como também as construções transitivas ou modismos, que são classificados como um subgrupo dessas unidades simbólicas. Considerando que o interesse desta pesquisa está no estudo gramatical dos modismos, dedicaremos as linhas adiante à explicação conceitual do objeto de estudo na perspectiva cognitivo-construcional, chegando, na seção 3.3, à justificativa do termo escolhido para fazer referência ao fenômeno analisado.

Croft e Cruse (2008, p. 297) definem os modismos como unidades gramaticais maiores que uma palavra e idiossincrásicas em algum aspecto, cuja característica essencial é a frequência de uso. Para Lakoff (1987, p. 380), os modismos não são uma combinação arbitrária de palavras, senão um produto do conhecimento enciclopédico incorporado a nosso sistema conceitual.

Conforme Croft e Cruse (2008, p. 298), o traço obrigatório a ser apresentado pelos modismos é o da convencionalidade; e os outros traços típicos são identificados como: (i) não-flexibilidade, por apresentar uma sintaxe restringida; (ii) figuração, por conta de seu significado ser figurativo; (iii) proverbialidade, em virtude de descreverem uma atividade social, em comparação com uma atividade concreta; (iv) informalidade, por se associarem a contextos discursivos informais; e (v)

afetividade, por adotar ou avaliar, de modo afetivo, aquilo que descrevem. Segundo os autores, as construções gramaticais complexas têm as mesmas propriedades semânticas e pragmáticas que os itens lexicais. Nesse sentido, as línguas naturais apresentam expressões não composicionais, as quais são aprendidas pelos falantes como um bloco único.

Baseados em Fillmore *et al.* (1988), Croft e Cruse (2008) propõem uma tipologia dos modismos a partir de três parâmetros:

- **Codificação / decodificação:** trata-se do modismo que pode ser compreendido aplicando as regras que são empregadas usualmente para interpretar as sentenças. São perfeitamente regulares, porém, resultam arbitrárias, ou seja, convencionais, no que tange à expressão particular aplicada a um significado concreto. Os modismos de codificação podem ser decodificados a partir da obediência de padrões regulares da língua. Assim, os modismos de decodificação são aqueles que não podem ser decodificados pelo ouvinte, isto é, eles precisam ser aprendidos como itens lexicais, já que não é possível compreender o significado do conjunto a partir do significado de cada um de seus constituintes (CROFT; CRUSE, 2008, p. 299). Os modismos decodificadores seriam as denominadas “expressões idiomáticas”, tais como *dormir como um angelito* e *subir como palma y bajar como coco*.
- **Gramaticais / extragramaticais:** os modismos gramaticais são aqueles que podem ser analisados sintaticamente, fazendo-se uso das regras sintáticas gerais de cada língua; porém, esse tipo de modismo é irregular do ponto de vista semântico. É o caso de expressões como *tirar la toalla*, estrutura em que o verbo é seguido de um complemento direto, a qual é altamente produtiva no espanhol. Já os modismos extragramaticais são aqueles que não obedecem às regras da língua e são idiossincráticas, como *de cuando en cuando*.
- **Substantivas / formais ou esquemáticas:** um modismo substantivo ou lexicalmente completo é aquele em que todos os constituintes são fixos. Espera-se o preenchimento de todas as posições previstas na estrutura sintática com itens lexicais específicos. É o caso de construções como *más sabe el diablo por viejo que por diablo*. Os modismos formais ou esquemáticos

são aqueles em que há uma moldura sintática genérica que pode ser preenchida por diferentes itens lexicais, como acontece com a construção *mucho menos*, a qual apresenta uma alta produtividade ao ser preenchida de diferentes maneiras: *él no sabe planchar, mucho menos va a saber cocinar e ni siquiera sabe español, mucho menos sabrá inglés*.

Há, também, modismos que podem apresentar ou não um componente pragmático. Aqueles que têm o componente pragmático, além de apresentar um significado no sentido usual do termo, podem ser empregados de modo específico em determinados contextos pragmáticos. É o caso de modismos classificados pela Fraseologia como “fórmulas rotineiras”, do tipo *hasta la vista, para que te enteres* e a frase que inicia os contos de fadas *había una vez*. Por outro lado, encontram-se os modismos como *de repente* que carecem de qualquer tipo de componente pragmático específico.

Fillmore *et al.* (1988) estabelecem também uma categorização dos modismos em três grupos distintos: (i) elementos incomuns dispostos de forma incomum, (ii) elementos comuns dispostos de forma incomum e (iii) elementos comuns dispostos de forma comum. A primeira categoria recobre os modismos que são irregulares do ponto de vista léxico, semântico e sintático. Trata-se dos modismos que apresentam palavras que só aparecem nesse contexto e não em contextos habituais de uso. A segunda categoria engloba os modismos que não apresentam palavras singulares, mas que são extragramaticais; são modismos regulares do ponto de vista léxico, porém, irregulares do ponto de vista sintático e semântico. A terceira, e última categoria, refere-se ao grupo de modismo que é regular do ponto de vista léxico e sintático, mas que irregular do ponto de vista semântico.

Até o momento foram apresentados, nesta subseção, algumas noções que fundamentam a proposta da Linguística Cognitiva no âmbito da vertente denominada Gramática de Construções, cujos postulados estabelecem o objeto de estudo desta pesquisa como um elemento que deve fazer parte da gramática, não estando situado na periferia, tal como foi considerado pela gramática gerativa. Trata-se de estabelecer os modismos como construções, o que significa que o modo mais apropriado de representar o conhecimento que os falantes têm sobre os modismos é compreendendo-os em termos de construção gramatical.

Croft e Cruse (2008, p. 303-306) retomam as ideias de Fillmore *et al.* (1988), recordando que uma construção é um modismo esquemático, isto é, alguns elementos da construção têm um caráter aberto do ponto de

vista lexical, razão pela qual os modismos que se ajustam à descrição não podem ser catalogados simplesmente como elementos léxicos sintagmáticos. Em outras palavras, estamos falando do fato de que os modismos esquemáticos, diferentemente dos modismos substantivos, não podem ser registrados no léxico; isso porque eles são irregulares do ponto de vista semântico e, muito provavelmente, também do ponto de vista sintático e léxico (CROFT; CRUSE, 2008, p. 306).

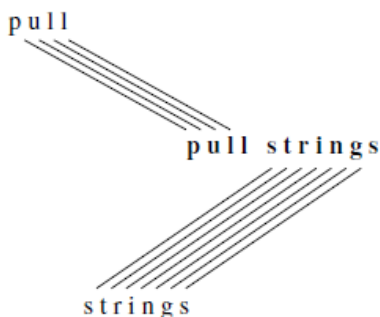
Croft e Cruse, citando Nunberg *et al.* (1994), esclarecem que, em uma perspectiva de análise sintática, os modismos consistem em expressões combinadas idiomáticamente. Em uma expressão combinada idiomáticamente os componentes sintáticos dos modismos podem estar relacionados com determinadas partes de sua interpretação semântica. Para exemplificar essa afirmação, os autores trazem o modismo inglês *spill the beans*, o qual significa entregar ou revelar informações secretas; e pode estar relacionado com o significado de *spill*, divulgar. Desse modo, Nunberg *et al.* (1994) consideram que as expressões combinadas idiomáticamente não podem ser analisadas apenas semanticamente; são, também, composicionais do ponto de vista semântico.

De forma análoga, e como foi mencionado na seção 3.1.1, Bybee (2006, p. 713) afirma que os idiomatismos são sequências de palavras convencionalizadas que usualmente contém palavras ordinárias e possuem uma morfossintaxe predizível, mas que têm um significado estendido, usualmente de natureza metafórica. A autora reconhece o aporte teórico de Nunberg *et al.* (1994) e reitera que os idiomatismos não estão completamente isolados das palavras e construções com as que têm relação, como estabeleceu a gramática gerativa. Nesse sentido, o fenômeno idiomático é pensado a partir de muitos aspectos de seu significado, de como ele é derivado de construções mais gerais e do significado das palavras que o integram.

Para Bybee (2016), os idiomatismos providenciam evidências de um armazenamento organizado, em que as sequências de palavras podem ter uma representação lexical enquanto são associadas a outras ocorrências das mesmas palavras. A autora afirma que o fato de os modismos serem lembrados como um todo não quer dizer que suas partes componentes e sua contribuição semântica não sejam reconhecidas. Bybee (1998, p. 425) explica que um idiomatismo como *pull strings*, em uma construção como *John was able to pull strings to get the job*, tem um significado que é diferente do significado literal da combinação das partes

que o integram<sup>16</sup>. No entanto, os falantes reconhecem as duas palavras na frase, do mesmo modo que as reconhecem quando são utilizadas em outros contextos ou combinações; e, ainda, reconhecem a contribuição semântica dos componentes. A estudiosa apresenta a Figura 3, reproduzida abaixo, com o propósito de explicar como funciona a relação de um idiomatismo com seus componentes lexicais.

Figura 2 – Relação dos idiomatismos com componentes lexicais (cf. Bybee, 1998, p. 425).



A Figura 2 coloca, na metade, a expressão idiomática do inglês *pull strings*. Através das linhas, expressa a ideia de relação entre seus componentes lexicais e a expressão como tal. O que a figura representa é o fato de que, embora expressão tenha um sentido idiomático de influenciar alguma decisão ou pensamento “puxando as cordas”, esse significado pode ser deduzido dos significados de seus componentes “puxar” e “cordas”.

Em resumo, as expressões combinadas idiomaticamente têm sido tratadas como “não composicionais” porque seus significados não se ajustam às regras de interpretação semântica das expressões sintáticas regulares. Contudo, as expressões idiomáticas, ou idiomatismos, são composicionais, uma vez que os sentidos dos elementos que constituem a expressão sintática podem estar relacionados, biunivocamente, com os componentes do significado do modismo. Podemos afirmar, em consonância com esses autores (CROFT; CRUSE, 2008; BYBEE, 1998), que as locuções idiomáticas são composicionais, igual a qualquer outra construção sintática. Quer-se dizer, com isso, que os significados das

---

<sup>16</sup> Vale lembrar que se trata de uma das principais características das Unidades Fraseológicas estabelecidas pelos estudos em Fraseologia, questão explicitada no Capítulo 2 desta dissertação.

partes que constituem os idiomatismos se combinam para dar passo ao significado de uma construção global. A razão pela qual o fenômeno idiomático deve ser representado como construções independentes está na ideia de que as regras de interpretação semântica, associadas a cada construção, são privativas – delas próprias – e não derivam de algum outro padrão sintático mais geral.

### 3.1.2 A perspectiva cognitivista: o modelo baseado no uso

As ideais cognitivistas nascem das perspectivas defendidas no âmbito do Funcionalismo Linguístico, nas quais a língua é vista como uma ferramenta, cujas formas linguísticas se adaptam para desempenhar funções basicamente comunicativas. A premissa é, por conseguinte, que o estudo da linguagem não pode ser separado da função cognitiva e comunicativa que possui. Sendo assim, a forma da língua é determinada pela função; daí que nasce a ideia de pensar sobre uma *Gramática do Uso*.

Segundo Joan Bybee (2016, p. 195) a teoria baseada no uso se desenvolveu diretamente do funcionalismo norte-americano, representando uma interação das abordagens desenvolvidas na Linguística Cognitiva e na Linguística Funcional. A proposta da teoria é explicar a essência da gramática, fechando o foco de análise no caráter variante e gradiente da língua. Esse modelo se contrapõe aos modelos tradicionais de representação gramatical das linhas estruturalista e gerativa, os quais fazem uma distinção particularmente nítida entre as formas das palavras regulares e irregulares. Contrário a isso, no modelo baseado no uso, as propriedades do uso dos enunciados na comunicação é que determinam a representação das unidades gramaticais da mente do falante.

Nessa abordagem proposta por Bybee, investigam-se os processos cognitivos dinâmicos e recorrentes que são responsáveis pela criação da gramática, pela mudança linguística e pelo processamento da linguagem, centrando a atenção nos processos cognitivos responsáveis pela formação de construções, a partir da agrupação de palavras – ou *chunking*, conceito que será explicado no decorrer desta subseção. O interesse principal recai, assim, em observar a interação entre o uso e o processo, já que, essa interação, além de permitir analisar como as construções surgem e mudam, possibilita vislumbrar respostas a perguntas sobre a origem da gramática.

Bybee (2016) discute a natureza da linguagem e ressalta que esta é, ao mesmo tempo, regular e variável, ou seja, as diversas línguas naturais diferem entre si, mas são constituídas pelos mesmos princípios.



A autora afirma que as línguas mudam ao longo do tempo, mas que essa mudança ocorre de um modo bastante regular. A teoria de Bybee se conforma a partir da correspondência entre os processos que criam a estrutura linguística e os processos em outros domínios cognitivos, pois, nessa teoria, esses processos, chamados de domínios gerais, não seriam específicos da língua, pois esta é um sistema adaptativo complexo.

Assim, como sistema complexo, a linguagem é maleável e a variação se apresenta, segundo Bybee, no campo da pragmática, razão pela qual a autora expõe a frequência como ponto central da teoria baseada no uso. Para Bybee (2003, p. 603) a pragmática é a recorrência na frequência de uso e, por isso, tem um papel importante na gramática, caracterizada, por sua vez, como o processo pelo qual uma sequência de morfemas ou palavras usadas frequentemente se torna automatizada, como uma unidade no processamento. Nessa perspectiva, o objeto de estudo desta pesquisa se insere nessa visão que considera importante o papel da frequência, já que, as características de fixação e institucionalidade das CFs são dadas pela repetição e a automatização dessas construções.

Nessa teoria baseada no uso, a cognição é colocada como elemento central e o foco está no processo de regularização. O ponto de partida da autora é a seguinte questão: “o que faz com que a estrutura se rotinize?”, afirmando, nessa direção, que as motivações mais pragmáticas do início vão se perdendo e vão se convencionalizando, a partir daquilo que vai ficando recorrente. Pode-se dizer, então, que se trata de uma sócio-cognição, já que, diferentemente da cognição formal, uma determinada representação pode ser mudada culturalmente. Desse modo, a cognição vai se estabelecer em certos domínios, a partir da recorrência motivada pragmaticamente.

Ao investigar os processos cognitivos dinâmicos estabelecidos nesses domínios, Bybee (2016) promove uma integração entre a linguística funcional-tipológica e a linguística cognitiva, pois, em última análise, esses processos cognitivos recorrentes são responsáveis pela criação da gramática, pela mudança linguística e pelo processamento da linguagem. Especificamente, a autora focaliza os processos cognitivos de domínio geral que estão por trás do modo como as palavras se agrupam para dar origem a construções. O interesse central repousa no exame da interação entre uso e processo, o que não permite somente investigar como as construções surgem e mudam, como também pode fornecer algumas respostas acerca da origem da gramática – perspectiva já explicada na seção 3.1.1.

O recorte teórico pertinente para os objetivos desta dissertação responde, como visto até agora, ao pensamento e ao interesse em olhar para o fenômeno das Construções Fraseológicas, compreendendo-as como estruturas que fazem parte da língua, cuja fixação e estabilidade é dada pela frequência de uso, o que as torna construções automatizadas no processamento cognitivo.

A relação que se faz com a cognição orienta a pesquisa em direção ao olhar da abordagem funcional-cognitiva da corrente funcionalista. Essa abordagem, em termos gerais, prioriza a identificação de padrões linguísticos que se originam e se estabelecem nas situações comunicativas, estas orientadas por motivações semântico-pragmáticas e cognitivo-comunicativas. A perspectiva funcional-cognitiva centraliza seu interesse nas motivações cognitivas e/ou pragmáticas, que envolvem o uso da língua em um contexto social de interação. Sob esse panorama, emergem questões como: “qual motivação o falante tem para produzir uma Construção Fraseológica, em um certo contexto, e em um determinado tempo verbal?”. Como se vislumbra nas questões levantadas no início deste projeto, a pesquisa não tem o propósito de responder a este questionamento, trazido à luz, neste momento, apenas para ilustrar o carácter motivacional da língua, levado em consideração na abordagem na qual se insere esta dissertação.

Assim, na perspectiva da abordagem funcional-cognitiva, a língua/gramática é um sistema adaptativo, em constante mudança e variação, cuja estrutura é maleável e emergente, possuindo categorias são gradientes (GIVÓN, 1995; HOPPER, 1987). Trata-se de uma visão escalar dentro de um *continuum*, cujas inovações são realizadas pelos falantes, na produção; e pelos ouvintes, na percepção. Considera-se o papel da frequência como importante no estabelecimento e manutenção dos padrões da língua; por isso, acredita-se, também, que a gramática não é fixa e absoluta, senão variável em sua essência. Surge, dessa premissa, a ideia de dinamismo, que reflete o processo de interação linguística, na qual falante e ouvinte negociam e adaptam formas e funções, levando ao surgimento de novos padrões de uso que vão tornando-se recorrentes, rotinizando-se, fazendo parte da gramática da língua.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, ao falar de novos padrões de uso, estamos tratando do uso e da formação de construções. Neste trabalho, o termo “construções” é entendido com base nos postulados da teoria baseada no uso, proposta por Bybee (2016, p. 14). Segundo a autora, uma construção é um pareamento direto forma-sentido, que tem uma estrutura sequencial e pode incluir posições fixas e posições abertas (2010b, p. 28) – definição que vai na mesma direção das que foram

propostas por Goldberg (1995) e Croft (2001). Ainda segundo Bybee (2016), é devido a esse pareamento entre forma e sentido que não é possível pensar a gramática como um modelo modular, em que a sintaxe e a semântica existem em módulos separados, tal e como foi estabelecido pela corrente gerativista.

Nesse contexto, o modelo baseado no uso<sup>17</sup> considera que a estrutura linguística é gerada por processos aplicados a domínios cognitivos; e não por processos específicos da linguagem. Segundo Bybee (2016), esses processos de domínio geral são os seguintes: categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associação transmodal.

A categorização é o emparelhamento de identidade, que ocorre no reconhecimento de sintagmas e palavras em representações já estocadas. Segundo a autora, a categorização não se dá em termos de traços mais gerais, mas com base em similaridades de significado mais locais com sintagmas convencionalizados (BYBEE, 2016, p. 108). O que a estudiosa está dizendo é que, nas diferentes línguas naturais, as palavras ou construções se encontram classificadas em categorias que são criadas, por sua vez, em posições abertas, de forma que possam interagir com categorias semânticas que determinem as propriedades das construções. Trata-se, portanto, do estabelecer semelhanças entre itens lexicais a partir do desenvolvimento das porções esquemáticas de construções.

Bybee (2016, p. 131) explica que, a propriedade mais importante das construções é que, estas possuem a habilidade de descrever as relações entre os itens lexicais que as compõem e as estruturas gramaticais nas quais se organizam. Nessa perspectiva, a autora define que as línguas se constituem a partir de categorias de exemplares construídas a través da experiência, apresentando efeitos prototípicos que se derivam de um tipo de pertencimento a uma categoria determinada. Por exemplo, podemos considerar uma categoria da língua denominada “felinos”, em que o gato doméstico é considerado como mais central à categoria que outros animais como a onça ou o leopardo.

Assim, entendemos a categorização como um processo cognitivo que estrutura a informação na mente humana e que dá surgimento natural a efeitos de protótipo. Acredita-se, segundo Bybee (2016), que a categorização ocorre através de duas dimensões: a da semelhança e a da frequência, isto é, uma categoria é criada por meio da classificação de itens com características semelhantes e/ou compartilhadas e os itens

---

<sup>17</sup> Tanto o *modelo* baseado no uso como a *teoria* baseada no uso fazem referência a mesma vertente teórica da corrente linguística cognitivo-funcional, cuja principal autora é Joan Bybee.

categorizados são aqueles que são mais frequentes. Esses itens classificados vão servindo como base para a categorização de itens novos. Em suma, a categorização é o processo que mapeia as representações armazenadas e pode ser entendida como o mais básico dos processos cognitivos, por estabelecer as unidades da língua, seu significado e sua forma (BYBEE, 2016, p. 312).

O segundo processo de domínio geral, estabelecido por Bybee, é o *chunking*, que pode ser entendido como agrupamento de construções. É o processo em que sequências de unidades vão se combinando, no uso, para formar unidades mais complexas. É pelo *chunking* que construções, como as estudadas nesta dissertação, são formadas. Tal processo faz com que as sequências repetidas de palavras sejam armazenadas de forma conjunta na cognição, de modo que sejam processadas e acessadas como unidades simples<sup>18</sup>. O *chunking* é o processo de maior interesse para Bybee, já que é o processo mediante o qual ocorre um encadeamento de palavras, baseado na organização geral da memória, influenciando todos os sistemas cognitivos. Em outras palavras, trata-se da relação sequencial desenvolvida quando duas ou mais palavras são utilizadas juntas frequentemente, o que gera a habilidade cognitiva de construir estruturas hierarquicamente organizadas, de modo que sejam armazenadas mais facilmente na memória.

Ainda sobre esse processo, o *chunking* é uma capacidade que se dá com a repetição, podendo levar à formação de construções, sequências formulaicas ou pré-fabricadas<sup>19</sup>. Para explicar o processo de encadeamento ou agrupamento, é importante esclarecer o que se entende por *chunk*. Segundo Bybee (2016, p. 64), o *chunk* é compreendido como uma unidade de organização da memória, formada ao juntar *chunks* já formados (na memória) e soldados em uma unidade maior. Pelo fato de que a principal experiência gerada pelo *chunking* é a repetição, cabe ressaltar a importância desta para estabelecer relação sequencial entre dois ou mais itens, ou seja, se dois ou mais *chunks* menores ocorrem juntos de modo frequente, a consequência será a formação de um *chunk* maior que contém esses *chunks* menores.

Esse segundo processo de domínio cognitivo é relevante para nossa pesquisa por duas razões: primeiramente, porque o *chunking* é o processo que está por trás da formação e do uso de sequências de palavras, como

---

<sup>18</sup> Por processamento a autora entende as atividades envolvidas na produção da mensagem e em sua decodificação por parte do ouvinte.

<sup>19</sup> Bybee emprega o termo “construções pré-fabricadas” para se referir a qualquer expressão constituída de muitas palavras.

os idiomatismos ou Construções Fraseológicas, analisadas no Capítulo 5 desta dissertação. A segunda razão é a seguinte: é graças ao *chunking* que as CFs são armazenadas e processadas como um único *chunk*. No entanto, vale ressaltar que o fato de elas serem armazenadas como *chunks* independentes não significa que estejamos frente a expressões sem estrutura interna. Pelo contrário, a estrutura interna desse tipo de expressões tem como base associações formadas entre aquilo que é pré-fabricado e outras ocorrências de palavras que aparecem dentro dessa construção pré-fabricada.

As considerações anteriores podem ser explicadas a partir do seguinte exemplo: a CF *tirar la toalla* pertence ao conjunto formado por uma estrutura sintática de verbo + sintagma nominal [V+SN]; porém, ela está associada a conjuntos de exemplares que pertencem ao verbo [*tirar*] e ao sintagma nominal [*la toalla*], além, é claro, de estar associada ao nome [*toalla*]. Como vimos na seção 3.1.1, no modelo de construções, mesmo quando uma expressão idiomática, como *tirar la toalla* é relativamente fixa, as partes internas ainda podem ser identificadas. Uma evidencia disso é o fato de se poder acrescentar modificadores ou inserir itens lexicais em sua estrutura, como por exemplo: *tiraba ayer la toalla*. Segundo Bybee (2016), as expressões idiomáticas têm, por parte dos falantes, tanto uma interpretação literal, baseada nos significados concretos da sentença, quanto uma interpretação baseada na representação figurada da mesma.

Assim, as construções são definidas como *chunks* sequenciais da linguagem, utilizados juntos, convencionalmente, e que, às vezes, têm significados especiais ou outras propriedades. Sua convencionalização, conceito que, no mesmo sentido, é tratado na teoria fraseológica, acontece através da repetição. As construções são típica e parcialmente esquemáticas; elas aparecem com algumas partes fixas e algumas soltas, que podem ser preenchidas com a categoria de itens semanticamente definidos. Observe que os idiomatismos, frases pré-fabricadas e construções, demonstram que os *chunks* não precisam ser contínuos – eles podem ser interrompidos por classes abertas de itens. Isso se vê claramente no caso da substituição de itens lexicais que pertencem ao mesmo campo semântico e que, portanto, não representam nenhuma modificação em seu significado idiomático: “procurar *x* em ovo” é um exemplo, onde *x* pode ser preenchido tanto com o item “cabelo” como com o item “pelo”.

No terceiro processo – memória enriquecida –, estão todos aqueles detalhes mentais que têm uma relação direta com a língua, o que inclui não apenas sons, palavras e sintagmas, mas também contextos de uso,

significados e inferências associadas. A memória enriquecida se constitui, basicamente, das representações do conjunto de exemplares que se formam na memória, em vários níveis de complexidade. Existem exemplares abaixo do nível da palavra que correspondem, segundo Bybee (2016, p. 53), a seqüências fonéticas que ocorrem nas palavras, como é o caso do início de sílaba. Há, também, representações por “feixe de exemplares”, mais complexas, que geralmente são esquemáticas e classificadas como pertencentes ao nível sintático, já que são construções que têm posições para serem preenchidas por palavras ou sintagmas determinados. Assim, o fato de que os falantes possuam um conhecimento da língua evidencia que há, na mente humana, um mecanismo responsável pelo armazenamento de formas e significado. Esse mecanismo, ou processo de domínio cognitivo, é a memória enriquecida, a qual, em outras palavras, é o que faz com que todo tipo de construções – incluindo as CFs –, sejam armazenadas em todos os níveis linguísticos. Para cada construção são armazenadas as formas fonéticas e fonológicas, bem como os morfemas que formam as palavras componente, as quais, por sua vez, formam uma determinada construção fraseológica.

A analogia, quarto processo de domínio geral apresentado por Bybee (2016), é o processo que dá conta da criação de enunciados novos a partir de enunciados de experiências prévias. A analogia é o processo que permite que as posições esquemáticas nas construções sejam utilizadas produtivamente, isto é, que sejam utilizadas com novos itens lexicais, gerando mudança e crescimento das mesmas. Segundo Bybee (2016, p. 99), a analogia contrasta com a produtividade pelo fato de estar baseada, fundamentalmente, na similaridade com itens já existentes no conhecimento da língua dos falantes, e não em regras simbólicas mais gerais. Em outras palavras, a analogia é o processo no qual os falantes da língua passam a usar novos itens em determinadas construções. Esse novo uso é formado através da experiência que se tem com a língua, razão pela qual a aceitabilidade é dada por meio da gradiência, a qual tem, como base, a extensão de similaridade com os outros usos da construção.

Um exemplo das considerações anteriores é a possibilidade de formar uma construção como *pegar el grito en el cielo* a partir da associação com a construção mais usual *poner el grito en el cielo*.

Por último, Bybee explica o processo de domínio geral que tem a capacidade de fazer associações transmodais. Seriam aquelas associações que permitem a ligação entre a forma e o significado, a partir de experiências co-ocorrentes, que tendem a ser cognitivamente associadas (BYBEE, 2016, p. 27). Segundo afirma Bybee, as associações transmodais ocorrem entre os níveis encadeados mais altos de nódulos

ativados, ou seja, o sentido é associado à maior sequência disponível, que pode ser uma palavra, um sintagma ou uma construção completa. Em outras palavras, o que a associação transmodal possibilita é a simbolização das formas.

Uma vez que esses processos de domínio geral são os que organizam a linguagem humana, é de grande relevância destacar que, na gramática baseada no uso proposta por Bybee (2006a; 2010b), os níveis de abstração são construídos via categorização de exemplares. A autora se baseia na ideia de que as construções estão firmemente fundamentadas em generalizações sobre enunciados reais; e é por essa razão que se estabelece uma relação direta entre o pareamento dessas construções e o modelo de exemplares.

Conforme as ideias de Bybee (2016), em um modelo de exemplares, as relações podem ser formadas em vários níveis e ao longo de muitas dimensões, redes de associação e cadeias de palavras, enfatizando-se que os exemplares mais frequentes são os mais fáceis de acessar. Por exemplo, no caso da morfologia, as relações surgem a partir de relações formadas entre as palavras devido a sua semelhança fonética e semântica, o que seria uma das propriedades de representação da memória enriquecida que, como vimos em parágrafos anteriores, é um dos processos de domínio geral propostos por Bybee. Essa propriedade é de grande relevância, já que, por meio dela, é possível descrever e explicar como palavras, sequências de palavras e construções acumulam propriedades específicas quando são empregadas em um contexto – como é o caso do objeto de estudo desta dissertação. Podemos ver, assim, que as representações por um “feixe de exemplares”, nas palavras da autora, não são somente representações de memória enriquecida, senão representações que contêm toda a informação que os falantes de determinada língua percebem durante a experiência linguística.

Trata-se de uma relação que coloca em evidência o fato de que as construções afetam as representações cognitivas, o que acontece a partir de dois fatores que determinam a representação da construção e sua produtividade: a frequência de ocorrência – ou *tokens* – de certos itens em algumas construções; e, a classe de tipos – ou *types*. Estes dois conceitos constituem o que, podemos afirmar, é o fio condutor da teoria exposta por Bybee: a frequência de uso, justamente, razão pela qual explicamos, a seguir, os fundamentos da frequência, para, mais adiante, avançar em direção à explicação das frequências de *tokens* e *types*.

Como podemos observar, tanto os processos mencionados como o entendimento da frequência são extremamente importantes para o desenvolvimento da análise de nossa amostra linguística. É de essencial

importância, portanto, entender o papel da frequência, que no modelo baseado no uso é responsável pela formação e/ou modificação das representações cognitivas dos falantes. Em outras palavras, a posição central da teoria é que as instâncias de uso têm impacto na representação cognitiva da linguagem, pois é justamente no uso que as representações exemplares se fundam e, conseqüentemente, possibilitam a representação da gradiência nas estruturas e admitem a gradualidade da mudança. A gradiência é fundamental no processamento linguístico e existe em todos os níveis linguísticos; é o fator que coloca em evidência que a língua é afetada pelo uso e o sistema cognitivo, pela experiência.

Assim, devido ao interesse desta pesquisa em olhar para a frequência de uso de cinco CFs, é possível afirmar que o fator mais importante, considerando os postulados da teoria baseada no uso, para nossos propósitos, é que os modelos que tomam exemplares como representações permitem observar os efeitos da alta frequência de ocorrência, o que se justifica porque

(...) exemplares são fortalecidos cada vez que nova ocorrência de uso é mapeada neles, exemplares de alta frequência serão mais fortes que os de baixa frequência, e feixes de alta frequência serão mais fortes do que os de frequência mais baixa (BYBEE, 2016, p. 50).

Nessa direção, quando as palavras ou grupos de palavras são utilizadas juntamente, elas desenvolvem uma relação que a autora caracteriza como sequencial, denominada *chunking*, cuja força é determinada pela frequência com a qual as palavras aparecem juntas. No caso dos idiomatismos, por exemplo, é de fácil rastreamento ou determinação da existência desse processo, já que eles se realizam, comumente, do mesmo modo<sup>20</sup>.

Dentro da perspectiva de Bybee, as palavras podem ser analisadas como parte de uma rede de relações e, ainda que as construções sejam mais complexas, elas também são constituídas com representações de exemplares, e seu grau de complexidade se deve a que as construções são parcialmente esquemáticas. Em outras palavras, o que a autora afirma é que as construções são pareamentos diretos de forma com significado, sem que exista, entre eles, algum tipo de representação.

---

<sup>20</sup> Contudo, como vimos no final do Capítulo 2, os idiomatismos, ou Unidades Fraseológicas, podem apresentar uma série de variantes que dependem de diversos fatores linguísticos que não comprometem seu sentido idiomático.



Para corroborar essa afirmação, Bybee (2016, p. 56) examina as expressões idiomáticas e as unidades pré-fabricadas para evidenciar que exemplares de construções têm um efeito sobre a representação cognitiva. Cabe ressaltar que esses dois tipos de construções seriam o que, nesta pesquisa, denominamos Construção Fraseológica.

No estudo realizado pela autora está a construção com estrutura Verbo-Objeto [*pull strings*] e outras unidades pré-fabricadas que seriam, para Bybee, qualquer construção convencionalizada. Nas expressões idiomáticas, Bybee encontra a característica das ligações lexicais, que podem ter maior ou menos força de acordo com alguns fatores que influenciam na manutenção ou perda dessas ligações. Segundo a autora, esses tipos de expressões são instâncias de construções que estão em sua própria representação, ou seja, elas têm uma necessidade de representação direta, dado o fato de seu significado ser imprevisível e dependente do contexto. Assim sendo, as construções têm representações de exemplar mais complexas, já que são, parcialmente, mais esquemáticas e podem ser acessadas por extensão analógica ou por criação de novas construções.

A consideração anterior é de essencial importância para o modelo baseado no uso, dado que o fato de novas construções emergirem de exemplares específicos de velhas construções, tal e como afirmado em Bybee (2003; 2006), revela como novas construções surgem, além de proporcionar elementos suficientes para afirmar que as representações cognitivas da gramática incluem informações sobre os contextos de uso e os significados dos exemplares nesses contextos. Melhor explicando, a consolidação de construções, que se dá mediante a repetição e uma alta frequência de ocorrência, permite rastrear a origem das novas construções, como também pensar as novas construções dentro de um determinado contexto. Assim, por exemplo, no caso dos idiomatismos ou construções pré-fabricadas, a consolidação do *chunk* “jogar a toalha” não se dá apenas em sua estrutura [V+SN], mas também em seu sentido contextual: desistir. Desse modo, o sentido contextual e a estrutura do idiomatismo formam um conjunto que pode ser rastreado em sua origem, aquela que se refere ao boxe; quando o lutador joga a toalha no chão para solicitar a interrupção da luta, pois esse gesto simboliza sua desistência do combate.

Em tal perspectiva, o que Bybee – e outros autores como Langacker (1987), Barlow e Kemmer (2000) e Bybee e Hopper (2001) – propõe é um modelo para caracterizar o uso da linguagem, a aquisição desta e a mudança linguística. Mais especificamente, o que se assume é que são duas as propriedades do uso que afetam a representação gramatical: a frequência de ocorrência (*token*) de determinadas formas e

estruturas gramaticais – explicitada nos parágrafos precedentes –, e o significado das palavras ou das construções que estão sendo utilizadas.

Nessa direção, é possível pensar que, no modelo baseado no uso, é de fundamental importância o papel da frequência e o modo como as seqüências de palavras vão se concatenando até formarem construções, que vão servindo como base para a formação de novas construções através do uso, na língua e em determinados contextos. Logo, é essencial observar que, nesse modelo, o qual proporciona o embasamento teórico desta pesquisa, o fator primário que determina uma forma de palavra ser armazenada de modo independente é sua frequência de ocorrência no uso da língua, o que, no modelo, é denominado frequência de exemplar da forma da palavra. A hipótese que se sustenta nessa ideia considera que, cada vez que uma palavra ou construção é utilizada, um nódulo ou um padrão de nódulos da mente é ativado, de modo que a frequência de ativação condiciona o armazenamento da informação que a construção contém, permitindo que tal informação seja armazenada como uma unidade gramatical convencional.

As palavras ou construções cuja frequência de uso é suficientemente elevada são denominadas construções consolidadas. A consolidação se produz gradualmente e ainda resulta possível quando, a partir de uma representação gramatical mais esquemática, a forma da palavra é previsível. Um exemplo disso é a habilidade que se tem de completar o raciocínio do interlocutor quando se faz uso dos idiomatismos, mais especificamente de refrãos altamente convencionalizados: “água mole e pedra dura...” é um exemplo dessa questão.

Nesse sentido, as palavras ou construções mais frequentes são aquelas que se consolidam com maior probabilidade e, portanto, sobrevivem mesmo quando são de caráter irregular. Contudo, quando uma forma irregular não é suficientemente frequente, ou sua frequência diminui, esta acaba se regularizando, pois, como sua representação não está suficientemente consolidada e reforçada pelo uso, o esquema regular acaba dando conta da produção da forma derivada pertinente. Croft e Cruse (2008, p. 378) mencionam dados que comprovam que as formas irregulares derivadas por flexão que têm frequência baixa são as que ficam regularizadas na língua; enquanto que as irregularidades que possuem frequência alta resistem à regularização.

Nesse contexto, a frequência de exemplar determina o grau de consolidação tanto de palavras como de construções, o que faz com que as estruturas se rotinizem, tornando-se estruturas convencionalizadas. Assim, quando a frequência de exemplar de uma determinada palavra é

elevada, o número de ocorrências de uso dessa palavra também é elevado (CROFT; CRUSE, 2008, p. 397). Ou seja, quanto menor a frequência de exemplar, menor será a consolidação de determinada palavra ou construção. A frequência de exemplar determina, nessa perspectiva, o grau de consolidação das formas das palavras substantivas individuais; porém, essa frequência também implica que as palavras fortemente consolidadas terão vínculos fracos com as formas relacionadas.

Por outro lado, a teoria expõe outra classe de frequência: a frequência de tipo – ou *type* –, que seria aquela que determina o grau de consolidação de um esquema. No modelo baseado no uso, o caráter regular de algumas estruturas está caracterizado pela produtividade, o que constitui o âmbito aberto conhecido como a aplicação da regra, sempre levando em consideração as restrições fonológicas e semânticas impostas pelas desinências flexivas. Em tal perspectiva, uma desinência flexiva produtiva é aquela que contribui para a consolidação de sua própria representação esquemática. Nesse sentido, a frequência de tipo é definida como o número de formas de palavras diferentes que constituem as instanciações de um determinado esquema. Em outras palavras, a frequência de tipo indica a quantidade de itens, na língua, que uma determinada estrutura contém. Por exemplo, no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, são registrados 13.012 verbos terminados em [-ar]; essa seria a frequência de tipo dos verbos da primeira conjugação do português brasileiro<sup>21</sup>.

Bybee (1985, p. 132) defende a ideia de que as instanciações de um esquema que apresente uma frequência de exemplar elevada não terão nenhuma contribuição na produtividade de dito esquema. Segundo explica a autora, as instanciações com uma frequência de exemplar elevada geralmente se consolidam. No entanto, somente a forma de palavra ou construção completa que esteja consolidada será a que ativará o uso da língua. Por exemplo, a CF *hablar por los codos* é uma forma de construção fortemente consolidada na língua espanhola devido à alta frequência de uso – na busca realizada para esta pesquisa foram encontradas 105 ocorrências nos *corpora*. Trata-se de uma construção que é ativada no uso como um todo, seja ativada unicamente por parte do falante ou ativada conjuntamente por mais usuários em um determinado contexto. Nesse ponto, Bybee afirma que as formas de palavras de baixa frequência contribuem para a consolidação de uma representação

---

<sup>21</sup> Dado extraído do artigo “A interferência da frequência em fenômenos linguísticos” (HUBACK, 2013, p. 79).

esquemática da terminação flexiva que é aplicada a formas de palavras diferentes, incluindo as formas de novas criações.

No modelo baseado no uso, a produtividade adquire a forma de um gradiente, já que a frequência de tipo tem essa característica. O modelo prediz que a produtividade é variável em grau, o que, em alguma medida, faz com que algumas formas que têm uma frequência de tipo elevada possam se manifestar com um menor grau de produtividade. Assim, se um esquema tem uma frequência de tipo elevada é porque ele está mais profundamente consolidado. A frequência de tipo, junto com a coerência fonológica, entendida como a realização da palavra, determina, dessa maneira, o grau de consolidação.

A frequência de tipo serve à análise desta dissertação no sentido de estabelecer o grau de consolidação das cinco CFs, compreendidas, por sua vez, como esquemas sintáticos de palavras. Melhor esclarecendo: as cinco CFs que fazem parte da amostra analisada no Capítulo 5 são consideradas, em princípio, construções parcialmente esquemáticas que, de acordo com a teoria – apresentada nesta seção e no Capítulo 2 –, são fixas e possuem um sentido idiomático determinado. A discussão feita anteriormente sobre a frequência de uso, proporciona os elementos para afirmar que as CFs em exame têm um alto grau de consolidação, pois são as construções mais frequentes encontradas em dois *corpora* do espanhol.

No que tange à definição das CFs como esquemáticas, vale ressaltar que a esquematicidade é definida no sentido de que as construções podem ser geradas em diferentes formas que se diferenciem entre si em tempo-aspecto-modo, o que inclui a presença ou ausência de auxiliares. Essa diferenciação esquemática das construções é o tópico de interesse desta pesquisa, que explora como as CFs selecionadas variam em Tempo e Aspecto, considerados categorias cognitivo-funcionais que representam experiências humanas básicas e que, como tal, afetam o sistema cognitivo.

Entendemos, tal e como afirma Bybee (2016, p. 312), que na linguística funcional-cognitiva o foco está na busca por universais da linguagem nos processos que criam e mantêm as estruturas linguísticas. É através do desenvolvimento desses processos de domínio geral – categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associação transmodal – que se postula a capacidade crescente de desenvolver alguma forma de linguagem que os seres humanos possuem, sempre e quando essa forma esteja em constante uso. Pode-se afirmar, desse modo, que a estrutura linguística emerge através do uso da língua e que o contexto social e cultural, em que a língua é utilizada, tem impacto sobre as estruturas criadas, podendo apresentar modificações ao serem

expressas na linguagem, o que constitui a natureza variável da gramática. Como mencionamos anteriormente, a gramática é derivada da experiência particular de cada indivíduo com a língua, gerando, assim, uma gramática funcional que tem, como parte configuradora, domínios com certa coerência funcional, isto é, há um total de significados gramaticais que são transportados por meio das construções gramaticais das línguas e que se organizam em um conjunto ou domínio. Assim, a organização das línguas responderia a uma série de domínios funcionais universais que são codificados pela gramática e organizados de acordo com o propósito da comunicação, ou seja, do uso da língua por parte dos falantes.

Sob a ótica da teoria baseada no uso, e levando em consideração o fato de que os processos cognitivos afetam diretamente, especialmente no que tange à codificação da experiência temporal e aspectual, passamos a explicar, nas seções a seguir, as categorias funcionais analisadas na amostra de cinco Construções Fraseológicas da língua espanhola.

### 3.2 AS CATEGORIAS TEMPO E ASPECTO

Levando em consideração o que foi apresentado na seção anterior, entendemos as categorias, que são escopo de nossa análise, como categorias cognitivo-funcionais, as quais, conforme afirma Givón (2001a, p. 285), fazem parte de um único domínio funcional, a saber: o domínio funcional TAM – Tempo, Aspecto e Modalidade.

Para Givón (2001a, p. 285), o domínio TAM é “um dos mais complexos subsistemas da gramática”. O autor ressalta a probabilidade de que o domínio em questão, como um sistema morfológico, gramaticalize-se no verbo, onde passaria a interagir intensamente com outros subsistemas. Segundo Givón, TAM ilustra o status paradoxal de grande parte da gramática: enquanto a própria morfologia é parte da estrutura oracional, seu escopo funcional não é a semântica proposicional do evento ou do estado, senão a pragmática ou conectividade da cláusula, o contexto do discurso.

TAM é considerado, assim, um domínio funcional amplo, em que as três categorias se inter-relacionam e formam um subsistema gramatical complexo, que normalmente é codificado pelas formas verbais. Tratamos, nas seções a seguir, das categorias de interesse nesta investigação: Tempo e Aspecto.

### 3.2.1 O Tempo verbal

Há diversos autores que expõem definições da categoria Tempo (BENVENISTE, 1995 [1959]; COMRIE, 1985; FLEISCHMAN, 1982; entre outros), a qual é considerada um fenômeno basicamente pragmático – e não semântico –, pois está ancorada no contexto discursivo e faz referência a um ponto externo à proposição<sup>22</sup>. Autores como Comrie (1985) e Givón (2001) definem a categoria Tempo como a gramaticalização da localização temporal.

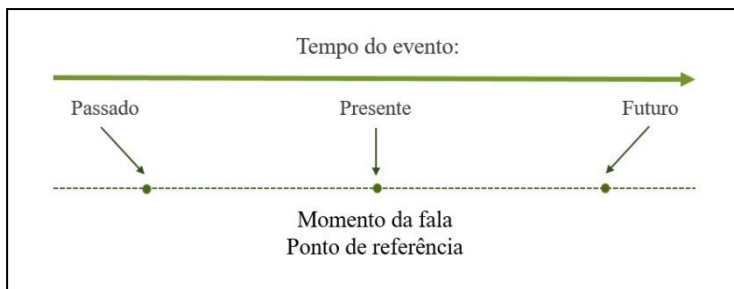
As análises feitas dessa categoria funcional convergem em sua divisão em três partes: passado, presente e futuro. O Tempo, segundo Comrie (1985, p. 2), pode ser representado como uma linha reta, em que o passado é convencionalmente representado à esquerda e o futuro, à direita. Nessa linha, o tempo presente estaria etiquetado como ponto zero. Essa divisão é feita, considerando a relação entre dois pontos: o tempo de referência e o tempo da fala. Para Givón (2001, p. 153), no uso das marcas de tempo na comunicação natural, os falantes pressupõem que seus interlocutores mantêm um modelo mental da situação de fala; e nele está o tempo de fala, que é a referência temporal *default*, isto é, não marcada, a partir da qual os tempos absolutos estão marcados.

Para García Fernandez (2000, p. 22), trata-se, também, da relação entre dois momentos: o ponto da linha temporal em que se situa o evento e o momento da enunciação. Essa relação pode ser simultânea ou sucessiva; esta última abrange as relações de anterioridade e posterioridade. A figura a seguir ilustra essas relações e coloca na linha as três combinações possíveis entre os pontos:

---

<sup>22</sup> Vale ressaltar que diversos autores estabelecem a diferença entre o tempo como um conceito extralinguístico (tempo/*time*) e o tempo como categoria (Tempo/*tense*). Fleischman (1982, p. 8) trata *time* como um construto mental e *tense*, como uma das diversas estratégias linguísticas utilizadas para mapear o tempo na linguagem. Essa diferenciação é importante porque o tempo não é sempre expresso pelo Tempo. Existem outros recursos, como os advérbios e a organização sintática das frases, exemplificados por Comrie (1985) que o fazem; porém, a maioria das línguas marca o tempo na morfologia verbal.

Figura 3 – Representação do Tempo e a referência temporal (cf. Givón, 2001, p. 286).



Assim, os três principais tempos verbais seriam passado, futuro e presente. O primeiro se caracteriza por um evento ou estado que precede o tempo da fala; o segundo é um evento ou estado posterior ao tempo da fala; e o terceiro, um evento ou estado que é simultâneo ao tempo da fala. Não obstante, como afirma García Fernández (2000, p. 22), as listas clássicas das formas de conjugação têm mais de três elementos, razão pela qual se poderia pensar que existem tempos verbais que são a expressão da relação entre mais de dois pontos da linha temporal. Trata-se de uma análise mais complexa, que considera uma referência como terceiro ponto na apreciação dos tempos verbais, sendo diferente da referência *default*.

Esse tipo de análise se dá, por exemplo, no *pretérito pluscuamperfecto* do espanhol. García Fernández explica que, em uma sentença como *Juan había muerto*, o evento que denota o verbo *morir* não só é anterior ao momento da enunciação, como também é anterior em relação a algum outro evento que não está sendo expresso na estrutura. Em outras palavras, para uma completa interpretação da sentença é necessária a existência de outro elemento que subordine o evento de *morir*. Na sentença *mi hermano nos contó que Juan había muerto*, pode-se observar que há dois eventos: *contar* e *morir*, sendo que o evento denotado por *había muerto* é anterior ao momento da enunciação e também anterior ao evento denotado por *contó*.

Como se observa, trata-se de uma estrutura temporal na qual se vê a anterioridade do passado e, portanto, evidencia que não há somente dois pontos para estabelecer as relações temporais. Faz-se necessária uma terceira entidade na qual o evento precede o ponto de referência, que precede o momento da fala (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 23).

Para autores como Bello (1972 [1841]), Reichenbach (1960 [1947]), Fleischman (1982), Comrie (1985), Costa (1990) e Corôa (2005),

entre outros, os tempos absolutos estabelecem uma relação direta entre o evento e o ponto da enunciação. Segundo Fleischman (1982, p. 10), esses tempos absolutos se diferenciam dos tempos relativos, já que esses últimos estabelecem uma relação indireta entre o evento e o ponto da enunciação. Comrie (1985, p. 36), por sua vez, afirma que o termo *absoluto* é um termo usado para referir-se aos tempos que tomam o momento presente como centro dêitico, e que, dada a impossibilidade de uma referência absoluta do tempo, é um termo enganoso. Comrie explica que a localização de uma situação no tempo é sempre relativa à outra situação já estabelecida em outro ponto. Essa situação é o presente da fala. O autor sinaliza que, além dos tempos absolutos, existem tempos relativos que partem de algum outro ponto dado pelo contexto e não necessariamente do momento presente.

Assim, o ponto de referência coincide, segundo Back e Coan (2012, p. 14), com o tempo de fala nos tempos absolutos, enquanto que para os tempos relativos, tem a função de ser “um portão para o tempo de fala”. Nessa perspectiva, três tempos verbais formam a espinha dorsal da referência temporal: passado, presente e futuro, que são denominados tempos verbais absolutos e que se localizam, respectivamente, em um ponto anterior, simultâneo ou posterior em relação a um centro dêitico. Essas três possibilidades no tempo podem ser também referência a outro ponto no tempo, expresso pelos tempos relativos e dado pelo contexto como ponto de referência (BACK e COAN, 2012, p. 14).

Com as menções e citações anteriores, buscamos ilustrar que as discussões do sistema temporal giram ao redor de três pontos: o ponto do evento, o ponto do momento da fala e o ponto da referência. O ponto da referência, segundo os autores mencionados anteriormente, pode ou não coincidir com o ponto do momento da fala. Considerando essas definições, o ponto de referência será, para os propósitos desta pesquisa, um parâmetro interno à categoria de Tempo.

É útil apontar o estudo do sistema verbal da língua inglesa realizado por Reichenbach (1947), o qual é relevante na presente pesquisa por explicar claramente como os enunciados são criados por meio de três orientações que partem de um ponto de referência. Assim, Reichenbach sinaliza que o tempo gramatical é a expressão da relação entre três elementos: o *point of speech* (S) ou momento da fala, o *point of the event* (E) ou ponto do evento denotado pelo predicado e o *point of reference* (R) ou ponto de referência relevante para a localização do evento.

Para Reichenbach os três pontos são necessários para que seja possível dar conta do significado de qualquer forma verbal flexionada, em outras palavras, o que Reichenbach propõe é que a presença do ponto de



referência é necessária para todas e cada uma das Estruturas Temporais (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 26). Na página seguinte, apresentamos o quadro organizado por García Fernández.

Quadro 3 – Sistema verbal (cf. García Fernández, 2000, p. 26).

<b>ESTRUTURA</b>	<b>DENOMINAÇÃO<sup>23</sup></b>	<b>NOME TRADICIONAL</b>	<b>EXEMPLO</b>
E – R – S	Antepretérito	Pretérito pluscuamperfecto	<i>Carlos nos contó que Juan <u>había</u> llegado a las tres.</i>
E, R – S	Pretérito	Pretérito perfecto simple / pretérito imperfecto	<i>Mi hermano <u>llegó</u> ayer. Ayer <u>estaba</u> en Madrid.</i>
R – E – S R – S, E R – S - E	Pospretérito	Condicional	<i>La prensa anunció el día quince que el presidente <u>dimitiría</u> ayer.</i>
E – S, R	Antepresente	Pretérito perfecto compuesto	<i>El director <u>ha llamado</u> esta mañana.</i>
S, R, E	Presente	Presente	<i><u>Estudio</u> Derecho.</i>
S, R – E	Pospresente	-	<i><u>Vamos a comprarlo</u> pronto.</i>
S – E – R S, E – R E – S – R	Antefuturo	Futuro perfecto	<i>Los actores <u>llegarán</u> a las ocho, pero el público <u>habrá entrado</u> en la sala media hora antes.</i>
S – R, E	Futuro	Futuro	<i>Lo <u>compraremos</u> la semana que viene.</i>
S – R – E	Posfuturo	-	-

<sup>23</sup> Nomenclatura estabelecida por Bello no trabalho *Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana* (1972 [1841]) em que organiza os tempos de acordo com os respectivos significados.

O Quadro 3 classifica os tempos verbais do espanhol em nove tempos e apresenta treze estruturas temporais.

O *antepretérito* expressa a anterioridade do passado. Na sentença *Carlos nos contó que Juan había llegado a las tres*, o evento denotado por *llegar* é anterior ao denotado por *contar*.

O *pretérito* representa um evento que é anterior ao momento da enunciação e simultâneo ao ponto de referência, sendo também anterior ao momento da fala: *Mi hermano llegó ayer. Ayer estaba en Madrid*.

O *pospretérito* é um futuro do passado. Na sentença *La prensa anunció el día quince que el presidente dimitiría ayer*, o evento denotado por *demitir* é posterior ao denotado por *anunciar*.

O *antepresente* expressa um passado relevante em relação ao momento da fala, já que o ponto de referência é simultâneo a ele e não anterior, como acontece na forma do *pretérito*. Na estrutura temporal do *presente*, o evento é simultâneo ao ponto de referência e ao momento da fala. Autores como Comrie (1985) afirmam que a presença do ponto de referência no *presente* não é necessária, pois não aporta nenhum tipo de informação.

As estruturas temporais do *pospresente* e do *futuro* são paralelas às do *antepresente* e do *pretérito*. Assim, o *futuro* coloca o evento como posterior ao momento da fala, porém não estabelece nenhuma relação com ele, já que o ponto de referência também está no futuro.

O mesmo fenômeno se apresenta na forma do *pretérito*, no qual o evento e o ponto de referência estão, ambos, no passado. No caso do *antepresente*, um evento é colocado no passado, mas ele está em relação ao presente, uma vez que o ponto de referência é simultâneo ao momento da fala.

Igualmente acontece com a forma do *pospresente*, que situa o evento no futuro; porém, em relação com o presente. Essa última estrutura temporal – o *pospresente* – estaria realizado morfológicamente na forma *ir a + infinitivo*, enquanto a estrutura do futuro se daria, morfológicamente, com a forma simples: *llegaré*.

Contudo, García Fernández (2000, p. 29) afirma que o sistema verbal proposto por Reichenbach (1960 [1947]) produz mais estruturas temporais das que realmente se produzem nas línguas naturais. Isso porque o *pospretérito* e o *antefuturo* apresentam uma ambiguidade que não está gramaticalizada em nenhuma língua que se conheça: os três significados associados às formas mencionadas se realizam com a mesma forma de conjugação. Além disso, García Fernández sinaliza que a existência do *pospresente* e do *posfuturo* é bastante discutível.

A proposta de Comrie (1981), nesse sentido, é a existência de uma relação binária entre o momento da fala (S) e o momento do evento (E), em que não seja considerado o ponto de referência (R). Em outras palavras, a ideia de Comrie é que não exista uma relação direta entre E e S; e que o tempo gramatical seja, conseqüentemente, em determinadas estruturas temporais, a combinação de três pontos em duas relações: (S R) e (R E). Seguindo essas indicações de Comrie, a estrutura temporal do *pospretérito*, que se realiza em *dimitiría*, por exemplo, colocaria E posterior a R anterior a S; e a estrutura do *antefuturo* situaria E anterior a R posterior a S, sendo realizado na forma *habrá entrado*.

No caso do *posfuturo*, o problema sinalizado por García Fernández (2000, p. 31) é sobre a existência de uma forma verbal que represente a informação S – R – E. Segundo o autor, não há uma forma verbal que expresse que o evento é posterior ao ponto de referência, o qual, por sua vez, é posterior ao momento da fala.

Considerando a análise e apresentação dos problemas do sistema verbal de Reichenbach (1960 [1947]), bem como as possíveis soluções propostas por autores como Comrie (1981), García Fernández (2000, p. 38) apresenta um quadro que estabelece relações binárias, no qual os três pontos têm uma relação de dois para dois: o momento da fala com o ponto de referência e este com o ponto do evento.

Quadro 4 - Sistema verbal castelhano inspirado em Hornstein (1990) (cf. García Fernández, 2000, p. 38).

<b>ESTRUTURA</b>	<b>DENOMINAÇÃO</b>	<b>EXPRESSO PELA FORMA</b>
(S, R) (R, E)	Presente	Presente: <i>estudio</i> .
(R – S) (E, R)	Pretérito	Pretérito perfecto simple y Pretérito imperfecto: <i>llegó/estaba</i> .
(S – R) (R, E)	Futuro	Futuro: <i>compraremos</i> .
(S, R) (E – R)	Antepresente	Pretérito perfecto compuesto: <i>ha llamado</i> .
(S – R) (E – R)	Antefuturo	Futuro perfecto: <i>habrá entrado</i> .
(R – S) (E – R)	Antepretérito	Pretérito pluscuamperfecto: <i>había llegado</i> .
(R - S) (R – E)	Pospretérito	Condicional: <i>dimitiría</i> .
(R1–S) (R1–R2) (E – R2)	Antepospretérito	Condicional perfecto.

Nesta seção, não pretendemos analisar com profundidade nenhuma estrutura temporal específica, já que, para os propósitos desta pesquisa, o que interessa é estabelecer um sistema geral das estruturas temporais existentes na língua espanhola. Assim, as discussões realizadas nesta seção são relevantes porque subsidiam, à primeira parte da análise, o sustento necessário para atingir um dos objetivos do estudo: identificar e analisar as estruturas temporais que aparecem no uso das Construções Fraseológicas que fazem parte da amostra linguística em exame. Metodologicamente, optamos por utilizar o Quadro 4, apresentado anteriormente, o qual concilia as propostas de Reichenbach (1947) e Comrie (1981).

### **3.2.2 O Aspecto verbal**

Diversos linguistas consideram que, para explicar de modo satisfatório os fenômenos relativos à expressão da temporalidade de línguas como o espanhol e o português, é necessário considerar a categoria gramatical do Aspecto (COMRIE, 1985; TRAVAGLIA, 1994b; COSTA, 2002; CORÔA, 2005; entre outros). Uma vez que as categorias Tempo e Aspecto estão relacionadas com o tempo físico, é importante estabelecer a diferença entre eles, que reside nos significados que cada uma expressa.

O Aspecto, segundo Comrie (2001 [1976]), Costa (2002), Corôa (2005) e Fossile (2012), é responsável pela expressão do tempo interno da situação; enquanto o Tempo, pela expressão do tempo externo à situação. Tempo e Aspecto, conforme Comrie (2001 [1976], p. 3), diferenciam-se entre si pela propriedade dêitica. O Tempo é uma categoria dêitica que localiza os acontecimentos a partir do presente da enunciação. Já o Aspecto não está relacionado com o tempo da situação; senão, com a constituição temporal interna do acontecimento.

O Aspecto pode ser considerado uma categoria que permite ao falante adotar um ponto de vista com relação aos predicados, nesse sentido

O aspecto é uma das gramaticalizações da categoria VISÃO, é como se o falante, tângido por um inesperado transporte místico, visualizasse de fora, do alto, do além, os estados de coisas que ele mesmo acionou, separando, diligentemente (i) o que dura, (ii) o que começa e acaba... (CASTILHO, 2010, p. 147).

Por sua parte, Elena de Miguel (1999) estabelece a diferença entre Tempo e Aspecto afirmando que a primeira categoria é que localiza o evento verbal em um tempo externo; enquanto a segunda trata o tempo como uma propriedade inerente ou interna ao próprio evento. Nessa perspectiva, o Aspecto é um conceito que abrange um amplo conjunto de informações relacionadas com o modo como se apresenta um evento descrito por um predicado. Trata-se de uma categoria capaz de evidenciar como um evento se desenvolve ou acontece, seja implicando uma mudança ou a ausência desta, alcançando um limite ou carecendo dele, acontecendo de maneira única ou repetida, de modo permanente, habitual ou intermitente (DE MIGUEL, 1999, p. 2979).

Fundamentado no modelo de Klein (1992), García Fernández (2000, p. 46) define Aspecto como a relação entre o Tempo da Situação e o Tempo do Foco, a qual não é dêitica. O Tempo da Situação é o tempo durante o qual se desenvolve o evento denotado na parte léxica do verbo; enquanto que o Tempo do Foco é o período durante o qual é válida uma determinada afirmação em um dado momento. Essa relação apresenta, segundo García Fernández algumas possibilidades, conforme quadro apresentado na página seguinte.

Quadro 5 – Sistema aspectual castelhano (cf. García Fernández, 2000, p. 55-56).

<b>VARIIDADES ASPECTUAIS</b>	<b>VALOR SEMÂNTICO</b>	<b>FORMAS REPRESENTATIVAS DE CONJUGAÇÃO</b>	<b>EXEMPLO</b>
Imperfecto	Apresenta uma fase interna da situação. Coloca no foco o processo da situação.	<i>Presente e Pretérito imperfecto.</i>	<i>Hace dos días Juan pintaba su casa.</i>
Perfectivo (ou Aoristo)	Apresenta a situação completa. Fala sobre a finalização da ação.	<i>Pretérito perfecto simple.</i>	<i>Hace dos días Juan pintó su casa.</i>
Perfecto	Apresenta o resultado da situação.	Formas compostas com <i>haber</i> .	<i>Hace dos días Juan ya había pintado su casa.</i>
Prospectivo	Apresenta uma parte do período que precede a situação.	Perífrase <i>ir a + infinitivo</i> (em certos casos).	<i>Hace dos días Juan iba a pintar su casa.</i>
Neutral	Variiedade que se pode interpretar como Imperfecto ou como Aoristo.	<i>Futuro simple</i> e <i>condicional simple.</i>	-

García Fernández sinaliza que cada uma dessas variantes apresenta diferentes realizações. Para o *Imperfecto*, são três formas reconhecidas: Progressivo, Habitual e Contínuo.

O Progressivo focaliza um único ponto; pode se realizar através da forma do pretérito imperfeito: *a las cinco Juan escribió una carta, pero no sé si la terminó*; ou da perífrase *estar* + gerúndio, que torna mais específico o valor do aspecto imperfectivo: *a las cinco Juan estaba escribiendo una carta, pero no sé si la terminó*.

O Habitual aparece em predicados que expressam situações em que a repetição é uma propriedade característica do sujeito: *por las mañanas siempre tomaba té*.

O último, o Contínuo, focaliza um período e aparece em predicados estativos, como *era rubio* e *tenía los ojos azules*. É o único em que esse tipo de predicados pode aparecer, já que, nem o Habitual, nem o Progressivo permitem esse tipo de interpretação.

O Aoristo, por sua vez, tem duas variedades: Ingressivo e Terminativo. O primeiro acontece quando um complemento adverbial sinaliza o início da situação: *a las tres Juan tocó la polca*. Nessa sentença, o complemento *a las tres* se refere ao momento em que *Juan* começa a ação de *tocar*. Já na leitura do Terminativo, o complemento adverbial sinaliza um intervalo de tempo: *a las cinco leyó el telegrama*. A leitura terminativa é a leitura mais comum do Aoristo, por conta de que a leitura ingressiva tem algumas complicações no nível pragmático: segundo García Fernández explica, ela só é permitida para atividades e as realizações que se desenvolvem em breves espaços de tempo.

As variedades mais relevantes do Perfecto são o Resultativo, o Experiencial e o Continuativo. O primeiro refere-se ao resultado de um único evento. O segundo, ao estado das coisas que estão dentro de um tipo de experiência. Por exemplo, *Juan ya ha llegado* expressa um aspecto Resultativo, enquanto que *Juan ya ha llegado a las tres de la mañana*, expressa um aspecto Experiencial. Na primeira sentença o evento apresentado por *llegar* significa um único evento de estar presente; na segunda sentença, apresenta-se a experiência de que *Juan*, em alguma ocasião, esteve presente, sem ser necessário expressar que ele está presente agora. O Continuativo indica aquelas ações que se prolongam e se repetem; e também pode ser indicado com predicados negados, porém, nada se diz sobre o final da situação. São exemplos dessas possibilidades: *he vivido lo suficiente en este país como para saber cómo funcionan las cosas* (ação que se prolonga); *hasta ahora me ha dicho siempre la verdad* (ação que se repete); e *no he comido todavía* (predicado negado).



O Prospectivo, segundo García Fernández (2000, p. 58), não tem nenhum tipo de variedade e, para o autor, a existência dele no sistema aspectual do espanhol é bastante discutível, razão pela qual não menciona uma forma de conjugação que o represente. No entanto, o autor aponta que, dentro do Aspecto Prospectivo, é possível considerar as construções no *pretérito imperfecto* da perífrase *ir + infinitivo*, como em: *Juan iba a pintar su casa*, que no espanhol se considera uma intenção no passado, uma ação que não se realiza.

Todas as variedades explicadas anteriormente respondem ao fato de que a categoria do Aspecto é utilizada para aludir à informação, ou ao conjunto de informações, que um determinado predicado proporciona sobre o modo como um evento se desenvolve e se distribui no tempo.

Contudo, há várias classificações de diversos autores que, como García Fernández (2000), analisam as noções aspectuais voltadas às línguas naturais, como os já mencionados anteriormente: Comrie (2001 [1976]), Travaglia (1994), Rojo (1999), De Miguel (1999), Costa (2002), Corôa (2005), Rodrigues (2009), Oliveira (2010), Fossile (2012), entre outros. Nesses estudos, há uma série de terminologias utilizadas para identificar os valores aspectuais nas línguas, evidenciando que as discussões sobre a aspectualidade parecem ser inesgotáveis. Fossile (2012) reconhece e resenha diferentes estudos sobre o aspecto nas línguas portuguesa e alemã, elaborando, a partir da análise delas, uma classificação mais sistemática.

A síntese feita por Fossile (2012, p. 83-91) tem como base a dicotomia aspecto perfectivo *vs.* aspecto imperfectivo e o quadro aspectual encontrado na literatura. Fundamentada nas considerações de Costa (1997, p. 30), Travaglia (1994, p. 86) e Castilho (1968; 2010, p. 416), Fossile (2012, p. 84) assume a imperfectividade como a noção que seleciona as fases do tempo interno de um evento: as fases inicial, medial e final. Na posição de Fossile, em consonância com a de García Fernández (2000), a imperfectividade nunca é entendida como um todo, enquanto que a perfectividade é vista como um conjunto de começo, meio e fim, que apresenta uma situação completa.

Fossile sinaliza que os aspectos relacionados ao aspecto imperfectivo são aqueles que imprimem uma ideia em andamento ao longo do tempo, ou seja, que apresentam os traços [+ durativo] e [+ cursivo], e não têm marcas de limite inicial ou final. Trata-se dos aspectos durativo, indeterminado, não-acabado e cursivo (FOSSILE, 2012, p. 85). O aspecto terminativo também se relaciona com o aspecto imperfectivo, já que não apresenta nenhum evento depois de seu momento de término (FOSSILE, 2012, p. 86). Os aspectos iterativo e habitual expressam

eventos que se repetem constantemente, o que imprime, neles, o traço [+ cursivo], razão pela qual correspondem ao aspecto imperfectivo. O último aspecto a ser relacionado ao aspecto imperfectivo, a partir de Fossile (2012, p. 89-90), é o inceptivo, o qual é caracterizado por referenciar situações que expressam o ponto de início ou os primeiros momentos de uma situação, ressaltando uma fase do processo verbal.

No que tange aos aspectos relacionados ao aspecto perfectivo, Fossile (2012, p. 87-88) sinaliza que estes são aqueles utilizados para se referir a situações momentâneas que não perduram ao longo do tempo; são situações concluídas. É o caso dos aspectos pontual, acabado e resultativo ou egressivo. Para sintetizar as noções aspectuais, Fossile apresenta o seguinte quadro:

Quadro 6 – Síntese de valores aspectuais (cf. Fossile, 2012, p. 90).

<b>ASPECTO PERFECTIVO</b>	<b>ASPECTO IMPERFECTIVO</b>
Aspecto pontual	Aspecto cursivo
Aspecto acabado	Aspecto inceptivo
-	Aspecto terminativo
-	Aspecto iterativo

Considerando que os Quadros 5 e 6, os quais resenham as propostas de García Fernández (2000) e Fossile (2012), são os mais completos na literatura e respondem às necessidades de análise nesta pesquisa, apresentamos, a seguir, o Quadro 7 que engloba as duas propostas e constitui o suporte da análise da leitura aspectual da amostra linguística neste estudo:

Quadro 7 – Valores aspectuais considerados para a análise dos dados.

<b>ASPECTO PERFECTIVO</b>	<b>ASPECTO IMPERFECTIVO</b>
Aspecto pontual ou resultativo	Aspecto cursivo ou continuativo
Aspecto acabado	Aspecto inceptivo ou ingressivo
-	Aspecto terminativo
-	Aspecto iterativo ou habitual
-	Aspecto progressivo
-	Aspecto prospectivo
-	Aspecto contínuo
-	Aspecto durativo

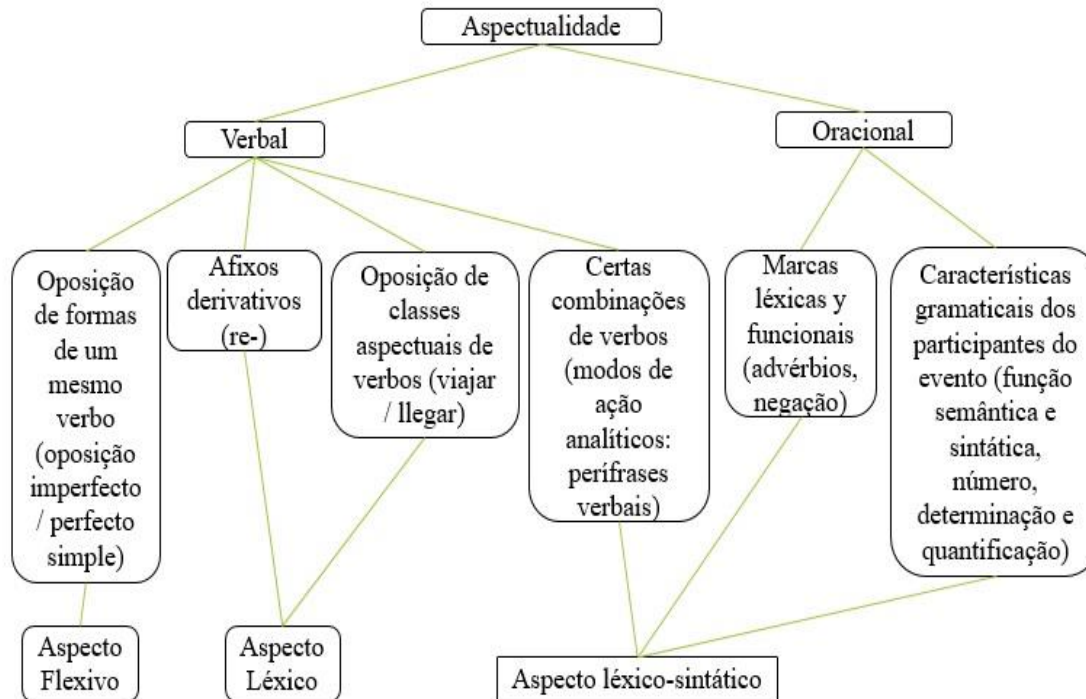
No Quadro 7, os aspectos pontual e resultativo são considerados como um único valor, já que, todo predicado que expressa uma ação

pontual expressa, também, o resultado de um único evento. Sabemos que pode existir uma diferença de duratividade entre os dois aspectos; no entanto, como afirma Travaglia (1994, p. 94-95), toda situação apresenta uma dada duração, mas uma situação é considerada durativa somente quando a duração é expressiva e, no caso dos aspectos pontual e resultativo, não temos tal expressividade.

Assim, uma vez que a leitura aspectual não se atrela unicamente à morfologia, passaremos a explicar outros fatores que influenciam a interpretação do Aspecto verbal.

O Aspecto, segundo Elena de Miguel (1999, p. 2980), pode se apresentar de diversas maneiras: (a) através de recursos relacionados com as formas verbais que, como tratado anteriormente, pode ser por meio da oposição das formas de um mesmo verbo, mediante afixos flexionais; por meio da oposição de duas estruturas temporais, ou através de perífrases verbais; e (b) a informação aspectual, no caso do espanhol, pode se apresentar por unidades léxicas que funcionam como predicados. Assim, a leitura aspectual pode ser determinada pela morfologia verbal, pelos advérbios temporais, por características intrínsecas ao verbo e por fatores textuais e extralinguísticos. Com a finalidade de sintetizar as diferentes manifestações da aspectualidade, apresentamos, na página seguinte, o mapa proposto por Elena de Miguel (1999), o qual organiza as distintas informações que contribuem para a leitura da aspectualidade. Na figura, sinaliza-se a aspectualidade de tipo verbal.

Figura 4 – Manifestações da aspectualidade em espanhol (cf. Elena de Miguel, 1999, p. 2993).



O que representamos na Figura 4 é o fato de que a leitura aspectual não depende apenas de um elemento oracional ou verbal, senão de vários fatores cujas características devem ser consideradas no momento de avaliar a aspectualidade. Todos os predicados têm a propriedade de influenciar diferentes interpretações e podem ser modificados por diversos elementos. Por exemplo, um aspecto perfectivo dado pela flexão verbal (Aspecto flexivo), como [cantou] pode ser modificado por marcas léxicas funcionais, como a negação, a qual, diante de predicados télicos cumpre uma função de durativização. “Cantou” é uma forma verbal perfectiva por natureza, télica, que, quando apresenta a negação [não cantou], expressa uma ideia de imperfectividade, já que a ação de cantar acaba não sendo realizada.

Haja vista que um dos objetivos desta investigação é identificar os aspectos presentes no emprego de certas CFs, metodologicamente, serão considerados os seguintes fatores: a morfologia verbal; a semântica do verbo; e a presença de complementos adverbiais – sobre os quais se discute nos parágrafos adiante.

A morfologia aspectual se expressa através das desinências verbais. O aspecto morfológico é aquele que a gramática tradicional utiliza para dividir os tempos em perfectivos e imperfectivos.

O aspecto Perfectivo focaliza as situações em seu conjunto, do princípio ao fim, e as apresenta como completas ou acabadas, como no caso de *vimos la película*. Já as formas imperfectivas, *canto* e *cantaba*, por exemplo, apresentam o evento em andamento, sem referência ao início ou ao fim. Essa forma está presente em sentenças como *Arturo leía una novela*.

Segundo a *Nueva Gramática de la lengua española*, o Aspecto morfológico tem a capacidade de alterar as informações gramaticais do Aspecto léxico (2010, p. 431). Nessa direção, o Aspecto léxico, também denominado modo de ação, é a informação que se obtém da significação do predicado. Conforme Vendler (1967), a tipologia sobre o Aspecto inerentemente verbal se constitui a partir dos traços exibidos nos predicados que podem ser (+/-) contínuo e (+/-) finalizado. Os predicados apresentam, segundo Vendler, traços como [télico], [durativo] e [dinâmico]; e, com a combinação destes com as propriedades positivas e negativas, é possível definir todos os predicados existentes em uma língua. Os predicados de traço [télico] são predicados que têm um ponto final definido; os de traço [durativo] são característicos de processos; e os de traço [dinâmico] são verbos de ação que se combinam com um sujeito agentivo, fazendo referência a movimento. São exemplos desses predicados os verbos cair e sentar, dormir e ler, correr e aprender,

respectivamente. O autor classifica as classes aspectuais em quatro grupos de verbos:

- **Estados:** designa eventos que não podem ser divididos em fases, já que elas ocorrem em todos os momentos de um período de tempo interno. É uma classe não-dinâmica, durativa e homogênea. Eles não representam um limite final inerente (RODRIGUES, 2009, p. 27). São situações não agentivas. Exemplo: *ser feliz*.
- **Atividades:** é uma situação que apresenta um ponto final que é aberto. Refere-se a períodos de tempo que não são únicos nem definitivos (VENDLER, 1967, p. 26). As atividades são dinâmicas e apresentam atelicidade, duratividade e homogeneidade, ou seja, as fases são próprias da mesma natureza do evento. São atividades verbos como *correr, trabalhar, dançar*.
- **Achievement:** é uma situação momentânea e envolve instantes de tempos únicos e definidos (VENDLER, 1967, p. 24). São denominados também como culminações ou verbos de realização, pois expressam situações pontuais. Possuem os seguintes traços: dinamicidade, telicidade, pontualidade e não-homogeneidade. Exemplo: *bater o carro, assustar-se, matar*.
- **Accomplishment:** é uma situação com um ponto final definido (VENDLER, 1967, p. 26). Também denominados como processos culminados ou verbos de conclusão; são situações que implicam uma determinada duração, mas que têm um ponto final definido. Apresentam dinamicidade, na qual o evento pode ter alteração nas fases; telicidade, duratividade e não-homogeneidade. Exemplo: *lavar a louça, escrever um livro*.

A essas quatro classes fundamentais de predicados distinguidas por Vendler (1967) pode ser adicionada uma quinta, proposta por Bertinotto (1986) e Smith (1991), a qual corresponde a predicados pontuais atélicos, como *espirrar* ou *sobressaltar-se*. Essa quinta distinção é feita porque, na classificação de Vendler, os únicos predicados com o traço pontual são os *Achievements*, que são também télicos. A diferenciação através de uma nova classe é trazida por conta da influência que os complementos adverbiais têm sobre os *Achievements*, que não se combinam, no

espanhol, com complementos adverbiais introduzidos pela preposição *em*, pois esta expressa duração.

Assim, as cinco classes de predicados são resumidas da seguinte maneira, conforme seus traços:

- **Estados:** [+durativo], [-dinâmico], [-télico], [+homogêneo]
- **Atividades:** [+durativo], [+dinâmico], [-télico], [+homogêneo]
- **Accomplishments:** [+durativo], [+dinâmico], [+télico], [-homogêneo]
- **Achievements:** [-durativo], [+dinâmico], [+télico], [-homogêneo]
- **Pontuais:** [-durativo], [+dinâmico], [-télico], [-homogêneo]

No que tange aos complementos adverbiais (CA) mencionados anteriormente, trata-se de elementos que, como vimos, “modificam, determinam ou fazem aparecer certo valor aspectual”<sup>24</sup> (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 77) em uma determinada estrutura. Segundo o autor, a relação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical é explicada por dois conceitos fundamentais: (i) a ideia de transição, relacionada ao evento estar acabado ou não; e (ii) o conceito de telicidade, que se refere à existência ou ausência de um fim natural, marcado no predicado.

Para García Fernández (2000, p. 78), tais complementos dividem-se em quatro grupos: CA de duração, CA de localização, CA de fase e CA de frequência. Os CA de duração proporcionam informação sobre o desenvolvimento do evento verbal, eles podem ser quantitativos (*en, durante e para*, seguidos de um sintagma nominal quantificado) ou delimitativos (*desde, desde...hasta, hasta, de...a, de ahora en adelante, a partir de, entre*). Os CA de localização são aqueles que sinalizam o momento em que se situa o evento verbal ou um período que o inclui (*a las tres, en este momento, ayer, el año pasado*). Já os CA de fase indicam diferentes fases no desenvolvimento do evento (*ya, todavía, todavía no, ya no*). Por último, os CA de frequência sinalizam quantas vezes o evento acontece (*siempre, muchas veces, a veces*).

Nesta seção, explicamos os fatores e as noções aspectuais considerados no exame das Construções Fraseológicas presentes nas amostras em estudo. Embora todas participem da análise, cabe ressaltar que, ao longo do percurso deste estudo, algumas cobraram mais

---

<sup>24</sup> *Los CCAA [complementos adverbiales] de aspecto modifican, determinan o hacen aparecer un cierto valor aspectual.*

relevância que outras, o que é melhor explicitado, mais adiante, no Capítulo 4, na exposição da metodologia da pesquisa.

Passamos, a seguir, a concatenar os conceitos expostos ao longo desta seção com a proposta de nomear “Construção Fraseológica” o fenômeno objeto de nosso estudo.

### 3.3 A CONSTRUÇÃO FRASEOLÓGICA

Como visto anteriormente, os modismos são considerados pela Linguística Cognitiva como construções, razão pela qual, nesta dissertação, para denominar o objeto de estudo, propomos o termo “Construção Fraseológica”.

A escolha do termo está sustentada, primeiramente, no fato de que a Gramática de Construções surge na tentativa cognitivista de encontrar um lugar na gramática para as expressões denominadas modismos e que, nos estudos fraseológicos, são chamadas de Unidades Fraseológicas. Assim, é na interface teórica proposta ao longo desta pesquisa, que nasce a ideia do termo, sempre em concordância com o conceito de construção no plano do cognitivismo: uma construção gramatical é o emparelhamento da forma com o significado.

Para os cognitivistas, a gramática não funciona só a partir de unidades léxicas; é considerada, também, como uma abstração delas. Essa abstração pode ser realizada como uma extensa gama de possibilidades, que vão desde frases idiomáticas, que se identificam com orações completas, até sentenças altamente esquemáticas (CUENCA e HILFERTY, 2007, p. 86). Ou seja, o cognitivismo postula a construção como a unidade de representação sintática.

Nas palavras de Croft e Cruse (2008, p. 320), “uma construção é uma configuração sintática, que em ocasiões conta com um ou mais elementos característicos, mas que em outras ocasiões carece deles<sup>25</sup>”. Certamente, a corrente cognitivista-construcional constitui, mediante todo esse raciocínio que parte dos modismos, a hipótese que vai fundamentar as gramáticas da construção: que existe uma representação uniforme de todo o conhecimento gramatical na mente do falante, em forma de construções generalizadas.

Nessa perspectiva, adotamos, nesta investigação, não apenas a visão cognitivista da gramática, como também propomos chamar os modismos de Construções Fraseológicas, por serem construções no

---

<sup>25</sup> *Una construcción es una configuración sintáctica, que en ocasiones cuenta con uno o más elementos característicos, pero que en otras ocasiones carece de ellos.*



sentido pleno do conceito, além de unidades que reúnem informação morfosintática, semântica, fonológica e pragmática.



## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos seguidos para atingir os objetivos desta dissertação. Assumindo que um estudo linguístico de cunho funcionalista e cognitivo deve considerar dados extraídos de situações reais, optamos, primeiramente, pela análise com base em *corpora* representativos da língua espanhola, levando em consideração a busca de um número total de vinte CFs, que, posteriormente, foram reduzidas a cinco, com o propósito de analisá-las a partir da sua frequência de uso.

Assim, o presente capítulo se divide em quatro partes, as quais apresentam e explicam cada uma das etapas da pesquisa: as CFs analisadas, a verificação nos *corpora* selecionados para realizar a busca, o programa estatístico e o grupo de fatores considerados na análise, tanto temporal como aspectual.

### 4.1 O RECORTE DAS CFs PARA ANÁLISE

A necessidade de recortar o fenômeno para a análise decorre de dois fatores, essencialmente: (i) a produtividade e a diversidade de CFs na língua em uso; e (ii) a constatação da existência de inúmeros estudos e materiais didáticos que problematizam o fenômeno, apresentando expressões fraseológicas do espanhol atual pouco frequentes no uso. Logo, delimitamos o fenômeno por meio de dois critérios:

- Escolha das CFs que apresentam um núcleo verbal.
- Consideração daquelas de uso compartilhado em variedades da língua espanhola.

O uso compartilhado foi determinado a partir da conciliação de dois livros que recolhem uma série de expressões típicas de duas regiões dialetais da língua espanhola: a região andina e a região peninsular. Tendo em vista que essas regiões dialetais compreendem diversas variedades, decidiu-se focar na variedade colombiana, representando a região andina, por ser a variedade da autora desta dissertação.

Os livros dos quais foram extraídas as CFs que compõem a amostra foram os seguintes: *Colombianadas. Colombian English Dictionary*, para a primeira região, e *Hablar por los codos. Frases para un español cotidiano*, para a segunda.

Após a seleção dos livros e sua revisão, foram selecionadas CFs comuns nas duas obras. Entendemos que esse critério sinaliza que as CFs

selecionadas são, de certo modo, compartilhadas em diferentes variedades hispânicas, não se restringindo ao espanhol colombiano ou peninsular.

Assim, foram selecionadas, em um primeiro momento, vinte CFs, que, após uma primeira busca nos *corpora*, foram reduzidas de acordo com sua frequência de uso, avaliada a partir do número de ocorrências encontradas. A frequência que serviu de parâmetro para o recorte foi de acima de cinquenta ocorrências, das quais foram selecionadas as cinco CFs de maior frequência. A seguir, apresentamos a Tabela 1, que sintetiza a amostra final com o número de dados analisados.

Tabela 1 – Número de ocorrências total por Construção Fraseológica.

<b>Construção fraseológica<sup>26</sup></b>	<b>Nº. de ocorrências total</b>	<b>Nº. de ocorrências analisadas</b>
Tirar la toalla	267	184
Poner el grito en el cielo	220	217
Echar leña al fuego	134	101
Hablar por los codos	105	84
Pagar los platos rotos	101	90
<b>TOTAL</b>	<b>827</b>	<b>676</b>

Como podemos observar na Tabela 1, embora a CF *Tirar la toalla* apresente mais ocorrências em uma perspectiva geral, a CF *Poner el grito en el cielo* a supera por apresentar mais dados que conservam o verbo principal *poner* como núcleo da construção, enquanto o verbo *tirar* apresenta mais substituições. Esse fator, que explica a razão de o número de dados analisados ser menor que o número total de ocorrências encontradas nas amostras, é discutido mais precisamente na seção 4.3, adiante, na qual serão exemplificadas as substituições verbais das CFs que não entram na análise e na quantificação total, apresentada no Capítulo 5.

Em concordância com a corrente teórica adotada nesta pesquisa, baseamos nosso estudo em dois *corpora* do espanhol, os quais recolhem dados tanto de língua falada como de língua escrita. Desse modo, passamos a explicar como foi realizada a busca dos dados e a descrever brevemente os *corpora* utilizados.

<sup>26</sup> Apresentamos, aqui, as equivalências das CFs no português:

- Jogar a toalha.
- Colocar a boca no trombone.
- Botar lenha na fogueira.
- Falar pelos cotovelos.
- Pagar o pato.

## 4.2 VERIFICAÇÃO EM *CORPORA*

Como mencionado anteriormente, uma primeira análise das vinte CFs fraseológicas delimitadas no momento inicial de elaboração da amostra foi realizada por meio da busca em dois *corpora* do espanhol: o *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA)<sup>27</sup>, da *Real Academia Española*, e o *Corpus del Español*<sup>28</sup>, da *Brigham Young University*.

### 4.2.1 Os *corpora*

O *corpus* linguístico CREA é um banco de dados da *Real Academia Española*, composto por textos orais e escritos, que buscam proporcionar informação detalhada acerca da língua espanhola. Nele, há textos produzidos em todos os países hispanofalantes, de 1975 a 2004. *Corpus* representativo do estado atual da língua, o CREA é integrado a partir de quatro parâmetros:

- **Médio:** 90% correspondem à língua escrita e 10%, à língua oral. Do 90% da língua escrita, 49% correspondem a livros, 49% à imprensa e 2% a textos como folhetos, e-mails, etc.
- **Cronológico:** a divisão do *corpus* está em períodos de cinco anos (1975-1979, 1980-1984, 1985-1989, 1990-1994, 1995-1999 y 2000-2004).
- **Geográfico:** 50% do material do *corpus* é procedente da Espanha e 50% da América. Este último se distribui, por sua vez, nas zonas linguísticas tradicionais: Andina, Antilhas, Caribe, Continental, Chilena, Estados Unidos, México e América Central e Rio da Prata.
- **Temático:** foram estabelecidas seis grandes áreas para cada um dos textos que compõem o *corpus*. Cada área está especificada em áreas temáticas mais concretas que podem servir como critérios de busca.

O *corpus* tem três janelas principais. A primeira apresenta as sete opções disponíveis para que o pesquisador estabeleça o perfil da busca.

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://corpus.rae.es/creanet.html>>. Acesso: outubro, 2015.

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://www.corpusdelespanol.org>>. Acesso: outubro, 2015.

Os campos a serem preenchidos são os seguintes: *consulta*, *autor*, *obra*, *cronología*, *medio*, *geografía* e *tema*. A segunda corresponde aos resultados encontrados pelo sistema, dando também a possibilidade de obter os exemplos do resultado total dos dados alcançados, que é a terceira janela à qual o pesquisador é direcionado.

Como é possível ver na figura apresentada na próxima página, cada uma das ocorrências localizadas nos textos do *corpus* é numerada junto à referência do ano, o autor, o título, a data, o país, o tema e a publicação em que as ocorrências aparecem, sendo possível, também, ver o contexto de cada exemplo.

O outro *corpus* utilizado metodologicamente nesta pesquisa é o *Corpus del Español*. Da mesma maneira que o *CREA*, o *Corpus del Español* dá a opção de escolher o período cronológico no qual se deseja enquadrar os resultados. Além disso, este *corpus* permite não apenas preencher o campo da palavra a ser procurada, mas também oferece a opção de sinalizar um colocado, ou seja, a palavra que usualmente aparece ao lado da palavra principal. Apresentamos, na sequência, figura que ilustra a janela dos resultados do *corpus*.

Uma vez exposta essa breve descrição dos *corpora* utilizados nesta pesquisa, passaremos a explicar a busca dos dados em cada um deles.

Figura 5 – Enumeración de ejemplos y características do *Corpus CREA*.



# REAL ACADEMIA ESPAÑOLA

Concordancias (RAE)

<b>Consulta:</b>	<i>la toalla, en todos los medios, en CREA</i>
<b>Resultado:</b>	571 casos en 373 documentos.

---

OBTENCIÓN DE EJEMPLOS

Concordancias ▾	Normal ▾	Clasificación:	▾
Agrupación:		Marcas:	▾

Cómo citar el CORPUS **Concordancias.**

Pantalla: 1 de 23. Siguiente [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#) [23](#) Ver párrafos

Nº	CONCORDANCIA	AÑO	AUTOR	
1	uy cuesta arriba para su equipo, pero sin arroj	la toalla, porque "restan 90 minutos y no se puede de	** 1991	PRENSA
2	iendo a la mujer más sensual del mundo. Debajo de	la toalla no había nada eso sí te lo aseguro. ¿Harías	** 1997	PRENSA
3	az, presidente del CONAM, estuvo a punto de tirar	la toalla y de retirarse del cuadrilátero. El que hay	** 1997	PRENSA
4	o considerados. Es como si en un combate de boxeo	la toalla no se arrojara desde el rincón sino que la	** 2000	PRENSA
5	2000 2000 10 301 P Gore arroja	la toalla MERCEDES GALLEG0. - DV. WASHINGTON El demóc	** 2000	PRENSA
6	és de repetir la ciaboga su tripulación no arrojó	la toalla, no se abandonó y tuvo arrestos para ir a p	** 1996	PRENSA
7	isas-. Estamos preocupados. Pero no vamos a tirar	la toalla". No se excluye que las cajas negras pudier	** 1996	PRENSA
8	ndependentistas. Bouchard y los suyos no lanzarán	la toalla si tampoco hoy, como en 1980, los quebeques	** 1995	PRENSA
9	ba a remontar. No pudo ser y fui yo el que arrojé	la toalla." Para Miguel Induráain lo sucedido supone	** 1995	PRENSA
10	nes distintas, por el hecho de que no haya tirado	la toalla y haya acudido antes a la consulta electora	** 1995	PRENSA
11	Con este balance, Anibal Cavaco Silva ha arrojado	la toalla sin arriesgarse a pasar por un nuevo examen	** 1995	PRENSA
12	governar, que lo mejor que podría hacer es tirar	la toalla y convocar elecciones generales. El primer	** 1995	PRENSA
13	o un duro golpe y no sería de extrañar que tirara	la toalla, como apuntó el diario "Bild" en su portada	** 1995	PRENSA
14	ar a los militantes socialistas que no va a tirar	la toalla en "esta temporada dura de acoso" fue uno d	** 1995	PRENSA
15	pa. CD TENERIFE, 2-FC BARCELONA, 1. El Barça tiró	la toalla ante un rival disminuido que supo remontar	** 1995	PRENSA
16	ecedentes y que Rahola estaba "a punto de arroj	la toalla" y aceptar. En los últimos días el secretar	** 1995	PRENSA

Figura 6 – Enumeración de ejemplos do *Corpus del Español*.

**CORPUS DEL ESPAÑOL** M GODDY RO

100.000.000 PALABRAS, sXIII-XX historia | listas | s

VER CONTEXTO: HACER CLIC EN LA PALABRA (TODAS LAS SECCIONES), NÚMERO (UNA SECCIÓN), O [CONTEXTO] (VARIAS) [AYUDA...]

		CONTEXTO	FREC
1	<input checked="" type="checkbox"/>	PÁJAROS	15

1.422 secc

**PALABRAS CLAVES EN CONTEXTO (PCEC)** Ayuda / información / contactar

SECCIONES: NO HAY LÍMITES

HACER CLIC EN EL TÍTULO PARA MÁS CONTEXTO  [?] GUARDAR LISTA SELECCIONAR LISTA ----- ▼ CREAR NUEVA LISTA  [?]

ORDENA y LIMITAR	ORDEN	MÍNIM		A	B	C
1	19-F	Los hombres de a caballo	A B C	presentado y discutido, puede salir perfectamente un libro. Sería ganar tiempo, sería <b>matar</b> varios <b>pájaros</b> de un tiro. Notas, apuntes, reflexiones - - - toquetea		
2	19-F	Fábula de las dos Anas	A B C	con el muchacho, pero puso además en marcha la maquinación que había ideado para <b>matar</b> dos <b>pájaros</b> de un tiro: convertirse en la mujer más hermosa y cas		
4	18	Narraciones populares: (1)	A B C	dos <b>pájaros</b> de una pedrada (como dicen Vds. en su afán de <b>matar pájaros</b> hasta de boca), proporcionando a sus campos frescura y esterminadores de insectos		
5	18	Los caballeros del amor (Me...	A B C	Catalina de Sandoval, han de quedar bien satisfechos de mí. Esto se llama <b>matar</b> dos <b>pájaros</b> de un solo tiro. [#] Capítulo LX Ojeada retrospectiva. Las últimas		



## 4.2.2 Realização da busca

Considerando que o objetivo desta pesquisa é analisar os tempos e aspectos verbais em que as CFs são empregadas pelos falantes, a primeira busca das ocorrências nos *corpora* foi realizada de modo geral, isto é, em nenhum dos dois *corpora* foram delimitados tema, período cronológico e autores. O campo preenchido nos dois bancos de dados foi o de consulta ou palavra, sempre utilizando um ou dois dos componentes centrais das CFs.

No *corpus* do CREA os campos *autor*, *obra* e *cronológico* foram deixados em branco, enquanto para *medio*, *geográfico* e *tema* foi selecionada a opção *todos*. No *Corpus del Español*, a posição do colocado e da categoria gramatical não foram utilizados; e para o campo destinado para a delimitação cronológica foi selecionado *ignorar*.

Levando em consideração que os critérios de busca são amplos, as ocorrências apareceram nos diferentes períodos históricos e nos diferentes gêneros considerados pelos dois bancos de dados.

Cada ocorrência encontrada, de cada uma das vinte primeiras CFs, foi revisada para determinar que as palavras coincidentes entre a consulta e os resultados fossem realmente parte das construções consultadas e não um outro uso das palavras. Isso porque é de interesse, na análise, observar as licenças de mudança que as CFs permitem, sem que se comprometa sua idiomaticidade. Por essa razão, foram excluídas, do número total de ocorrências, aquelas que mostraram as CFs como parte de dicionários idiomáticos.

A partir dessa revisão, foi selecionada a amostra listada na seção 4.1 deste capítulo.

## 4.3 ANÁLISE DOS DADOS

Como mencionado na seção 4.1, o objeto em análise está composto de cinco CFs selecionadas por seu alto número de ocorrências nos *corpora* considerados e descritos anteriormente. A Tabela 1, já exposta, dá conta do número de dados encontrados e do número de dados analisados.

Como é possível observar na Tabela 1, foram encontradas, no total, 827 ocorrências das cinco CFs selecionadas para a análise. No entanto, dessas 827, apenas 676 dados foram analisados, uma vez que 151 ocorrências se apresentam com verbo principal diferente – conforme Tabela 2, a seguir –, embora, a maioria, apresente-se dentro de um campo semântico relacionado ao do verbo usual da CFs.

Na tabela a seguir apresentamos as construções associadas com o número de ocorrências encontradas nos *corpora*, cabe ressaltar que essas construções associadas apresentadas a seguir, podem ser consideradas também CF, já que na modificação do verbo elas não sofrem a perda do conteúdo idiomático que vem da CF principal.

Tabela 2 – Número de ocorrências das construções associadas às CFs analisadas.

<b>Construção fraseológica</b>	<b>Construção associada</b>	<b>Nº. de ocorrências</b>
<i>Tirar la toalla</i>	<i>Arrojar la toalla</i>	80
<i>Tirar la toalla</i>	<i>Lanzar la toalla</i>	3
<i>Poner el grito en el cielo</i>	<i>Pegar el grito en el cielo</i>	3
<i>Echar leña al fuego</i>	<i>Añadir leña al fuego</i>	19
<i>Echar leña al fuego</i>	<i>Agregar leña al fuego</i>	3
<i>Echar leña al fuego</i>	<i>Arrojar leña al fuego</i>	3
<i>Echar leña al fuego</i>	<i>Tirar leña al fuego</i>	2
<i>Echar leña al fuego</i>	<i>Poner leña al fuego</i>	2
<i>Echar leña al fuego</i>	<i>Meter leña al fuego</i>	1
<i>Echar leña al fuego</i>	<i>Arrimar leña al fuego</i>	1
<i>Echar leña al fuego</i>	<i>Aplicar leña al fuego</i>	1
<i>Echar leña al fuego</i>	<i>Quitar leña al fuego</i>	1
<i>Hablar por los codos</i>	<i>Charlar por los codos</i>	17
<i>Hablar por los codos</i>	<i>Mentir por los codos</i>	4
<i>Pagar los platos rotos</i>	<i>Recomponer los platos rotos</i>	7
<i>Pagar los platos rotos</i>	<i>Recoger los platos rotos</i>	2
<i>Pagar los platos rotos</i>	<i>Cargar los platos rotos</i>	2
<b>TOTAL</b>	-	151

Considerando que as construções associadas sinalizadas na Tabela 2 não fazem parte da análise, passamos a explicar detalhadamente a amostra final de 676 dados para cinco CFs.

A amostra final contempla diferentes construções que foram analisadas, separadamente, devido à diferença estrutural entre elas, a saber: (i) construções simples; (ii) construções perifrásticas, classificadas em modais e aspectuais; (iii) construções verbais complexas; e (iv) o grupo das construções nominais. É importante ressaltar que nesses três

últimos grupos de CFs não são discutidos Tempo e Aspecto, ou seja, tanto as construções perifrásticas quanto as construções verbais complexas e as construções nominais são consideradas na quantificação total dos dados, mas não na quantificação detalhada sobre as categorias em análise. Essa escolha metodológica decorre do interesse desta pesquisa em analisar as modificações que se apresentam nos núcleos verbais em si mesmos, e não nas modificações que ocorrem nos seus adjacentes.

Detalhando os diferentes tipos de construções analisadas, as (i) construções simples são aquelas que têm seu núcleo verbal conjugado em alguns dos tempos verbais do espanhol, tanto do modo indicativo como do modo subjuntivo e do modo imperativo – por exemplo: *Al individuo le dio por hablar, una megalomanía tremenda, y **habló hasta por los codos.***

As (ii) construções perifrásticas, por sua vez, são aquelas CFs que consistem na combinação de unidades que funcionam em conjunto, tal e como funciona um verbo só (ALARCOS LLORACH, 2000, p. 259), como por exemplo *Castro le **sigue echando leña al fuego** e el personaje demócrata que **puede pagar los platos rotos***, nas quais as formas finitas *echando* e *pagar* são responsáveis pela informação semântica; e os auxiliares que as acompanham, *sigue* e *puede*, aportam uma informação gramatical – modal e aspectual, respectivamente, nesses contextos. Nesse sentido, identificamos as perífrases verbais como formas que têm como primeiro componente uma forma verbal com o morfema de pessoa (*puede*); e como segundo componente formas nominais, a saber: infinitivo, gerúndio e particípio.

O terceiro grupo de CFs encontrado nas ocorrências é o das construções verbais complexas, nome que adotamos para fazer referência às combinações verbais que não funcionam em conjunto, isto é, aquelas ocorrências em que os verbos “não atuam como segmentos unitários nucleares, mas como a reunião de núcleo e adjacente”<sup>29</sup> (ALARCOS LLORACH, 2000, p. 259), por exemplo, *lo mejor que podría hacer es tirar la toalla* ou *Llama un señor poniendo el grito en el cielo*. Adotamos, nesta dissertação, a visão de Alarcos Llorach (2000), quem, ao analisar essas duas construções – perífrases verbais e construções verbais complexas –, assume uma fronteira delimitada pelas particularidades semânticas, o que significa que se o verbo auxiliar conserva sua habitual referência de sentido, não se trata de uma perífrase. Por outro lado, se é modificada ou anulada, estamos diante de uma perífrase verbal.

---

<sup>29</sup> (...) *no actúan como segmentos unitarios nucleares, sino como reunión de núcleo y adyacente.*

A divisão das CFs nos três grupos explicados foi uma escolha metodológica feita pelo fato de não ser possível analisar esses três comportamentos dentro do mesmo grupo: as construções simples apresentam um comportamento totalmente diferente das perífrases verbais, sendo identificado, ainda, um outro comportamento das construções verbais complexas. O contexto de interesse desta pesquisa abrange as construções simples, razão pela qual estas constituem o grupo de ocorrências analisadas detalhadamente no Capítulo 5.

É de grande relevância destacar que a forma perifrástica do futuro entra na análise do grupo das construções simples, pois, como já reconhecido na literatura da Teoria da Gramaticalização, (FLEISCHMAN, 1983; AARON, 2006; OLIVEIRA *et al.*, 2015), a perífrase de futuro é uma construção gramaticalizada no domínio temporal de futuro, o que significa que a forma “*voy a + infinitivo*” compete com a forma sintética do futuro “*iré*”.

Tendo a divisão das ocorrências em três grupos como ponto de partida para a análise, bem como sinalizado, anteriormente, que o exame linguístico foi feito considerando os dados recolhidos no primeiro grupo, passamos a caracterizar as ferramentas que servem à análise, isto é, o programa estatístico utilizado para a codificação dos dados e os critérios para cada uma das categorias de análise – Tempo e Aspecto.

### 4.3.1 O programa estatístico

Pensando na necessidade de observar a relação entre as cinco variáveis<sup>30</sup> analisadas de modo confiável, foi escolhido o programa computacional *RStudio*, um software livre para a realização de gráficos e cálculos estatísticos. Como o *RStudio* é um programa que funciona a partir de uma linguagem de programação, foi necessária a criação de uma série de etiquetas marcadas diretamente na amostra para que o programa pudesse processar corretamente os dados.

A partir dessa exigência do programa, organizamos, separadamente, os fatores em grupos correspondentes às duas variáveis dependentes, o Tempo e o Aspecto; e às variáveis independentes, as CFs e os tipos de construção.

Seguidamente, foi realizada a codificação de cada um dos 676 dados, associando símbolos linguísticos a cada formal verbal e aspectual,

---

<sup>30</sup> Consideramos relevante mencionar que a relação das variáveis foi feita com base na teoria estatística tradicional; e não com relação à disciplina sociolinguística de corrente laboviana.

bem como a outros fatores levados em consideração na análise. Assim sendo, a observação de cada forma verbal e aspectual foi identificada com suas respectivas variáveis em forma de etiquetas, colocadas entre colchetes angulares depois do verbo, em minúscula, separadas por vírgulas e sem espaço. Posteriormente, as etiquetas foram salvas em um arquivo de Excel por separado, para que o programa realizasse o processamento.

Antes das etiquetas que correspondem às variáveis dependentes, foi colocada, em cada um dos dados, a etiqueta que identifica cada uma das cinco CFs que compõem a amostra, tal e como descrito no Quadro 8, abaixo, que apresenta a primeira variável independente (V1) da análise dos dados.

Quadro 8 – Codificação da variável “Construção Fraseológica” (V1).

<b>CONSTRUÇÃO FRASEOLÓGICA</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>
<b>tt</b> – <i>Tirar la Toalla</i>	<i>El Barça <b>tiró la toalla</b> &lt;tt&gt; ante un rival disminuido que supo remontar un gol.</i>
<b>pg</b> – <i>Poner el grito en el cielo</i>	<i>La oposición <b>pone el grito en el cielo</b> &lt;pg&gt; porque la conducta del jefe de Gobierno corrobora sus peores temores.</i>
<b>ef</b> – <i>Echar leña al fuego</i>	<i>Quizá surgirán otros personajes que inconformes <b>echan más leña al fuego.</b> &lt;ef&gt;</i>
<b>hc</b> – <i>Hablar por los codos</i>	<i>Y de los más charlatanes se dice que <b>hablan hasta por los codos.</b> &lt;hc&gt;</i>
<b>pr</b> – <i>Pagar los platos rotos</i>	<i>El Zaragoza <b>pagó los platos rotos</b> &lt;pr&gt; de la eliminación.</i>

Como vemos acima, para cada uma das CFs em análise foi criada uma etiqueta de identificação. Por exemplo, a CF *tirar la toalla* foi identificada como a etiqueta <tt>.

Imediatamente depois codificação que identifica as variáveis independentes, foi colocada uma etiqueta para identificar o grupo ao qual pertence cada um dos 676 dados analisados, resultando, nessa direção, as seguintes etiquetas: <cs> para **construção simples**; <cpm> para **construção perifrástica modal**; <cpa> para **construção perifrástica aspectual**; e <cvc> para **construção verbal complexa**. Por último,

consideramos que se o dado fizesse parte de uma construção em que o predicado estivesse em sua forma nominal, mas não fizesse parte nem do grupo das construções perifrásticas nem das construções verbais complexas, esse dado seria marcado com a etiqueta de construção nominal <cn>. Essa codificação dos dados segundo seu grupo estrutural constitui nossa segunda variável independente (V2), como ilustrado no Quadro 9:

Quadro 9 – Codificação da variável “Tipo de construção” (V2).

<b>TIPO DE CONSTRUÇÃO</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>
<b>cs</b> – construções simples	<i>Si este disco no funciona, <b> tiro la toalla.</b> &lt;tt,cs&gt;</i>
<b>cn</b> – construção nominal	<i>Pues en todo caso el único perjudicado en <b> pagar los platos rotos</b> &lt;pr,cn&gt; ha sido el pueblo.</i>
<b>cpa</b> – construção perifrástica aspectual	<i>Da lugar a que los defensores de vivir con lo nuestro <b>empiecen a poner el grito en el cielo</b> &lt;pg,cpa&gt;, esgrimiendo los tradicionales argumentos.</i>
<b>cpm</b> – construção perifrástica modal	<i>Lo mismo <b>puede hablarle hasta por los codos</b> &lt;hc,cpm&gt; que darle una buena trompada.</i>
<b>cvc</b> – construções verbais complexas	<i>Mientras los indicadores económicos que se publican <b>no hacen más que echar leña al fuego</b> &lt;ef,cvc&gt; de la confusión.</i>

No quadro acima, podemos observar como inicia a sequência de etiquetas que codificam cada uma das variáveis, as quais, no final deste capítulo, veremos em dois grupos, um para cada leitura – Temporal e Aspectual, conforme explicamos detalhadamente nas seções a seguir.

Com as duas variáveis independentes descritas anteriormente, passamos à descrição da codificação das variáveis dependentes, que são analisadas a partir alguns grupos de fatores, sobre os quais versam as próximas seções.

### 4.3.2 O grupo de fatores

As categorias funcionais de Tempo e Aspecto são as nossas variáveis dependentes – (V3) e (V4), respectivamente –, as quais são codificadas após a identificação das variáveis independentes. Devido a que cada variável dependente tem variáveis independentes, metodologicamente foi decidido codificar separadamente as categorias, isto é, cada dado acompanha dois grupos de etiquetas entre colchetes: o primeiro pertencente à categoria Tempo; e o segundo, à categoria Aspecto, pois é de interesse, nesta pesquisa, identificar o uso dessas duas categorias. Desse modo, as categorias de Tempo e Aspecto estão etiquetadas assim:

Quadro 10 – Codificação da variável “Categoria funcional” (V3) e (V4).

<b>CATEGORIA FUNCIONAL</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>
<b>ct</b> – Categoria Tempo	<i>Una política de imagen - muy estudiada, muy buena; pero, realmente los que <b>pagamos los platos rotos</b> &lt;pr,cs,ct&gt; somos los países.</i>
<b>ca</b> – Categoria Aspecto	<i><b>Tira la toalla</b> &lt;tt,cs,ca&gt; tras varios años de intentar convertirla en una gran distribuidora de alimentación.</i>

Seguindo o primeiro exemplo do quadro, explicamos, a seguir, a ordem de etiquetas possíveis em cada dado, explicadas até o presente momento:

- (1) (...) *una política de imagen - muy estudiada, muy buena; pero, realmente los que **pagamos los platos rotos** <pr,cs,ct> <pr,cs,ca> somos los países.*

O exemplo em (1) apresenta, imediatamente após o último constituinte da CF, o primeiro grupo de colchetes angulares que corresponde à categoria Tempo, seguindo nessa ordem: a etiqueta da CF *pagar los platos rotos* <pr>, seguida da etiqueta do grupo estrutural ao qual pertence o dado, construção simples <cs>, seguida da categoria funcional em análise, o tempo, <ct>. Resultando: <pr,cs,ct>. O segundo grupo de colchetes segue exatamente a mesma ordem, porém a terceira

etiqueta corresponde a codificação da categoria Aspecto <ca>, então temos: <pr,cs,ca>.

Decidimos etiquetar separadamente as leituras, para conseguir processar, no programa estatístico, cada uma delas. A seguir explicamos, em seções separadas, as etiquetas possíveis em cada um dos grupos de colchetes, começando pelo grupo pertencente à leitura temporal.

#### 4.3.2.1 Da leitura temporal

No que se refere à leitura temporal dos dados, o principal fator controlado foi a morfologia verbal, tendo como base a classificação feita por autores como García Fernández e Andrés Bello, os quais organizam, a partir de uma análise funcional da língua espanhola, o sistema verbal desse idioma. Como resenhado na seção 3.2.1 deste trabalho, o sistema verbal castelhano tem, no modo indicativo, oito tempos verbais marcados pela relação entre três pontos na linha temporal, a saber: o ponto da fala, o ponto da referência e o ponto do evento.

Mais detalhadamente, Andrés Bello (1972 [1810]) apresenta, em seu trabalho *Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana* (1972 [1841]), uma análise do sistema verbal da língua espanhola a partir da funcionalidade dos tempos verbais. De forma análoga, Hans Reichenbach (1960 [1947]) apresenta uma análise lógica dos *Tenses* da língua inglesa. Ambos autores vêm servindo como referência para investigações do sistema verbal das línguas naturais (BARROS 2007; OLIVEIRA, 2007; 2010; BACK, 2008; CORÔA 2005; BACK; BARROS; SCHILIKMANN, 2014, entre outros)<sup>31</sup>.

O trabalho do Bello parte da organização dos tempos de acordo com seus respectivos significados. Desse modo, as denominações refletem a relação semântica com o tempo. Bello distingue quatro modos: indicativo, subjuntivo comum, subjuntivo hipotético e optativo. O modo

---

<sup>31</sup> A análise de Bello (1972 [1841]) é uma referência importante não apenas para estudos sobre o tempo em espanhol, uma vez que diferentes pesquisadores têm encontrado sustento teórico para aplicar tal análise a outras línguas naturais, como o português. Back, Barros e Schilikmann (2014), por exemplo, realizam uma análise sobre o emprego do pretérito imperfeito do subjuntivo da língua portuguesa falada em Florianópolis. Portanto, entendemos a importância da classificação verbal feita pelo filólogo do século XIX como uma proposta para observar o funcionamento verbal castelhano tendo como base a língua oral em uso.



indicativo está formado por cinco tempos simples e cinco tempos compostos:

<i>Amo</i>	→	presente
<i>Amé</i>	→	pretérito
<i>Amaré</i>	→	futuro
<i>Amaba</i>	→	co-pretérito
<i>Amaría</i>	→	post-pretérito
<i>He amado</i>	→	ante-presente
<i>Hube amado</i>	→	ante-pretérito
<i>Habré amado</i>	→	ante-futuro
<i>Había amado</i>	→	ante-co-pretérito
<i>Habría amado</i>	→	ante-post-pretérito

(BELLO, 1972 [1841], p. 15-25)

A partir dessa identificação dos tempos, Bello faz uma divisão do espaço temporal em três relações: anterioridade (A), coexistência (C) e posterioridade (P). Esses elementos se encontram em três tempos simples:

<i>Amo</i>	→	C
<i>Amé</i>	→	A
<i>Amaré</i>	→	P

Os outros tempos simples ficam representados por fórmulas compostas:

<i>Amaba</i>	→	CA
<i>Amaría</i>	→	PA

Nesses dois exemplos, pode-se observar que *amaba* e *amaría* denotam um processo de anterioridade a *amo* e *amaré*. *Amaba* indica uma coexistência anterior; e *amaría*, uma posterioridade que também é anterior. Em outras palavras, denota o passado do futuro, neste último caso.

Para os tempos compostos, Bello assinala símbolos compostos que se formam por um elemento de anterioridade (A) e o tempo do verbo auxiliar *haber*:

<i>He amado</i>	→	AC
<i>Hube amado</i>	→	AA

<i>Habré amado</i>	→	AP
<i>Había amado</i>	→	ACA
<i>Habría amado</i>	→	APA

Segundo o esquema, *he amado* é anterior a uma coexistência (presente); e *hube amado*, anterior ao passado. *Había amado* e *habría amado* são os dois prévios a uma coexistência do passado (CA) e a uma posterioridade anterior, respectivamente.

Nesse sentido, seguindo a nomenclatura e a análise realizada por Bello, apresentamos, no Quadro 11, as etiquetas que servem para a codificação da variável dependente Categoria Tempo (V3) em nossa análise:

Quadro 11 – Codificação da variável “Categoria Tempo” (V3).

CATEGORIA TIEMPO	OCORRÊNCIAS
<b>ps</b> – <i>Presente</i>	<i>Después de todo es la pobre Generala quien <b>paga los platos rotos</b>. &lt;pr,cs,ct,<b>ps</b>&gt;</i>
<b>pt</b> – <i>Pretérito</i>	<i>El Barça <b>tiró la toalla</b> &lt;tt,cs,ct,<b>pt</b>&gt; ante un rival disminuido que supo remontar un gol.</i>
<b>cpt</b> – <i>Copretérito</i>	<i>Se exhibía en harapos y <b>ponía el grito en el cielo</b> &lt;pg,cs,ct,<b>cpt</b>&gt; a través de los diarios.</i>
<b>f</b> – <i>Futuro</i>	<i>Donde <b>hablará por los codos</b> &lt;hc,cs,ct,<b>f</b>&gt; en nombre de los treinta mil poseedores en precario de las calles del Peñón.</i>
<b>pf</b> – <i>Futuro perifrástico</i>	<i>Reiterar a los militantes socialistas que no <b>va a tirar la toalla</b> &lt;tt,cs,ct,<b>pf</b>&gt; en “esta temporada dura de acoso”.</i>
<b>ppt</b> – <i>Pospretérito</i>	<i>En medio de una nueva elección, la de los candidatos parlamentarios, que <b>echaría más leña al fuego</b>. &lt;ef,cs,ct,<b>ppt</b>&gt;</i>
<b>aps</b> – <i>Antepresente</i>	<i>La tasa ascenderá a 120.000 pesetas anuales <b>han puesto el grito en el cielo</b> &lt;pg,cs,ct,<b>aps</b>&gt; a pesar de que los cuatro expertos.</i>

<b>acpt</b> – Antecopretérito	<i>Oleart también <b>había tirado la toalla</b> &lt;tt,cs,ct,<b>acpt</b>&gt; ante la impotencia de sus jugadores.</i>
<b>apt</b> – Antepretérito <sup>32</sup>	-
<b>af</b> – Antefuturo	Não se encontraram ocorrências nesse tempo verbal.
<b>appt</b> – Antepospretérito	<i>“El Reino Unido <b>habría puesto el grito en el cielo</b>” &lt;pg,cs,ct,<b>appt</b>&gt; , declaró Rupérez.</i>
<b>pssu</b> – Presente do subjuntivo	<i>No voy a ser yo esta semana quien <b>eche más leña al fuego</b>. &lt;ef,cs,ct,<b>pssu</b>&gt;</i>
<b>ptsu</b> – Pretérito do subjuntivo	<i>Estaba buscando una salida que no <b>echara más leña al fuego</b>. &lt;ef,cs,ct,<b>ptsu</b>&gt;</i>
<b>fsu</b> – Futuro do subjuntivo <sup>33</sup>	-
<b>apsu</b> – Antepresente do subjuntivo	<i>Que la industria del cine <b>haya puesto el grito en el cielo</b> &lt;pg,cs,ct,<b>apsu</b>&gt; y la vista en los códigos.</i>
<b>aptsu</b> – Antepretérito do subjuntivo	<i>Aunque cada día son menos los integrantes. Otro ya <b>hubiera tirado la toalla</b>. &lt;tt,cs,ct,<b>aptsu</b>&gt;</i>
<b>im</b> – Imperativo	<i>Celos, <b>echad leña al fuego</b>, &lt;ef,cs,ct,<b>im</b>&gt; creced con celos, amor.</i>
<b>inf</b> – Infinitivo	<i>Lemos no es un hombre acostumbrado a <b>hablar por los codos</b>. &lt;hc,cn,ct,<b>inf</b>&gt;</i>
<b>ger</b> – Gerúndio	<i>Este gobierno está padeciendo y <b>pagando los platos rotos</b> &lt;pr,cn,ct,<b>ger</b>&gt; de un sistema previsional perverso.</i>
<b>par</b> - Participio <sup>34</sup>	-

Vemos, acima, as etiquetas e os exemplos das etiquetas com as quais foram codificados cada um dos dados. Cabe destacar que as três últimas etiquetas, aquelas que correspondem ao modo Imperativo e às formas nominais do verbo, foram inseridas porque o programa não aceita

<sup>32</sup> Forma em desuso no espanhol.

<sup>33</sup> Forma em desuso no espanhol.

<sup>34</sup> Vale ressaltar que nos contextos em que aparece a forma nominal de participío, esta aparece antecedida do auxiliar *haber*. Contextos que se consideram como tempos compostos, codificados e quantificados como tempos conjugados.

espaços nas colunas de análise. Assim, a presença dessas etiquetas tem a função de diferenciar e identificar esse tipo de dado. Aclaramos que essas construções não entram na quantificação final.

Retomando o exemplo já citado anteriormente, a sequência das etiquetas, no que tange ao grupo de colchetes “leitura temporal”, fica assim:

- (2) (...) una política de imagen - muy estudiada, muy buena; pero, realmente los que **pagamos los platos rotos** <pr,cs,ct,ps> somos los países.

Como vemos no exemplo (2)<sup>35</sup>, a última etiqueta possível no grupo de colchetes da leitura temporal é a que corresponde à codificação da variável (V3) – “Categoria Tempo” –, que seria o tempo verbal em que está conjugado o verbo principal de cada um dos dados.

#### 4.3.2.2 Da leitura aspectual

Concernente ao Aspecto verbal, os fatores controlados foram divididos em duas subcategorias: uma corresponde à semântica verbal e outra, aos complementos adverbiais presentes em alguns dados da amostra. Esses dois fatores são a base para a interpretação aspectual das 676 ocorrências encontradas. Contudo, vale ressaltar que tanto a semântica verbal como os complementos adverbiais estão associados aos tempos verbais trazidos a partir da teoria de Andrés Bello, detalhada na seção anterior.

##### 4.3.2.2.1 A semântica verbal

Para controlar a semântica do verbo, partimos da classificação realizada por Vendler (1967), na qual os verbos são divididos em quatro classes, a depender de seus traços. Como foi explicado na seção 3.2.2, foi adicionada, à classificação de Vendler (1967), uma quinta classe verbal proposta por Bertinetto (1986) e Smith (1991), a qual contempla os predicados pontuais e atélícos.

- **Estados:** [+durativo], [-dinâmico], [-télico], [+homogêneo]
- **Atividades:** [+durativo], [+dinâmico], [-télico], [+homogêneo]

---

<sup>35</sup> É pertinente aclarar ao leitor que a numeração das ocorrências utilizadas para ilustrar a análise é linear do começo ao fim.

- **Accomplishments:** [+durativo], [+dinâmico], [+télico], [-homogêneo]
- **Achievements:** [-durativo], [+dinâmico], [+télico], [-homogêneo]
- **Pontual:** [-durativo], [+dinâmico], [-télico], [-homogêneo]

O quadro a seguir apresenta a codificação da variável independente “Semântica verbal”:

Quadro 12 – Codificação da variável “Semântica verbal” (V4).

SEMÂNTICA DO VERBO	OCORRÊNCIAS
<b>est</b> – Estados	-
<b>atv</b> - Atividades	<i>Habla hasta por los codos &lt;hc,cs,ca,atv&gt; y ahora están tan preocupados y alta velocidad acerca del último estreno de cine.</i>
<b>acc</b> - Accomplishments	<i>Cada vez que Setién dice algo lo insultan, ponen el grito en el cielo, &lt;pg,cs,ca,acc&gt; y ahora están tan preocupados.</i>
<b>ach</b> - Achievements	-
<b>ptn</b> - Pontual	<i>Ahora estamos grabando un segundo elepé y, si este disco no funciona, tiro la toalla. &lt;tt,cs,ca,ptn&gt;.</i>

#### 4.3.2.2.2 Os complementos adverbiais

Apesar da contribuição dos traços semânticos na interpretação aspectual do verbo, é preciso reconhecer a existência de outros fatores que podem influenciar nessa leitura. É o caso dos complementos adverbiais, que têm a faculdade de modificar, determinar ou fazer aparecer o valor aspectual. Para realizar a identificação do tipo de CA presente em determinado contexto de uma CF, será utilizado o quadro a seguir:

Quadro 13 – Representação da variável “Complemento adverbial” (V5) (cf. Oliveira, 2010, p. 185).

COMPL. ADVERBIAL	EXEMPLOS
<b>dur</b> – CA de duração	<i>En, durante e para, seguidos de um sintagma nominal quantificado, desde, desde...hasta, hasta, de...a, de ahora en adelante, a partir de, entre, entre outros.</i>

<b>loc</b> – CA de localização	<i>A las tres, en este momento, ayer, el año pasado, hoy, ayer, ahora, entre outros.</i>
<b>fas</b> – CA de fase	<i>Ya, todavía, todavía no, ya no, entre outros.</i>
<b>fre</b> – CA de frequência	<i>Siempre, muchas veces, a veces, nunca, frecuentemente, raramente, a menudo, entre outros.</i>
<b>neg</b> – Negação	<i>No, ni.</i>
<b>cpos</b> – Conector de posterioridade	<i>Después.</i>
<b>cant</b> – Conector de anterioridade	<i>Antes.</i>
<b>csmt</b> – Conector de simultaneidade	<i>Cuando, mientras, al.</i>

Baseado no quadro proposto por García Fernández (2000), foram adicionados, ao Quadro 14 – apresentado mais adiante –, quatro tipos de CA: (i) o CA de negação, já que na análise realizada sobre a amostra se verificou alta frequência no uso dos complementos *no* e *ni*; (ii) o CA referente a conectores de posterioridade; (iii) o CA que corresponde a conectores de anterioridade e; (iv) o CA que se refere a conectores de simultaneidade.

A importância de elencar esses fatores de análise está na ideia de que determinados CA se comportam de modo distinto diante dos diferentes tipos de predicado. Por exemplo, um CA de negação tem a característica de durativizar um predicado pontual, tal e como podemos observar no dado abaixo:

- (3) *Hosokawa* no *tira la toalla de la reforma anticorrupción* (CA de negação).

Observamos, no dado apresentado em (3), uma ocorrência da construção *Tirar la toalla*, cujo predicado foi categorizado como um verbo Pontual, com traços [-durativo], [+dinâmico], [-télico] e [-homogêneo], que atualizam uma leitura de Aspecto pontual. Contudo, esse tipo de verbo, quando acompanhado de um CA de negação como *no*, atualiza a leitura, indo em direção a um Aspecto durativo, interpretação que pode ser reforçada pelo fato de o verbo núcleo da Construção Fraseológica estar conjugado na forma do Presente.

Outro exemplo da combinação dos fatores é que um CA de duração, como a preposição *en* seguida de um sintagma nominal quantificado como *dos horas*, combina-se com predicados com o traço [+télico], ou seja, com aquilo que, na classificação de Vendler (1967), chamamos de *Accomplishments* e *Achievements*. No entanto, como vimos em seções anteriores, há predicados que denotam um evento momentâneo sem compartilhar a característica de duração que os CA como *en dos horas* possuem, os quais medem a distância temporal entre o início da frase e a consecução do final natural do evento (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 58). O que García Fernández explica é o fato de existir predicados que expressam uma pontualidade atélica, isto é, eles têm a possibilidade de se repetir, mas não de se prolongar, como no caso do verbo “espurrar”, que representa um evento atélico.

Podemos ver outro exemplo disso em (4), ocorrência que combina um predicado classificado como atividade com um CA de frequência.

- (4) *La Constitución establece que no puede haber privilegios ni discriminación. Siempre la clase media es la que paga los platos rotos...* (CA de frequência).

O verbo *pagar* é um verbo de atividade que, por suas características de duração e dinamicidade, favorece a leitura durativa. O verbo, diante um CA de frequência como *siempre*, atualiza a informação aspectual, já que, o CA expressa repetição e regularidade, influenciando a leitura do Aspecto iterativo. Vemos, que a conjugação do verbo no Presente, favorece também essa leitura iterativa que vai para o habitual, indicando que a atividade de pagar o pato é uma situação habitual que recai, repetitivamente, sobre a classe média.

Essa atualização, dos valores aspectuais que foram objeto de nossa análise, tem outro exemplo claro no caso do Futuro, como vemos na ocorrência abaixo:

- (5) *Fiel a su estilo, De la Rúa todavía no pondrá el grito en el cielo por la diferencia en los montos* (CA de fase).

Vemos, em (5), que o verbo principal da construção está conjugado no Futuro do indicativo, o qual, tal e como afirma Travaglia (2014, p. 154), é uma forma verbal que não marca nenhum Aspecto, devido ao fato de apresentar uma situação como virtual, isto é, uma situação um tanto abstrata que enfraquece as noções aspectuais. Por essa razão, quando estamos diante de uma ocorrência na forma do Futuro, devemos buscar

elementos no contexto que atualizem a informação bloqueada por esta forma verbal. Em (5) vemos que o verbo *pondrá* está antecedido de um CA de fase, o qual, segundo a literatura consultada (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 101), tem a função de indicar repetição ou duração, a depender do predicado diante do qual se apresenta. Podemos observar que, por se tratar de um predicado durativo, o CA de fase *todavía no* exerce a função de atualizar a leitura aspectual bloqueada pelo futuro, durativizando a situação e gerando, ao final, uma leitura imperfectiva.

Assim, vemos como, a partir da consideração dos fatores anteriormente mencionados, foi possível interpretar a aspectualidade das CFs examinadas. Importa mencionar que a discretização absoluta nem sempre é possível, dada a possibilidade de leituras ambíguas, em que um mesmo dado pode indicar o deslizamento entre um significado e outro. Para esses dados, usaremos a etiqueta <amb>.

A seguir reproduzimos, por conveniência, o Quadro 7, que resume os valores aspectuais discutidos na seção 3.2.2 desta dissertação:

Quadro 7 – Valores aspectuais considerados para a análise dos dados.

<b>ASPECTO PERFECTIVO</b>	<b>ASPECTO IMPERFECTIVO</b>
Aspecto pontual ou resultativo	Aspecto cursivo ou continuativo
Aspecto acabado	Aspecto inceptivo ou ingressivo
-	Aspecto terminativo
-	Aspecto iterativo ou habitual
-	Aspecto progressivo
-	Aspecto prospectivo
-	Aspecto contínuo
-	Aspecto durativo

A codificação dos valores trazidos acima é descrita no Quadro 14, no qual encontramos as variáveis dependentes de nossa variável (V6) “Categoria Aspecto”:

Quadro 14 – Codificação da variável “Categoria Aspecto” (V6).

<b>CATEGORIA ASPECTO</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>
<b>aspn</b> – Aspecto pontual	<i>La prensa económica de Budapest ha puesto el grito en el cielo</i> <pg,cs,ca,acc,aspn> <i>al reclamar que los vagones deberían construirse en el país.</i>



<b>asac</b> – Aspecto acabado	<i>Abelardo Morales, diretor de Serfín, pagó los platos rotos.</i> <pr,cs,ca,atv,asac>
<b>ascu</b> – Aspecto cursivo (ou continuativo)	<i>Están históricas por la violencia en Colombia pero dice que “el Gobierno no va a tirar la toalla”.</i> <tt,cs,ca,pnt,ascu>
<b>asin</b> – Aspecto inceptivo (ou ingressivo)	<i>Y, finalmente, está el peculiar caso de la Comunidad de Cantabria, donde el PP ha tirado prácticamente la toalla.</i> <tt,cs,ca,pnt,asin>
<b>astr</b> – Aspecto terminativo	<i>El Gobierno echó ayer algo más de leña al fuego</i> <ef,cs,ca,ach,loc,astr> <i>del debate sobre.</i>
<b>asit</b> – Aspecto iterativo ou habitual	<i>Cada vez que le iban mal las cosas a ETA, surgía algo que echaba leña al fuego</i> <ef,cs,ca,ach,fre,asit> <i>dando nuevos argumentos a los violentos.</i>
<b>aspg</b> – Aspecto progressivo	<i>Si cede dejará de creer en lo que hace y entonces sí que tirará la toalla.</i> <tt,cs,ca,pnt,aspg>
<b>aspct</b> – Aspecto prospectivo	<i>Como trampolín está bien. La verdad es que yo casi iba a tirar la toalla.</i> <tt,cs,ca,pnt,aspct>
<b>asdur</b> – Aspecto durativo	<i>Esto sacaba de quicio a Fabián, que no entendía nada, mientras que ella hablaba por los codos.</i> <hc,cs,ca,atv,csmt,asdur>
<b>ascnt</b> – Aspecto contínuo	<i>Coincidió esta semana con el falso rumor de que usted tiraba la toalla?</i> <tt,cs,ca,pnt,ascnt>

Entendendo que o grupo de leituras aspectuais exemplificadas anteriormente pertence a duas grandes leituras aspectuais – a saber: Perfectiva e Imperfectiva –, criamos duas etiquetas que correspondem à leitura aspectual final e à ausência de algum dos fatores considerados na análise da leitura aspectual. As etiquetas correspondentes à leitura final são <pft>, para a leitura final perfectiva; e <impft>, para a leitura final imperfectiva, tal e como vemos no seguinte quadro:

Quadro 15 – Codificação da variável “Leitura Final” (V7).

<b>LEITURA FINAL</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>
<b>pft</b> – Perfectiva	<i>TVE                    tiró la                    toalla</i> <tt,cs, <b>ca,pnt,sem,aspn,pft</b> > <i>horas</i> <i>antes de entrar en combate.</i>
<b>impft</b> – Imperfectiva	<i>Siempre la clase media es la que</i> <i>paga                    los platos                    rotos.</i> <pr,cs, <b>ca,atv,fre,asit,impft</b> >

Como mencionado anteriormente, por conta do funcionamento do programa estatístico utilizado, foi criada a etiqueta <sem> para sinalizar a ausência de algum dos fatores em análise, que se aplica, por exemplo, tanto a dados que não apresentam complementos adverbiais como a dados em futuro ou em subjuntivo, os quais, como veremos no próximo capítulo, ficam no mundo da hipótese e não expressam nenhum aspecto.

Em suma, podemos observar, com a descrição feita ao longo deste capítulo, que a análise temporal e aspectual da amostra das cinco CFs selecionadas por sua alta frequência de uso exigiu uma leitura atenta e detalhada de cada um dos dados para estabelecer os fatores que influenciam nas leituras, e, a partir deles e dos objetivos delimitados na pesquisa, estabelecer o número de variáveis a serem consideradas durante a análise. No próximo capítulo, apresentamos (i) o processo realizado tanto manual como computacionalmente no que diz respeito aos fatores detalhados acima; e (ii) a análise da frequência de uso das categorias funcionais de Tempo e Aspecto, bem como as preferências temporais e aspectuais nas cinco CFs do espanhol. Também explicamos os dados ambíguos – que se deslizam entre dois valores aspectuais – e os dados que não expressam aspectualidade – os quais ficam no mundo da hipótese e, portanto, expressam mais modalidade do que aspectualidade. Os dois casos evidenciam a complexidade da análise aspectual.

Antes de partir para a apresentação da análise, consideramos importante sinalizar que o leitor encontrará, em algumas tabelas do Capítulo 5, percentuais totais que não chegam a 100%. Em termos gerais, essa situação decorre do fato de os cálculos feitos pelo programa serem realizados com aproximações dos valores, apresentando os resultados com vários números decimais que tornam a análise numérica mais precisa.

## 5 A FREQUÊNCIA DE USO TEMPORAL E ASPECTUAL EM CINCO CFs DO ESPANHOL: ANÁLISE DE DADOS

Conforme pontuado ao logo dos capítulos anteriores, o objetivo principal desta pesquisa é estabelecer de que forma se estabelece a fixação, em termos temporais e aspectuais, considerando cinco CFs, a saber: *tirar la toalla, poner el grito en el cielo, echar leña al fuego, hablar por los codos e pagar los platos rotos*. Cabe ressaltar a complexidade na análise das categorias Tempo e Aspecto em construções dessa natureza, sobretudo esta última, por se tratar de uma leitura dependente de vários fatores. Nesse ponto, recordamos que se trata de um trabalho voltado à análise a partir de dados extraídos de dois *corpora* da língua espanhola que reúnem os diferentes usos das CFs selecionadas, fundamentado na teoria de base cognitivista, que assume a frequência de uso como determinante não apenas para a formação dos padrões da língua, como também para sua consolidação.

Nessa perspectiva, também lembramos que o nosso interesse de olhar o fenômeno das CFs de um ponto de vista mais gramatical é uma tentativa de estabelecer, a partir da análise da frequência de uso, como é o comportamento desse tipo de construções no uso real da língua espanhola, para conseguir, em trabalhos e pesquisas futuras, aplicar os resultados no campo do ensino do espanhol como língua estrangeira.

Com esses direcionamentos colocados, passamos a explicar a organização interna do capítulo, que é dedicado à quantificação e descrição das licenças temporais e aspectuais das cinco CFs do espanhol, todas dentro de contextos que conservam o conteúdo idiomático de cada uma das construções. Assim, veremos que há casos em que são desrespeitados os critérios estabelecidos pela teoria fraseológica no que concerne à fixação, especialmente, os relacionados à inalterabilidade da ordem dos componentes e a imodificabilidade do inventário dos componentes<sup>36</sup>.

Assim, este capítulo se organiza do seguinte modo: (i) como primeira medida e antes de partir para a descrição dos dados, abrimos um espaço para explicar algumas considerações gerais da análise das cinco CFs; (ii) na sequência, explicamos a distribuição das frequências de uso de modo geral, isto é, descrevemos a quantificação geral dos dados; (iii) passamos à descrição dos resultados obtidos na análise da leitura temporal, colocando cada uma das CFs em subseções à parte; (iv) damos

---

<sup>36</sup> O leitor pode recuperar a discussão sobre fixação, a partir da perspectiva da teoria fraseológica, na seção 2.1.

passo à descrição dos resultados da variável aspectual, também separando o caso de cada CF; (v) abrimos o espaço para a discussão geral dos dados ambíguos e dos dados que não expressaram nenhuma leitura aspectual; e, finalmente, (iv) realizamos breves considerações sobre as licenças no nível sintático e de estrutura que foram identificadas na análise.

## 5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS DA ANÁLISE

No decorrer do processo de análise foram identificados contextos nos quais foi preciso estabelecer critérios sobre a interpretação de alguns dados. Em primeira instância, e como mencionado no capítulo correspondente à metodologia, inserimos uma nova categoria de análise da semântica verbal, chamada “pontual”, para certos predicados como *tirar*.

Nessa mesma categoria, observamos que o comportamento semântico de verbos como *pagar*, *hablar*, *poner* e *echar*, classificados na pesquisa como “atividades” e “*accomplishments*”, em contextos de eventos determinados no passado, não foram analisados como dados do aspecto pontual. Isso devido ao fato de que esse aspecto se caracteriza por expressar uma situação que não apresenta uma duração expressiva. Consideramos que, tanto as atividades *pagar* e *hablar*, como os *accomplishments poner* e *echar*, apresentam essa duração, razão pela qual, quando se trata de dados em contextos que expressam eventos finalizados e perfectivos, optou-se por classificá-los como pertencentes ao aspecto acabado. A seguir, apresentamos alguns exemplos selecionados aleatoriamente com as respectivas etiquetas, tanto da leitura temporal como da leitura aspectual:

- (6) *El Zaragoza pagó los platos rotos* <pr,cs,ct,pt>  
<pr,cs,ca,atv,sem,asac,pft> *de la eliminación copera del Deportivo ante el Atlético.*
- (7) *Churchill puso el grito en el cielo* <pg,cs,ct,pt>  
<pg,cs,ca,acc,sem,asac,pft> *sobre las intenciones de Hitler, pero nadie quiso escucharlo.*
- (8) *Sin proponérselo, la ingenuidad de sus respuestas echó más leña al fuego* <ef,cs,ct,pt> <ef,cs,ca,acc,sem,asac,pft>.
- (9) *En fin, que hablé, hablé por los codos,* <hc,cs,ct,pt>  
<hc,cs,ca,atv,sem,asac,pft> *hasta el extremo que uno de aquellos*

*señores hizo una seña a la funcionaria, y ésta me cogió del brazo y me llevó fuera.*

Em todos os dados apresentados anteriormente estamos diante de eventos com a flexão verbal do Pretérito perfeito simples, conhecido como a forma canônica do Aspecto perfectivo, que expressa ações finalizadas e definidas no passado. No entanto, nenhum deles foi considerado como de leitura pontual, já que, mesmo quando os eventos estão definidos em um ponto do passado na linha temporal, eles expressam uma duração significativa. A modo de ilustração, podemos tomar a ocorrência em (9), em que a CF entra com uma função esclarecedora sobre o evento de alguém que explica ter falado muito. Vemos, claramente, que o verbo está em uma forma perfectiva. Não há presença de advérbios, mas há uma repetição do verbo *hablé* feita pelo enunciador como modo de enfatizar ou durativizar a situação. Parece haver, nesse sentido, uma intenção do falante em manipular a duração da ação quando menciona o ponto final do evento: o fato de alguém tê-lo tirado do local, o que significa que ele falou por um determinado período de tempo.

Nessa mesma linha, foram analisadas as ocorrências em (6), (7) e (8), as quais foram consideradas como tendo uma leitura aspectual acabada, pois apresentam uma situação depois de seu momento de término, totalmente finalizada, e, portanto, localizada no passado. Os dados com as características mencionadas foram quantificados como perfectivos, no que se refere à leitura final dos dados.

Outro ponto que vale ressaltar se refere a dados que foram identificados na categoria Tempo, mas que não expressam nenhum Aspecto verbal. Trata-se de dados quantificados no Futuro simples, nos tempos do modo subjuntivo, e nas flexões que representam o Imperativo, que, mesmo não sendo marcas morfológicas de temporais, tiveram de ser codificadas por conta do funcionamento do programa estatístico utilizado, conforme foi explicado na seção 4.3 do capítulo anterior. Travaglia (2014, p. 156-157) afirma que essas formas verbais marcam modalidade e, portanto, bloqueiam a leitura aspectual; isso porque o fato de elas expressarem possibilidades ou obrigações faz com que as situações sejam apresentadas como incertas ou duvidosas. A consideração anterior significa que elas não têm por si mesmas um aspecto e essa informação tem de ser atualizada no contexto. Nesse sentido, relembramos que esse

tipo de ocorrência é quantificado na análise temporal<sup>37</sup>, porém, na análise aspectual, elas não entram na quantificação em virtude do fato, já mencionado, de que não expressam aspectualidade.

Outro ponto importante é que o leitor encontrará, em algumas tabelas, percentuais totais que não chegam a 100%. Em termos gerais, essa situação acontece porque os cálculos feitos pelo programa são realizados com aproximações dos valores, apresentando os resultados com diversos números decimais que tornam a análise numérica mais precisa.

Uma vez explicados esses pontos gerais, considerados no percurso da pesquisa, passamos a apresentar os resultados da frequência de uso de cada uma das variáveis na análise dos dados.

## 5.2 A FREQUÊNCIA DA VARIÁVEL “TIPO DE CONSTRUÇÃO”

Como explicado na seção 4.3, do total dos 827 dados encontrados, foram analisados 676, já que 150 ocorrências não foram consideradas por se tratar de situações em que as CFs são utilizadas com outros verbos – ver Tabela 2. Do total de 676 dados analisados, 425 foram classificados como “construções simples”, as quais são o foco da análise da presente dissertação. A seguir apresentamos a frequência total de cada um dos tipos de construção identificados na análise.

Tabela 3 – Frequência de uso na codificação da variável “Tipo de construção” (V2) das cinco CFs analisadas

<b>Tipo de construção</b>	<b>Frequência</b>
<b>cs</b> – construções simples	425 62,9%
<b>cpa</b> – construção perifrástica aspectual	60 8,8%
<b>cpm</b> – construção perifrástica modal	45 6,5%
<b>cvc</b> – construções verbais complexas	63 9,5%
<b>cn</b> – construção nominal	83 12,3%

<sup>37</sup> O leitor pode recuperar, na seção 4.3.1, as características do programa *RStudio*. As formas do Imperativo foram codificadas para serem identificadas na diferenciação entre outras formas linguísticas, mas não entram nas quantificações realizadas nas leituras.

<b>TOTAL</b>	676 100%
--------------	-------------

Na Tabela 3, observamos que há uma tendência à utilização das Construções Fraseológicas como construções simples. Os dados mostram que 62,9% dos 676 dados analisados é produzido, por hispanofalantes, com o verbo principal das CFs conjugado em um dos 15 tempos verbais do espanhol, considerando os tempos do indicativo e do subjuntivo. Contudo, é de grande relevância mencionar que mesmo quando é observável a tendência ao uso das construções simples, também é significativo o uso das CFs com seu núcleo verbal nas formas não-finitas do verbo. Esclarecendo: se juntarmos os resultados dos grupos de construções nominais, construções verbais complexas e construções perifrásticas (modais e aspectuais), observaremos que o total de ocorrências que apresentam os núcleos verbais nas formas nominais alcança o percentual de 37,1%, que corresponde a 251 ocorrências, distribuídas nos quatro grupos. Nesses quatro grupos, a maior frequência foi identificada no grupo das construções nominais, com percentual de 12,3%.

Exemplos de ocorrências das construções quantificadas na tabela 3 serão apresentados nas seções a seguir, dentro do contexto de cada uma das CFs. Assim, consideramos importante, antes de partir para a análise das variáveis Temporal e Aspectual feita sobre as 425 ocorrências classificadas como construções simples, apresentar os resultados das frequências da variável “tipo de construção” em cada uma das CF analisadas.

### **5.2.1 *Tirar la toalla***

A frequência total de dados analisados da CF *Tirar la toalla* foi de 184 ocorrências, das quais 11 foram encontradas no *Corpus del español*, e 173, no CREA. Nesse conjunto, verificou-se que o uso mais frequente é o das construções simples. No entanto, cabe ressaltar que o uso das formas nominais do verbo teve frequência expressiva, com 81 ocorrências: 44% das ocorrências apresentam-se em contextos que denominamos construções verbais complexas, construções nominais ou perífrases verbais, sejam estas modais ou aspectuais. Desse percentual, 41,9% está na forma do infinitivo; enquanto apenas 2,2% dessas ocorrências se realizam na forma de gerúndio.

A seguir, apresentamos os resultados da codificação da frequência de ocorrência da CF *Tirar la toalla*, conforme nossa variável “Tipo de construção” (V2), identificada no total de 184 dados.

Tabela 4 – Frequência de uso na codificação da variável “Tipo de construção” (V2) na CF *Tirar la toalla*

<b>Tipo de construção</b>	<b>Frequência</b>	<b>Exemplo</b>
<b>cs</b> – construções simples	103 56%	(10) <i>Nuevo acelerón de Jabato: el italiano <b>tira la toalla.</b></i> <tt,cs,ct,ps>
<b>cpa</b> – construção perifrástica aspectual	19 10,3%	(11) <i>Rodrigo Paz, presidente del CONAM, estuvo <b>a punto de tirar la toalla</b></i> <tt,cpa,ct,inf> <i>y de retirarse del cuadrilátero.</i>
<b>cpm</b> – construção perifrástica modal	18 9,2%	(12) <i>Da la impresión de que usted <b>quiere tirar la toalla.</b></i> <tt,cpm,ct,inf>
<b>cvc</b> – construções verbais complexas	26 14,7%	(13) <i>Pero el veterano dirigente socialdemócrata parece haber recibido un duro golpe y <b>no sería de extrañar que tirara la toalla.</b></i> <tt,cvc,ct,ptsu>
<b>cn</b> – construção nominal	18 9,8%	(14) <i>Hay veces que ya no hay nada que hacer pues entonces es mejor si es que ya no te quiere. por dignidad pues mira, <b>tirar la toalla.</b></i> <tt,cvc,ct,inf>

Observamos, acima, o número e as porcentagens das ocorrências encontradas em cada um dos tipos de construção estabelecidos, metodologicamente, para a análise dos dados e seus respectivos exemplos. Vemos, assim, que a maior frequência de uso desta CF é como construção simples, com 56% e 103 ocorrências, seguida das construções verbais complexas, com 27 ocorrências e 14,7%. Os usos perifrásticos tiveram uma frequência de 10,3%, para as construções perifrásticas aspectuais; e 9,2% para as construções perifrásticas modais. Estas últimas tiveram um emprego muito próximo do uso nominal da construção, que foi de 9,8%. Contudo, também podemos interpretar esse resultado, concebendo que as construções simples são seguidas, em frequência, pelas construções perifrásticas, pois, somando as construções perifrásticas modais e



aspectuais, obtemos uma frequência de 19,5%, a qual seria maior que a frequência obtida nas construções verbais complexas.

A título de ilustração, trazemos as cinco ocorrências na tabela em questão, correspondentes a cada tipo de construção. No dado em (10), observamos o tipo “construção simples”, que foi definido como o foco central da análise por ter o núcleo verbal da CF conjugado em uma das formas verbais do espanhol. Esse tipo de construção é explicado nas seções 4.3 e 4.4 do presente capítulo.

Nos exemplos de (11) a (14), vemos o uso da forma nominal do verbo, compondo quatro tipos de construções diferentes: em (11), a construção perifrástica aspectual formada pela locução preposicionada *a punto de*, que expressa a proximidade da ação indicada pelo verbo em infinitivo, sinalizando a ideia de um evento inceptivo. Em (12), observa-se uma construção perifrástica modal, determinada pelo uso do verbo *querer*, seguida da forma infinita. Por sua vez, em (13), a construção verbal complexa se dá por conta do uso de quatro verbos em sequência; dois deles formam uma construção perifrástica modal, *podría hacer*, seguida do verbo “ser” conjugado no presente e funcionando como núcleo do adjacente *tirar* na forma não-finita do verbo principal da CF em análise. Já na ocorrência em (14), temos uma típica construção nominal em que o predicado da CF se encontra na forma não-finita do verbo e não faz parte nem de uma construção perifrástica, nem de uma construção verbal complexa.

### 5.2.2 *Poner el grito en el cielo*

A CF *Poner el grito en el cielo* apresentou uma frequência total de 217 dados analisados, dos quais 183 foram identificados como construções simples. Na Tabela 5, a seguir, trazemos os dados com seus respetivos percentuais e exemplos.

Tabela 5 – Frequência de uso na codificação da variável “Tipo de construção” (V2) na CF *Poner el grito en el cielo*

Tipo de construção	Frequência	Exemplo
cs – construções simples	183 84,33%	(15) <i>Por eso, cuando Montesinos se fugó de Lima, las organizaciones de derechos humanos pusieron el grito en el cielo.</i> <pg,cs,ct,pt>

<b>cpa</b> – construção perifrástica aspectual	7 3,22%	(16) <i>Semejante evolución del comercio exterior da lugar a que los defensores de vivir con lo nuestro <b>empiecen a poner el grito en el cielo.</b></i> <pg,cpa,ct,inf>
<b>cpm</b> – construção perifrástica modal	3 1,38%	(17) <i>Los academicistas <b>pueden poner el grito en el cielo</b></i> <pg,cpm,ct,inf>. <i>Imagino que algunos ya lo habrán hecho.</i>
<b>cvc</b> – construções verbais complexas	8 3,69%	(18) <i>El consentimiento a que las inversiones italianas en la Argentina puedan remesar fondos en forma inmediata <b>lleva a varios entendidos a poner el grito en el cielo.</b></i> <pg,cvc,ct,inf>
<b>cn</b> – construção nominal	16 7,37%	(19) <i>Carecen de fundamento las voces de los dirigentes socialistas <b>poniendo el grito en el cielo</b></i> <pg,cn,ct,ger> <i>acerca del elevado coste.</i>

Como é possível observar, a maioria das ocorrências foi codificada como construção simples, ou seja, quase 85% dos dados analisados apresentam o núcleo verbal da CF em alguma das formas verbais. Com comportamento semelhante ao da CF analisada anteriormente, o segundo tipo de construção mais frequente como *poner el grito en el cielo* é o tipo das construções simples, que aparecem em 84,33% dos dados analisados. Discorrendo sobre cada dado da tabela em questão, tem-se: o dado em (15) apresenta o verbo na forma morfológica do *préterito/pretérito perfecto simple*. Esse tipo de flexão leva à classificação desse dado como pertencente às construções simples. Já em (16), apresenta-se a perífrase aspectual constituída pelo verbo *empezar*, que indica um aspecto inceptivo, colocando o foco do evento no seu ponto de início. Em (17), temos uma construção perifrástica modal marcada pelo auxiliar *poder*. Em (18), o núcleo *llevar*, conjugado no Presente, compõe, junto com o verbo adjacente *poner* no infinitivo, uma construção verbal complexa. Por

fim, como ilustração das construções nominais, expomos o dado em (19), em que o verbo se apresenta na forma de gerúndio.

Ao olhar para os dados do uso das construções perifrásticas, das construções nominais e das construções verbais complexas, vemos que a frequência de uso do verbo *poner* nas formas não-finitas dos verbos é de 15,66%, correspondente a 12,44% das ocorrências no infinitivo e 3,23%, no gerúndio.

### 5.2.3 *Echar leña al fuego*

Da construção fraseológica *Echar leña al fuego* foi analisado um total de 101 ocorrências, das quais apenas 33 foram codificadas como construções simples, o que significa que mais da metade dos dados apresenta o núcleo  *echar* em sua forma nominal. Vejamos a tabela com os percentuais e as frequências correspondentes:

Tabela 6 – Frequência de uso na codificação da variável “Tipo de construção” (V2) na CF *Echar leña al fuego*

<b>Tipo de construção</b>	<b>Frequência</b>	<b>Exemplo</b>
<b>cs</b> – construções simples	33 32,7%	(20) <i>Pero el editorial de la revista médica más respetada del mundo <b>ha echado más leña al fuego.</b> &lt;ef,cs,ct,aps&gt;</i>
<b>cpa</b> – construção perifrástica aspectual	17 16,8%	(21) <i>Hay una línea del gobierno de Felipe Sapag que busca resolver el conflicto y no <b>seguir echando leña al fuego.</b> &lt;ef,cpa,ct,ger&gt;</i>
<b>cpm</b> – construção perifrástica modal	12 11,9%	(22) <i>No quiero causar perjuicios al Estado que <b>defiendo, no quiero echar leña al fuego.</b> &lt;ef,cpm,ct,inf&gt;</i>
<b>cvc</b> – construções verbais complexas	15 14,8%	(23) <i>Acelerado desde el principio, el autogol de Cuadrado tras un remate de Pacheco no <b>hizo sino echar más leña al fuego.</b> &lt;ef,cvc,ct,inf&gt;</i>
<b>cn</b> – construção nominal	24 23,8%	(24) <i>La apelación al “no olvido y al no perdón” no han hecho</i>

		<i>sino poner más piedras en el camino de la paz y echar más leña al fuego.</i> <b>&lt;ef,cn,ct,inf&gt;</b>
--	--	--

Como podemos verificar, 67,3% das ocorrências se organizam a partir de formas nominais. Desse percentual, 57,5% têm o verbo principal da CF na forma do infinitivo; e 9,8% na forma do gerúndio. Vemos, ainda, que nos 67,3% o tipo de construção mais frequente foi o do grupo das construções nominais, com 23,8% das ocorrências. Seguindo na ordem de frequência, encontramos o grupo das construções perifrásticas aspectuais, com 17 ocorrências, correspondendo a 16,8% dos dados. Na sequência, e com número aproximado, está o grupo das construções verbais complexas, com 14,8%. Por último, encontramos o grupo das construções perifrásticas modais, identificadas em 11 ocorrências, que corresponde a 10,90% dos dados analisados. Contudo, se observarmos os dados da Tabela 6, podemos verificar também que, ao juntar os percentuais das construções perifrásticas, tanto modais como aspectuais, obtemos 28,7% das ocorrências, um percentual que resulta maior que os percentuais das construções verbais complexas e das construções nominais.

Discutindo as ocorrências trazidas de (20) a (24), o dado em (20) apresenta o verbo principal da construção conjugado na forma do *antepresente/pretérito perfecto compuesto*, característica das construções simples. Em (21), temos um uso característico do aspecto cursivo, constituído pela perífrase *seguir* + infinitivo. Em (22), observamos uma construção perifrástica modal formada pela sequência *querer* + infinitivo, na qual o verbo modal está conjugado na primeira pessoa do presente do indicativo. O dado em (23), por sua vez, mostra uma construção complexa formada pelo verbo *hacer* no *pretérito perfecto simple*, seguido da conjunção adversativa *sino* e da CF com o predicado no infinitivo. Finalmente, o dado em (24) apresenta uma construção nominal cujo verbo se apresenta na forma não-finita, sem ser antecedido por qualquer outro verbo.

#### 5.2.4 *Hablar por los codos*

A Construção Fraseológica *Hablar por los codos* apresentou um total de 84 dados. Entre estes, 55 foram classificados como construções simples, ou seja, mais da metade dos dados examinados aparecem com o

verbo *hablar* conjugado em algum dos tempos verbais do espanhol. Trata-se, como vemos na Tabela 7, a seguir, de um percentual de 65,5%:

Tabela 7 – Frequência de uso na codificação da variável “Tipo de construção” (V2) na CF *Hablar por los codos*

<b>Tipo de construção</b>	<b>Frequência</b>	<b>Exemplo</b>
<b>cs</b> – construções simples	55 65,5%	(25) <i>Al individuo le dio por hablar, una megalomanía tremenda, y <b>habló hasta por los codos.</b> &lt;hc,cs,ct,pt&gt;</i>
<b>cpa</b> – construção perifrástica aspectual	5 6%	(26) <i>Mi entusiasmo y excitación fueron tales que, en el entreacto, <b>comencé a hablar hasta por los codos,</b> &lt;hc,cpa,ct,inf&gt; haciendo un elogio fogoso de la obra.</i>
<b>cpm</b> – construção perifrástica modal	1 1,2%	(27) <i>Usted sabrá lo que hace. (pausa) Lo mismo <b>puede hablarle hasta por los codos</b> &lt;hc,cpm,ct,inf&gt; que darle una buena trompada.</i>
<b>cvc</b> – construções verbais complexas	7 8,3%	(28) <i>Y recordó haberse sentido feliz con la visita, voluble y malicioso e inconsciente y <b>recordó haber hablado por los codos.</b> &lt;hc,cvc,ct,inf&gt;</i>
<b>cn</b> – construção nominal	16 19%	(29) <i>Estuvo realmente simpático, <b>hablando hasta por los codos</b> &lt;hc,cn,ct,ger&gt; y haciendo toda clase de bromas.</i>

No que tange às construções que apresentaram o verbo principal nas formas não-finitas, vemos que se trata, no total – somando as construções nominais, as construções verbais complexas e as construções perifrásticas –, de 29 ocorrências, ou seja, 34,5%. Desse percentual total, 20,2% se encontram no infinitivo, estando 14,3% restantes em ocorrências de gerúndio. Dentre esse número geral de ocorrências nas formas nominais do verbo, vemos, na Tabela 7, que o uso mais frequente é o das construções nominais, com 19%. Esse grupo é exemplificado em (29), com uma ocorrência que apresenta a CF no gerúndio, entre vírgulas, formando um contexto em que o verbo da CF não funciona em conjunto

com o outro verbo presente, *estuvo*, mas eles estão em uma relação de núcleo e adjacente.

Vemos, também, os exemplos em (26) e (28) ilustrando os casos das construções perifrásticas aspectuais e das construções verbais complexas, respectivamente. Em (26), temos a perífrase formada pelo verbo *comenzar* + infinitivo, que indica um evento em seu início, proporcionando uma leitura inceptiva. Por sua vez, em (28) observamos uma ocorrência que segue a sequência do verbo *recordar* conjugado no pretérito *perfecto simple*, seguido do verbo principal da CF no infinitivo composto *haber hablado*. Por último, em (27), temos a única ocorrência que foi identificada como construção perifrástica modal, que faz uso do modal *poder* conjugado no presente do indicativo.

### 5.2.5 *Pagar los platos rotos*

A última CF que compõe a amostra deste estudo, *Pagar los platos rotos*, teve um total de 90 dados analisados, dos quais 51 foram classificados como construções simples. Abaixo, podemos observar mais detalhadamente as frequências de ocorrência de cada um dos tipos de construção identificados:

Tabela 8 – Frequência de uso na codificação da variável “Tipo de construção” (V2) na CF *Pagar los platos rotos*

<b>Tipo de construção</b>	<b>Frequência</b>	<b>Exemplo</b>
<b>cs</b> – construções simples	51 56,7%	(30) <i>Nogueira ha pagado los platos rotos</i> <pr,cs,ct,aps> <i>del cavaquismo al no lograr imponer una imagen de renovación.</i>
<b>cpa</b> – construção perifrástica aspectual	12 13,3%	(31) <i>La empresa teme acabar pagando los platos rotos</i> <pr,cpa,ct,ger> <i>del conflicto.</i>
<b>cpm</b> – construção perifrástica modal	11 12,2%	(32) <i>La supremacía del grano es disputada por los productos mediterráneos – naranjos, viñas y olivos, debiendo pagar el bosque los platos rotos.</i> <pr,cpm,ct,inf>
<b>cvc</b> – construções verbais complexas	7 7,8%	(33) – <i>¿Temés pagar los platos rotos?</i> <pr,cvc,ct,inf>

		– <i>No. Tengo una fe ciega en que el hincha de Boca terminará viendo un equipo competitivo.</i>
<b>cn</b> – construção nominal	9 10%	(34) <i>Pues en todo caso el único perjudicado en <b>pagar los platos rotos</b> &lt;pr,cn,ct,inf&gt; ha sido el pueblo.</i>

Podemos observar, na tabela acima, que, considerando a distribuição das frequências de uso da variável “tipo de construção” na CF *pagar los platos rotos*, o maior número de ocorrências se apresenta como construção simples, tendo o percentual de 56,7%, isto é, 51 ocorrências das 90 analisadas.

No dado em (30), vemos o uso da forma do *antepretérito/pretérito perfecto compuesto*, colocando o verbo central da construção em uma das formas verbais do espanhol, característica do grupo das construções simples. Em (31), faz-se uso do verbo aspectual *acabar* que, seguido do infinito do verbo, proporciona uma leitura correspondente ao aspecto terminativo, caracterizando uma situação cujo foco está nos últimos momentos do evento, ou, como afirma Garcia Fernández (2011, p. 73), uma situação que denota a conclusão do evento: no caso, o fato de “pagar o pato”, como consequência do desencadeamento de um evento anterior.

No que concerne ao dado em (32), ilustrando as construções perifrásticas modais, vemos o verbo modal *deber* antecedendo o infinitivo do predicado *pagar*, expressando, assim, uma obrigação própria da modalidade deôntica. Nesse dado, contata-se a possibilidade de alteração sintática na construção, isto é, segue, após o verbo principal, um sintagma nominal inserido no meio da CF, sem comprometer o sentido idiomático da construção como um todo.

Em (33), ilustramos o tipo construção verbal complexa com uma sequência de dois verbos que funcionam como núcleo e adjacente: *temer*, um verbo psicológico que, no caso, não atua em conjunto com o verbo da CF *pagar*, fazendo com que cada um dos verbos ainda carregue seu conteúdo semântico.

Passando ao exemplo em (34), podemos observar que a CF está antecedida de um adjetivo derivado do verbo *perjudicar*, fazendo com que a forma infinitiva do verbo *pagar* funcione sem relação direta com outros verbos presentes no contexto.

## 5.2.6 Fechando a seção: algumas considerações

Trazemos, a modo de conclusão sobre o panorama geral da análise, algumas considerações a respeito das características das sequências verbais que fazem parte dos grupos das construções perifrásticas, tanto modais como aspectuais, e também das construções nominais e das construções verbais complexas.

Encontramos, no total, 251 ocorrências que apresentaram o verbo principal de cada uma das CFs em alguma das formas não-finitas do verbo. Como mencionado, esse grande grupo foi dividido em quatro, a depender das características do verbo conjugado, que, junto com o infinitivo, forma (i) ou uma construção perifrástica ou (ii) uma construção complexa. Das 251 ocorrências nas formas nominais do verbo principal das CFs, 204 correspondem à forma do infinitivo, enquanto que, ao gerúndio, correspondem somente 46 dados; e ao participípio, 1 ocorrência. Assim, julgamos importante ressaltar que, ao considerar essas frequências, detalhadas na Tabela 8, anteriormente, identificamos um número significativo de ocorrências no infinitivo que, contrastado com os dados que serão apresentados na seção 5.3, a seguir, representam a maior frequência de uso. Trata-se de 29,7% de frequência da forma nominal do infinitivo, frente a 20,1% das CFs empregadas no *pretérito perfecto simple*, cuja frequência será detalhada adiante. Contudo, como sabemos, não é possível analisar as duas formas dentro do mesmo grupo, razão pela qual foi feita a divisão metodológica de analisar, separadamente, as construções nominais daquelas conjugadas.

Como parte da visão geral que constituímos nesta subseção, é pertinente mencionar que, dentre essas ocorrências no infinitivo, encontramos como verbos mais comuns nas perífrases: *estar*, *tener*, *poder* e *seguir*, sendo a mais frequente a perífrase *estar* + infinitivo, com 41 ocorrências.

Nas seguintes seções será detalhada a análise temporal e aspectual dos 425 dados encontrados que foram categorizados como “construção simples”, já que são o que permite observar a variação nas duas categorias funcionais em análise.

## 5.3 ANÁLISE DA VARIÁVEL TEMPORAL

Como mencionado em parágrafos anteriores, o foco de análise se deu em 425 dados que constituem o grupo das construções simples, sobre o qual foi realizada a análise de duas variáveis principais: uma temporal e a outra aspectual. Dedicamos a presente seção à explicação dos resultados



obtidos a respeito da codificação da variável temporal, que constitui a nossa variável 3 (V3) de análise.

O grupo das construções simples foi codificado e resultou em um total de 425 dados, o que corresponde a 56,7% do total analisado. Nesse grupo, identificou-se que a forma verbal mais utilizada é a do *pretérito perfecto simple*. Apresentamos, a seguir, a frequência das cinco construções fraseológicas em estudo, distribuídas entre os tempos verbais considerados a partir da nomenclatura funcional adotada por Andrés Bello (1972 [1810]), seguida da nomenclatura da RAE.

Tabela 9 – Frequência de uso da codificação da variável “Categoria Tempo” (V3) nas cinco CFs analisadas.

<b>Formas verbais</b>	<b>Frequência</b>
<b>Modo indicativo</b>	
Tempos simples	
<i>Pretérito</i> ( <i>Pretérito perfecto simple</i> )	136 20,1%
<i>Copretérito</i> ( <i>Pretérito imperfecto</i> )	45 6,6%
<i>Presente</i>	95 14%
<i>Futuro</i> ( <i>Futuro simple</i> )	18 2,7%
<i>Futuro perifrástico</i> ( <i>Futuro</i> )	20 3%
<i>Condicional simple</i> ( <i>Pospretérito</i> )	4 0,6%
Tempos compostos	
<i>Antepresente</i> ( <i>Pretérito perfecto compuesto</i> )	44 6,5%
<i>Antecopretérito</i> ( <i>Pretérito pluscuamperfecto</i> )	5 0,7%
<i>Antepretérito</i> ( <i>Pretérito anterior</i> ) <sup>38</sup>	0 0%
<i>Antefuturo</i> ( <i>Futuro compuesto</i> )	0 0%
<i>Antepospretérito</i> ( <i>Condicional compuesto</i> )	2 0,3%

<sup>38</sup> Tempo verbal em desuso no espanhol.

<b>Modo imperativo</b>	2 0,3%
<b>Modo subjuntivo</b>	
<i>Pretérito</i> ( <i>Pretérito imperfecto</i> )	13 2%
<i>Presente</i>	36 5,3%
<i>Antepresente</i> ( <i>Pretérito perfecto compuesto</i> )	3 0,4%
<i>Antepretérito</i> ( <i>Pretérito pluscuamperfecto</i> )	4 0,6%
<b>TOTAL</b>	425 63,1%

A tabela acima demonstra a tendência de as CF como construções simples serem empregadas no pretérito do indicativo, apresentando-se, em nossa amostra, com o percentual de 20,1%, o que corresponde a 136 dados. Seguindo a ordem, observamos que o segundo tempo verbal mais utilizado é o presente do modo indicativo, com 14% de frequência (95 ocorrências).

Cabe abrir um parêntese para alertar que o percentual não totaliza 100% por conta de o *software* estatístico calcular uma frequência baseada nas etiquetas inseridas para cada dado. Os percentuais da Tabela 9 consideram a etiqueta que corresponde à morfologia verbal; logo, o programa *RStudio* está incluindo a codificação das formas do infinitivo, do gerúndio e do particípio.

Também é possível vislumbrar, na Tabela 9, que as CFs analisadas não são produzidas pelos falantes na forma do antefuturo (ou *futuro compuesto*): *habrá tirado la toalla*, por exemplo.

Tendo apontado a distribuição da frequência total dos dados, passamos a descrever os resultados das codificações de cada uma das CFs no que tange à variável “Categoria Tempo”.

### 5.3.1 *Tirar la toalla*

Como mencionado na seção 5.2.1 do presente capítulo, a frequência total da CF *Tirar la toalla* foi de 184 ocorrências, das quais 103 foram classificadas como construções simples. Nesse conjunto, verificou-se que o uso mais frequente da CF é com o verbo principal na forma verbal do presente do indicativo, com 26 ocorrências,

correspondendo a 25,2%. Na sequência, está a forma do pretérito do indicativo, com 23 dados: 22,3%. Na tabela a seguir, apresentamos a frequência de uso da CF *Tirar la toalla*, conforme a codificação morfológica do tempo verbal, correspondente à variável “Categoria Tempo” (V3).

Tabela 10 – Distribuição da frequência de uso da variável “Categoria Tempo” (V3) na CF *Tirar la toalla*

<b>Formas verbais</b>	<b>Frequência</b>
<b>Modo indicativo</b>	
Tempos simples	
<i>Pretérito</i> ( <i>Pretérito perfecto simple</i> ) <i>Tiré la toalla</i>	23 22,3%
<i>Copretérito</i> ( <i>Pretérito imperfecto</i> ) <i>Tiraba la toalla</i>	5 4,8%
<i>Presente</i> <i>Tiro la toalla</i>	26 25,2%
<i>Futuro simple</i> ( <i>Futuro</i> ) <i>Tiraré la toalla</i>	3 3%
<i>Futuro perifrástico</i> ( <i>Futuro</i> ) <i>Voy a tirar la toalla</i>	10 9,7%
<i>Pospretérito</i> ( <i>Condicional simple</i> ) <i>Tiraría la toalla</i>	0 0%
Tempos compostos	
<i>Antepresente</i> ( <i>Pretérito perfecto compuesto</i> ) <i>He tirado la toalla</i>	15 14,6%
<i>Antecopretérito</i> ( <i>Pretérito pluscuamperfecto</i> ) <i>Había tirado la toalla</i>	5 4,8%
<i>Antepretérito</i> ( <i>Pretérito anterior</i> ) <sup>39</sup> <i>Hube tirado la toalla</i>	0 0%

<sup>39</sup> Tempo verbal em desuso no espanhol.

<i>Antefuturo</i> ( <i>Futuro Compuesto</i> ) <i>Habré tirado la toalla</i>	0 0%
<i>Antepospretérito</i> ( <i>Condicional compuesto</i> ) <i>Habría tirado la toalla</i>	0 0%
<b>Modo subjuntivo</b>	
<i>Pretérito</i> ( <i>Pretérito imperfecto</i> ) <i>Tirara/tirase la toalla</i>	3 2,9%
<i>Presente</i> <i>Tire la toalla</i>	10 9,7%
<i>Antepresente</i> ( <i>Pretérito perfecto compuesto</i> ) <i>Haya tirado la toalla</i>	2 1,9%
<i>Antepretérito</i> ( <i>Pretérito pluscuamperfecto</i> ) <i>Hubiera/hubiese tirado la toalla</i>	1 1%
<b>TOTAL</b>	103 99,02%

Na Tabela 10, é possível observar que as formas verbais do *pospretérito*, *antefuturo* e *antepospretérito* não apresentam nenhuma ocorrência nos *corpora*. Considerando as formas do indicativo, que apresentaram uma frequência maior comparadas às do subjuntivo, é importante destacar a produtividade da CF *Tirar la toalla* nas formas do *antepresente*, que corresponde ao *pretérito perfecto compuesto*, e do *futuro perifrástico*, com 14,6% e 9,7%, respectivamente. Sobre o último, como sinalizado anteriormente neste trabalho, a consideração de usos como “*voy a tirar la toalla*” na tabela das formas verbais – e não na tabela das construções nas formas nominais do verbo –, justifica-se pela reconhecida funcionalidade deste tipo de construção no âmbito da temporalidade: “*voy a + infinitivo*” é uma construção gramaticalizada em diferentes línguas – entre elas o espanhol, no que diz respeito ao domínio temporal do futuro, passando a competir com a forma sintética, conforme ampla discussão no âmbito da Teoria da Gramaticalização (FLEISCHMAN, 1983; AARON, 2006; OLIVEIRA *et al.*, 2015).

No que se refere ao modo subjuntivo, o maior número de ocorrências se apresentou também no uso do *presente*, com 10 dados, seguido da forma do *pretérito*, com 3 ocorrências.

Os resultados apresentados na Tabela 10 permitem divisar uma notável frequência de uso da CF *Tirar la toalla* nas formas do *presente* dos modos indicativo e subjuntivo, com 34,9% das ocorrências. No entanto, observa-se uma tendência maior à configuração da CF nas formas do *pretérito*, tanto do modo indicativo como do subjuntivo, que correspondem a 54 ocorrências: 52,4% dos dados analisados como construções simples.

Trazemos, a seguir, uma ocorrência de cada forma verbal contemplada na Tabela 10, a modo de exemplificação, partindo das formas mais até as menos frequentes nos *corpora*:

- (35) *Puede que, al principio, le cueste desconectar, pero si no **tira la toalla** a la primera, lo logrará* (presente indicativo).
- (36) *No podían seguirle pagando a los principales jugadores y se desmantelaron lentamente hasta que "**tiraron la toalla**"* (pretérito).
- (37) *Incapaz de lograr que los británicos impongan orden en su colonia, el Gobierno español **ha tirado la toalla**, conformándose con la creación de un tinglado burocrático* (antepresente).
- (38) *Estamos preocupados. Pero no **vamos a tirar la toalla*** (futuro perifrástico).
- (39) *Se ha puesto muy difícil. Mas soy el primero en animarte para que no **tires la toalla**. Sería una lástima* (presente subjuntivo).
- (40) *La leyenda indica que el chileno salió en medio de una ovación del estadio de Queensboro, luego de que sus asistentes **tiraran la toalla** debido a un pisotón "casual" que le propinara el propio árbitro* (pretérito subjuntivo).
- (41) *Pero después de trece agónicos días, Maccanico **tiraba la toalla** al no lograr poner de acuerdo a las dos formaciones que más discrepaban* (copretérito).
- (42) *Oleart también **había tirado la toalla** ante la impotencia de sus jugadores y los cerca de quince mil espectadores* (antecopretérito).
- (43) *Si cede dejará de creer en lo que hace y entonces sí que **tirá la toalla*** (futuro).
- (44) *(...) por el hecho de que no **haya tirado la toalla** y haya acudido antes a la consulta electoral anticipada* (antepresente subjuntivo).

- (45) (...) *aunque cada día son menos los integrantes. Otro ya **hubiera tirado la toalla*** (antepretérito subjuntivo).

Nos dados de (35) a (45), ilustramos cada uma das ocorrências analisadas no que tange ao Tempo. Trata-se de ocorrências selecionadas, aleatoriamente, que permitem visualizar os usos preferenciais por parte de hispanofalantes no que se refere à CF *Tirar la toalla* – a mais recorrente na amostra examinada.

### 5.3.2 *Poner el grito en el cielo*

A segunda CF com mais ocorrências nos *corpora* é *Poner el grito en el cielo*, com um total de 217 ocorrências, das quais 183 pertencem ao grupo das construções simples. Vemos, nesses resultados produzidos pelo programa estatístico utilizado, que essa CF apresenta um número maior de ocorrências com o verbo principal conjugado. Isso parece indicar que a CF *Poner el grito en el cielo* é mais produtiva em construções simples, comparada à CF *Tirar la toalla*.

Do total das 183 construções simples da CF, observou-se que a maior frequência está no uso dos Pretéritos, tanto do modo indicativo como do modo subjuntivo, com 130 ocorrências. A tabela a seguir mostra a distribuição das ocorrências de acordo com a morfologia verbal das formas encontradas:

Tabela 11 – Distribuição da frequência de uso da variável “Categoria Tempo” (V3) na CF *Poner el grito en el cielo*.

<b>Formas verbais</b>	<b>Frequência</b>
<b>Modo indicativo</b>	
Tempos simples	
<i>Pretérito</i> ( <i>Pretérito perfecto simple</i> ) <i>Puse el grito en el cielo</i>	80 43,7%
<i>Copretérito</i> ( <i>Pretérito imperfecto</i> ) <i>Ponía el grito en el cielo</i>	16 8,7%
<i>Presente</i> <i>Pongo el grito en el cielo</i>	30 16,4%
<i>Futuro simple</i> ( <i>Futuro</i> ) <i>Pondré el grito en el cielo</i>	7 3,8%

<i>Futuro perifrástico</i> (Futuro) <i>Voy a poner el grito en el cielo</i>	4 2,2%
<i>Pospretérito</i> (Condicional simple) <i>Pondría el grito en el cielo</i>	1 0,5%
<b>Tempos compostos</b>	
<i>Antepresente</i> (Pretérito perfecto compuesto) <i>He puesto el grito en el cielo</i>	25 13,7%
<i>Antecopretérito</i> (Pretérito pluscuamperfecto) <i>Había puesto el grito en el cielo</i>	0 0%
<i>Antepretérito</i> (Pretérito anterior) <sup>40</sup> <i>Hube puesto el grito en el cielo</i>	0 0%
<i>Antefuturo</i> (Futuro Compuesto) <i>Habré puesto el grito en el cielo</i>	0 0%
<i>Antepospretérito</i> (Condicional compuesto) <i>Habría puesto el grito en el cielo</i>	2 1,1%
<b>Modo imperativo</b> <i>Pon el grito en el cielo</i>	1 0,5%
<b>Modo subjuntivo</b>	
<i>Pretérito</i> (Pretérito imperfecto) <i>Pusiera/pusiese el grito en el cielo</i>	5 2,7%
<i>Presente</i> <i>Ponga el grito en el cielo</i>	8 4,4%
<i>Antepresente</i> (Pretérito perfecto compuesto) <i>Haya puesto el grito en el cielo</i>	1 0,5%
<i>Antepretérito</i> (Pretérito pluscuamperfecto) <i>Hubiera/hubiese puesto el grito en el cielo</i>	3 1,6%
<b>TOTAL</b>	183 99,8%

<sup>40</sup> Tempo verbal em desuso no espanhol.

Na Tabela 11, podemos observar que a maior frequência de uso das formas verbais se apresentou no *pretérito* do indicativo, com 80 ocorrências (43,71%). A forma que a segue, em frequência, é o *presente* do indicativo, com 30 dados (16,4%). As formas do *antepretérito* e *antefuturo* não apresentaram nenhuma ocorrência e foi identificado o uso da forma do modo *imperativo* em um caso. Ilustramos, a seguir, cada uma das formas verbais encontradas nos dados e codificadas na tabela:

- (46) Antonio Caballero **puso el grito en el cielo** al advertir que por esa vía Colombia se iba a convertir en un país de sapos (pretérito).
- (47) La oposición **pone en el grito en el cielo** porque la conducta del jefe de gobierno corrobora sus peores temores (presente).
- (48) Asimismo, cuando se les ha informado que la tasa ascenderá a 120.000 pesetas anuales **han puesto el grito en el cielo** (antepresente).
- (49) Pues lo que venía ocurriendo era que los nacionalistas catalanes se distanciaban del Gobierno cuando les parecía, pero **ponían el grito en el cielo** si el Gobierno votaba distinto a ellos (copretérito).
- (50) Y los cuatro tontos de siempre **pongan el grito en el cielo**. Me hace pensar que vivo en el país más impresentable de la tierra (presente subjuntivo).
- (51) Con la esperanza de que **pusieran el grito en el cielo** si los militares destruían el cadáver (pretérito subjuntivo).
- (52) Si Paula acaba en la cárcel, la gente del toro –y específicamente los gitanos– **pondrán el grito en el cielo**. Serán gritos perdidos porque la justicia no entiende de honores mancillados (futuro).
- (53) (...) un numeroso grupo de creadores de virus va a sentirse aludido y **va a poner el grito en el cielo** (futuro perifrástico).
- (54) La abuela **pondría el grito en el cielo**, y el abuelo saldría del cuarto de baño en albornoz para saber lo que estaba pasando (pospretérito).
- (55) De no haber sido el causante el hijo del Alcalde, el pobre Manquillo **habría puesto el grito en el cielo** al descubrir el portillo por donde se le escapan ahora cabras y gallinas (antepospretérito).



- (56) *Cualquier otro hombre hubiera ya puesto el grito en el cielo, y el hecho de que Indalecio no lo ponga no se debe a que sea menos hombre* (antepretérito subjuntivo).
- (57) *No es extraño, pues, que la industria del cine haya puesto el grito en el cielo y la vista en los códigos* (antepresente subjuntivo).
- (58) *Organizaron los actos, que se celebraron bajo el lema "Pon tu grito en el cielo por Etiopía", la Cruz Roja, la rueda de emisoras Rato (...)* (imperativo).

Nas ocorrências (46) a (58), ilustramos as formas verbais em que se apresentaram as ocorrências analisadas, classificadas como construções simples. Os dados foram selecionados, aleatoriamente, e permitem vislumbrar os usos das formas que os hispanofalantes preferem no momento de utilizar a CF *Poner el grito en el cielo* em seu discurso.

### 5.3.3 Echar leña al fuego

Na análise da frequência de uso da CF *Echar leña al fuego*, observa-se que a maioria dos dados do verbo da locução aparece, como vimos na seção 5.2.3, na forma nominal de infinitivo. Como construções simples, identificamos 33 ocorrências distribuídas tal e como se apresenta na tabela a seguir:

Tabela 12 – Distribuição da frequência de uso da variável “Categoria Tempo” (V3) na CF *Echar leña al fuego*.

Formas verbais	Frequência
<b>Modo indicativo</b>	
Tempos simples	
<i>Pretérito</i>	16
<i>(Prétérito perfecto simple)</i>	48%
<i>Eché leña al fuego</i>	
<i>Copretérito</i>	3
<i>(Prétérito imperfecto)</i>	9%
<i>Echaba leña al fuego</i>	
<i>Presente</i>	4
<i>Echo leña al fuego</i>	13%
<i>Futuro simple</i>	0
<i>(Futuro)</i>	0%
<i>Echaré leña al fuego</i>	
<i>Futuro prifrástico</i>	0

<i>(Futuro)</i> <i>Voy a echarle leña al fuego</i>	0%
<i>Pospretérito</i> <i>(Condicional simple)</i> <i>Echaría leña al fuego</i>	1 3%
<b>Tempos compostos</b>	
<i>Antepresente</i> <i>(Pretérito perfecto compuesto)</i> <i>He echado leña al fuego</i>	2 6%
<i>Antecopretérito</i> <i>(Pretérito pluscuamperfecto)</i> <i>Había echado leña al fuego</i>	0 0%
<i>Antepretérito</i> <i>(Pretérito anterior)<sup>41</sup></i> <i>Hube echado leña al fuego</i>	0 0%
<i>Antefuturo</i> <i>(Futuro compuesto)</i> <i>Habré echado leña al fuego</i>	0 0%
<i>Antepospretérito</i> <i>(Condicional compuesto)</i> <i>Habría echado leña al fuego</i>	0 0%
<b>Modo imperativo</b> <i>Eche leña al fuego</i>	1 3%
<b>Modo subjuntivo</b>	
<i>Pretérito</i> <i>(Pretérito imperfecto)</i> <i>Echara/echase leña al fuego</i>	1 3%
<i>Presente</i> <i>Eche leña al fuego</i>	5 15%
<i>Antepresente</i> <i>(Pretérito perfecto compuesto)</i> <i>Haya echado leña al fuego</i>	0 0%
<i>Antepretérito</i> <i>(Pretérito pluscuamperfecto)</i> <i>Hubiera/hubiese echado leña al fuego</i>	0 0%
<b>TOTAL</b>	33 100%

<sup>41</sup> Tempo verbal em desuso no espanhol.

Como podemos observar, as formas do *pretérito* do indicativo e do *presente* do subjuntivo são as mais frequentes nos *corpora*, com 48% e 15% das ocorrências, respectivamente. Verifica-se, ainda, que as formas do *futuro simple*, *antecopretérito*, *antefuturo*, *antepospretérito*; e, ainda, que as formas do subjuntivo do *pretérito* e *antepretérito* não apresentaram nenhuma ocorrência. Nos exemplos de (59) a (65), abaixo, ilustramos os dados apresentados na Tabela 12, apresentados de modo decrescente, considerando a frequência das formas:

- (59) *El mago **echó más leña al fuego**<sup>42</sup> porque la pira estaba agonizando y el poeta aprovechó la pausa para comentar la cruzada del tartamudo* (pretérito).
- (60) *El resto de los participantes, paseantes inocentes, hacen la vista gorda, ignoran la situación o **echan más leña al fuego** por malicia o para aprovecharse de la destrucción de un colega más cualificado* (presente).
- (61) *En este período electoral con tanta tensión, con problemas que empiezan a acumularse –me cuentan– en varias organizaciones musicales, no voy a ser yo esta semana quien **eche más leña al fuego*** (presente subjuntivo).
- (62) *Cada vez que le iban mal las cosas a ETA, surgía algo que **echaba leña al fuego** dando nuevos argumentos a los violentos* (copretérito).
- (63) *Hoy paradójicamente, con sus declaraciones sobre el tema **ha echado leña al fuego**, en su conflicto que alienta la discordia entre los ecuatorianos* (antepresente).
- (64) *Estaba buscando una salida que no **echara más leña al fuego**, cuando recibí otro golpe que me volvió a desequilibrar* (pretérito subjuntivo).
- (65) *Mientras, todos se preparan para la segunda vuelta en medio de una nueva elección, la de los candidatos parlamentarios, que **echaría más leña al fuego*** (pospretérito).

---

<sup>42</sup> Na seção 5.5, explicaremos as possibilidades de inserção de material lexical nas CFs, bem como as licenças na modificação sintática encontrada em alguns dos dados analisados.

Os exemplos anteriores extraídos da amostra permitem observar que a variação na flexão verbal da CF se dá em sete das quinze formas verbais do espanhol. Em (59), temos o verbo conjugado na forma do *pretérito* do indicativo, sinalizando uma ação finalizada no passado. O dado em (60), apresenta-se uma ação, conjugada no *presente*, que se relaciona com o evento seguinte no contexto. Em (61), a situação denotada por *echar no presente* do subjuntivo tem uma relação direta com o complemento *esta semana*, fazendo com que a interpretação da categoria Tempo, neste caso, se localize no *presente*.

Já no exemplo em (62), vemos uma situação distinta: a flexão verbal coloca o evento da CF no *copretérito*, dando uma leitura temporal que se repete e continua no Tempo. Essa leitura difere das leituras proporcionadas pelos exemplos em (63) e (64), nos quais observamos ações no contexto passado. Contudo, em (63) temos, mediante o complemento *hoy*, uma relevância no presente; enquanto em (64) podemos ver que se trata de um contexto temporal que utiliza a forma verbal do *pretérito* do subjuntivo para fazer referência a um evento localizado totalmente no passado.

Em (65), encontramos a flexão verbal do *pospretérito* enunciando uma ação que ainda não aconteceu. No entanto, dá a ideia de que se trata de um evento posterior a uma situação que antecede o momento da fala.

Em suma, no que se refere à CF *echar leña al fuego*, observa-se que os hispanofalantes parecem ter uma preferência pelo uso das flexões verbais dos *pretéritos*, uma vez que 64% das 33 ocorrências se apresentaram em alguma das formas verbais de passado, seja no modo do indicativo ou no do subjuntivo.

#### **5.3.4 Hablar por los codos**

A quarta CF da amostra analisada obteve um total de 84 dados analisados, dos quais 55 se apresentam nas formas verbais pertencentes ao tipo construções simples. Podemos observar, nessa frequência, que a CF *Hablar por los codos* parece ser mais produtiva em formas verbais, comparada à CF *Echar leña al fuego*, que teve um total de 33 dados. A partir da tabela a seguir, observa-se a distribuição das frequências de uso, de acordo com dados produzidos pelo programa estatístico utilizado na análise:

Tabela 13 – Distribuição da frequência de uso da variável “Categoria Tempo”  
(V3) na CF *Hablar por los codos*.

<b>Formas verbais</b>	<b>Frequência</b>
<b>Modo indicativo</b>	
Tempos simples	
<i>Pretérito</i> ( <i>Pretérito perfecto simple</i> ) <i>Hablé por los codos</i>	7 12,7%
<i>Copretérito</i> ( <i>Pretérito imperfecto</i> ) <i>Hablaba por los codos</i>	19 34,5%
<i>Presente</i> <i>Hablo por los codos</i>	20 36,4%
<i>Futuro simple</i> ( <i>Futuro</i> ) <i>Hablaré por los codos</i>	1 1,8%
<i>Futuro perifrástico</i> ( <i>Futuro</i> ) <i>Voy a hablar por los codos</i>	3 5,4%
<i>Pospretérito</i> ( <i>Condicional simple</i> ) <i>Hablaría por los codos</i>	1 1,8%
Tempos compostos	
<i>Antepresente</i> ( <i>Pretérito perfecto compuesto</i> ) <i>He hablado por los codos</i>	0 0%
<i>Antecopretérito</i> ( <i>Pretérito pluscuamperfecto</i> ) <i>Había hablado por los codos</i>	0 0%
<i>Antepretérito</i> ( <i>Pretérito anterior</i> ) <sup>43</sup> <i>Hube hablado por los codos</i>	0 0%
<i>Antefuturo</i> ( <i>Futuro compuesto</i> ) <i>Habré hablado por los codos</i>	0 0%
<i>Antepospretérito</i> ( <i>Condicional compuesto</i> ) <i>Habría hablado por los codos</i>	0 0%

<sup>43</sup> Tempo verbal em desuso no espanhol.

<b>Modo imperativo</b> <i>Hable por los codos</i>	0 0%
<b>Modo subjuntivo</b>	
<i>Pretérito</i> ( <i>Pretérito imperfecto</i> ) <i>Hablara/hablase por los codos</i>	2 3,6%
<i>Presente</i> <i>Hable por los codos</i>	2 3,6%
<i>Antepretérito</i> ( <i>Pretérito perfecto compuesto</i> ) <i>Haya hablado por los codos</i>	0 0%
<i>Antepretérito</i> ( <i>Pretérito pluscuamperfecto</i> ) <i>Hubiera/hubiese hablado por los codos</i>	0 0%
<b>TOTAL</b>	55 100%

Vemos, na Tabela 13, que a CF *Hablar por los codos* não apresenta ocorrências em nenhum dos tempos compostos do modo indicativo, o que deixa as frequências distribuídas, principalmente, nos tempos simples do indicativo, já que, nos tempos do subjuntivo só foram encontrados quatro dados. Vislumbra-se, assim, que a forma mais frequente é a do *presente*, com percentual de 36,4% de dados; seguida, por uma margem reduzida, pelo *copretérito*, com 34,5%. Os dados de (66) a (73) ilustram cada tempo verbal identificado na CF analisada, seguindo-se a ordem de maior a menor frequência. Apresentamos, a seguir, os exemplos das ocorrências encontradas:

- (66) *Morin **habla por los codos**. Le pregunto si cree que esta crisis de ahora es también una crisis de transmisión del conocimiento, una crisis de maestros (presente).*
- (67) *Se ponía al lado de una columna, todos los sábados a partir de las siete, y **hablaba por los codos** (copretérito).*
- (68) *A diferencia de la primera vez que la entrevisté, que estaba de magnífico humor y **habló hasta por los codos**, Rosa no quería hablar esa mañana (pretérito).*
- (69) ***Hoy vamos a hablar hasta por los codos**; por supuesto, tú más que yo... ¡Qué diablos!* (futuro perifrástico).

- (70) *¡Que opinaran, pues, lo que les diera la gana! ¡Que **hablaran hasta por los codos!** (pretérito subjuntivo).*
- (71) *Pero que acuda mucha gente... ¡mucha! que la partida se anime; **que se hable hasta por los codos** todas las noches... (presente subjuntivo).*
- (72) *Y para redondear su figura, es de temer que lo vamos a tener que aguantar en Madrid, donde **hablará por los codos** en nombre de los treinta mil poseedores en precario de las calles del Peñón (futuro simples).*
- (73) *Sobre esto **hablaría yo hasta por los codos** para echarla de historiógrafo, arqueólogo y lingüista grave (pospretérito).*

No dado em (66), estamos diante do uso da CF no contexto *presente*, que narra o decorrer de uma entrevista a um político, colocando a ação como característica do sujeito sendo entrevistado. Em (67), é apresentado o evento de *Hablar por los codos* como uma situação realizada no passado, porém um evento repetitivo que acontecia *todos os sábados*, situação que podemos contrapor ao evento sinalizado em (68), o qual se refere a um evento passado e descrito como totalmente acabado. Em (70) e (71), observamos o uso de dois tempos do subjuntivo que apresentam situações de desejo e de determinação. O exemplo em (69) apresenta o uso perifrástico do futuro, indicando uma intenção que tem relevância no presente, a qual é sinalizada pelo complemento *hoy*.

Assim, os dados analisados a partir da Tabela 13 demonstram que a tendência temporal, no uso da CF *Hablar por los codos*, está nas flexões verbais que expressam eventos localizados no passado – expressão temporal que, neste caso, conta com 50,8% das ocorrências, frente a 40% dos usos do *presente* dos modos indicativo e subjuntivo. Vale comentar, também, que não se apresentaram ocorrências nos tempos verbais compostos, tanto do indicativo como do subjuntivo.

### 5.3.5 *Pagar los platos rotos*

A quinta e última CF na amostra é *Pagar los platos rotos*, que teve 90 dados analisados, dos quais 51 foram identificados como construção simples. Passamos, em seguida, a apresentar a tabela com a distribuição da frequência de uso da CF nas formas verbais:

Tabela 14 – Distribuição da frequência de uso da variável “Categoria Tempo” (V3) na CF *Pagar los platos rotos*.

<b>Formas verbais</b>	<b>Frequência</b>
<b>Modo indicativo</b>	
Tempos simples	
<i>Pretérito</i> ( <i>Pretérito perfecto simple</i> ) <i>Pagué los platos rotos</i>	10 19,6%
<i>Copretérito</i> ( <i>Pretérito imperfecto</i> ) <i>Pagaba los platos rotos</i>	2 3,9%
<i>Presente</i> <i>Pago los platos rotos</i>	15 29,4%
<i>Futuro simple</i> ( <i>Futuro</i> ) <i>Pagaré los platos rotos</i>	7 13,7%
<i>Futuro perifrástico</i> ( <i>Futuro</i> ) <i>Voy a pagar los platos rotos</i>	3 6%
<i>Pospretérito</i> ( <i>Condicional simple</i> ) <i>Pagaría los platos rotos</i>	1 1,9%
Tempos compostos	
<i>Antepresente</i> ( <i>Pretérito perfecto compuesto</i> ) <i>He pagado los platos rotos</i>	2 3,9%
<i>Antecopretérito</i> ( <i>Pretérito pluscuamperfecto</i> ) <i>Había pagado los platos rotos</i>	0 0%
<i>Antepretérito</i> ( <i>Pretérito anterior</i> ) <sup>44</sup> <i>Hube pagado los platos rotos</i>	0 0%
<i>Antefuturo</i> ( <i>Futuro Compuesto</i> ) <i>Habré pagado los platos rotos</i>	0 0%
<i>Antepospretérito</i> ( <i>Condicional compuesto</i> ) <i>Habría pagado los platos rotos</i>	0 0%

<sup>44</sup> Tempo verbal em desuso no espanhol.



<b>Modo imperativo</b> <i>Paga los platos rotos</i>	0 0%
<b>Modo subjuntivo</b>	
<i>Pretérito</i> ( <i>Preterito imperfecto</i> ) <i>Pagara/pagase los platos rotos</i>	1 1,9%
<i>Presente</i> <i>Pague los platos rotos</i>	10 19,7%
<i>Antepresente</i> ( <i>Preterito perfecto compuesto</i> ) <i>Haya pagado los platos rotos</i>	0 0%
<i>Antepretérito</i> ( <i>Preterito pluscuamperfecto</i> ) <i>Hubiera/hubiese pagado los platos rotos</i>	0 0%
<b>TOTAL</b>	51 100%

Como podemos observar, a única forma verbal dos tempos compostos presente nos 51 dados da CF é o *antepresente*, com 3,9% das ocorrências. Identifica-se, assim, que a tendência no uso da CF *Pagar los platos rotos*, no que tange à categoria Tempo, apresenta-se nos tempos simples; mais especificamente, nas formas verbais do indicativo. A forma verbal que obteve mais frequência é o *presente* do indicativo, com 29,4% dos dados analisados. Seguem-na as formas do *pretérito* do indicativo e do *presente* do subjuntivo – ambas com o percentual de 19,6% de frequência. Ilustramos, nos exemplos abaixo, os usos das formas verbais em ordem de frequência (maior para menor):

- (74) *La dolorosa verdad, la amarga experiencia es ver que quienes **pagan los platos rotos** son centenares de jóvenes lanzados a un futuro incierto* (presente).
- (75) *Carlos Mora, que había bregado y pareado muy bien, **pagó los platos rotos**; por ser de la familia* (pretérito).
- (76) *Incluso una mayoría de los 2.700 empleados alemanes de la compañía manifiestan cuando menos su “comprensión” hacia la iniciativa, pese a su temor de que nuevamente sean los más débiles quienes **paguen los platos rotos** de la empresa* (presente subjuntivo).

- (77) *El anuncio de que el Gobierno de Japón **pagará los platos rotos** en la crisis del banco Hokkaido Takushoku llenó de esperanza al resto del sistema financiero* (futuro).
- (78) *Mientras no eliminemos ese sistema de influencias, derivado del clientelismo político, quienes **van a pagar los platos rotos** de las medidas laborales van a ser precisamente los que no tienen una vinculación o protección política* (futuro perifrástico).
- (79) *Sentía que él **pagaba los platos rotos**, mientras el otro paseaba por ahí con esa mina* (copretérito).
- (80) *Y hasta ahora, la sociedad **ha pagado los platos rotos**, mas ¿a cambio de qué?* (antepresente).
- (81) (...) *así que decidieron que serían los usuarios los que **pagarían los platos rotos*** (pospretérito).
- (82) (...) *tenemos un exceso de centrocampistas” y negó que ambos **pagaran los platos rotos** de la derrota ante el Atlético de Madrid* (pretérito subjuntivo).

O dado em (74) ilustra o uso mais frequente da CF em questão, que é o *presente* do indicativo, sinalizando um evento que parece estar em curso. Em (75), interpretamos uma ação completamente finalizada que recai sobre o sujeito como consequência da informação *ser de la familia*. No caso da ocorrência em (76), observa-se que o uso da flexão do subjuntivo está justificado por ser complemento do verbo *temer*. Em (77), estamos diante de um uso do *futuro*, que expressa a certeza do evento de *pagar* pelas consequências de uma crise mencionada, o que também é o caso do exemplo (78), em que o verbo está no *futuro perifrástico*, apresentando uma ação que vai iminentemente se realizar.

No caso do dado apresentado em (79), podemos analisar que se trata de um evento no passado e finalizado, mas que tem, em si mesmo, uma duração expressiva, reafirmada pela marca morfológica do imperfeito em ambas as situações apresentadas: *pagaba* e *paseaba*.

Em (80), pelo contrário, temos a flexão do *antepresente* (ou *pretérito perfecto compuesto*), que, acompanhado do complemento *hasta ahora*, expressa um evento: (i) com o ponto inicial no passado, (ii) com relevância no presente, e, neste caso, (iii) estendendo-se até a atualidade da enunciação.

A conjugação do exemplo (82) é a do *pretérito* do subjuntivo e indica um evento negado, permitindo ver claramente, uma ação no passado que não aconteceu.

Em suma, ao analisar os dados e as frequências da Tabela 14, sinaliza-se que, na língua em uso, a CF *Pagar los platos rotos* é realizada preferencialmente no *presente*, tanto do modo indicativo como do subjuntivo.

### 5.3.6 Respondendo às perguntas

Antes de partir para a análise da variável aspectual, julgamos pertinente abrir um espaço para responder às perguntas de pesquisa sobre a leitura temporal das cinco CFs examinadas, lançadas na introdução deste trabalho. Reproduzimos, por conveniência, as três perguntas em questão, respondendo-as em seguida:

- (i) Partindo do fato de que a teoria fraseológica descreve as CFs como construções essencialmente fixas, em que medida é possível a alteração da propriedade de fixação, no que tange aos tempos verbais, no discurso, sem que a CF perca a idiomaticidade?

**Resposta** – Verificamos, a partir da análise e ilustração dos dados, a possibilidade de alterar morfologicamente a construção, no que tange às marcas temporais, sem que se comprometa a carga idiomática. Em outras palavras, não se observa uma estrita *fixação* morfológica no que diz respeito à informação temporal. Como vimos na Tabela 9, a qual reúne as frequências gerais da variável, os hispanofalantes utilizam 14 das 16 formas verbais da língua espanhola – considerando, entre estas, a forma do *antepretérito/pretérito anterior*, atestadamente em desuso. Além disso, constatamos a possibilidade na variação no que se refere ao uso das CFs, podendo ser manifestas tanto a partir de construções simples, com seu núcleo verbal conjugado, como a partir de construções perifrásticas cujo verbo núcleo aparece nas três formas nominais conhecidas: infinitivo, gerúndio e participio – com alta frequência da primeira, ressalta-se. Consideramos, assim, uma correspondência direta entre o critério b da *fixação*, estabelecido pelos estudos fraseológicos – e explicado na seção 2.1 do presente trabalho. Tal critério afirma que, no que se refere

a categorias gramaticais, as CFs licenciam somente variações referentes à flexão verbal.

- (ii) A propriedade de fixação estabelece níveis de cristalização em determinadas CFs. No entanto, a teoria fraseológica não dá conta da categoria do Aspecto verbal. Considerando que o Aspecto verbal é uma categoria que depende de vários fatores – como, por exemplo, a semântica do predicado verbal e os complementos adverbiais, levados em consideração nesta pesquisa –, em que medida é possível pensar que existe um determinado Aspecto verbal (fixo) no uso das cinco CFs da amostra?

**Resposta** – No que tange à variação temporal, discutida nesta seção, podemos observar a expressiva liberdade no uso, já que, apenas dois tempos verbais não apresentaram nenhuma ocorrência, considerando os 676 dados analisados, a saber: o *antefuturo/futuro composto* e o *antepretérito/pretérito anterior*. Desses dois tempos, somente o *antefuturo* ainda é utilizado no mundo hispano, que corresponderia à forma *habré tirado la toalla*. Contudo, consideramos que a falta de frequência dessa forma verbal não significa que exista um limite na produção das CFs nessa forma verbal, tampouco na variação temporal, já que, estatisticamente, estamos falando de 6,25%.

- (iii) Considerando que tanto o Tempo como o Aspecto são manifestações cognitivas, nas quais expressamos e codificamos nossa experiência, é possível pensar que a presença de variações temporais e aspectuais é totalmente livre? Ou existe um limite de variações?

**Resposta** – Seguindo os parâmetros e alinhamentos teóricos da presente dissertação – expostos no Capítulo 3 –, e confrontando essa teoria com os resultados obtidos na análise e quantificação dos 676 dados analisados, sugere-se a existência de uma contribuição direta da frequência de uso das CFs em sua variação, no que tange ao Tempo verbal. Essa consideração pode ser feita porque, como vimos, há uma significativa variação da flexão do núcleo verbal em todas as CFs analisadas. As CFs *Tirar la toalla* e *Poner el grito en el cielo*, que apresentaram maior frequência de uso nos *corpora*, também apresentaram uma maior variação nas formas verbais, variando em 13 e 11 formas,

respetivamente. Essa variação foi mais alta em 4 tempos diferentes. As CFs *Echar leña al fuego* e *Hablar por los codos*, que seguem na ordem de frequência de ocorrência total, apresentaram variação em 8 das 16 formas verbais da língua. Por último, na CF *Pagar los platos rotos*, que obteve a menor frequência de uso, foi identificada variação em 9 tempos verbais. A análise dos dados parece indicar que quanto maior a frequência de uso, mais possibilidade de variação há; e, a partir disso, podemos comprovar que as Construções Fraseológicas são construções esquemáticas, já que, como vimos, podem ser geradas em diferentes formas que se diferenciam entre si na categoria Tempo, tal como foi planteado nos últimos parágrafos da seção 3.1.2.

#### 5.4 ANÁLISE DA VARIÁVEL ASPECTUAL

Iniciamos esta seção com a apresentação da análise da leitura aspectual das cinco CFs da amostra que, como mencionado no Capítulo 4, é uma leitura que se atrela a fatores que vão além da morfologia verbal. Os fatores que controlamos no percurso da análise foram dois: primeiro, a semântica verbal, considerada uma característica dos predicados que funcionam como núcleos das CFs e que proporciona uma primeira leitura aspectual. Segundo, os complementos adverbiais que podem ou não aparecer junto com as CFs ou no contexto; e que influenciam essa primeira interpretação dada pela semântica do verbo, gerando uma outra leitura ou retificando a primeira.

Na análise da aspectualidade, elencamos todas as nossas variáveis: realizamos a leitura da categoria Aspecto levando em consideração as leituras temporais encontradas e explicadas na seção 5.3, que correspondem à variável “Categoria Tempo” (V3) e que, junto com a análise das variáveis “Semântica verbal” (V4) e “Complementos adverbiais” (V5), proporcionaram as ferramentas para interpretar cada dado, oferecendo, como primeiro resultado, um Aspecto determinado correspondente à variável “Categoria Aspecto” (V6). Este último resultado é distribuído nas duas leituras aspectuais gerais: a leitura perfectiva e a leitura imperfectiva, que constitui nossa última variável – “Leitura final” (V7) –, que é o resultado da inter-relação dos fatores controlados e analisados.

Assim, seguindo a ordem de apresentação dos dados feita na seção dedicada ao Tempo, passamos a fazer uma descrição geral dos resultados obtidos na leitura aspectual, partindo do geral para o particular.

Apresentamos, a seguir, tabela com os resultados gerais de nossa leitura final, proporcionada a partir da junção dos fatores controlados: morfologia verbal, semântica verbal e complementos adverbiais.

Tabela 15 – Distribuição da leitura final aspectual das cinco CFs analisadas.

<b>Leitura final</b>	<b>Frequência</b>
Aspecto Imperfectivo	246 36,4%
Aspecto Perfectivo	144 21,3%
Aspecto não atualizado	286 42,2%

Na tabela acima, vemos que a distribuição total das frequências também considera aqueles dados que mencionamos na seção 5.1, nos quais não foi identificada nenhuma leitura aspectual, já que se trata de dados com as flexões verbais do *futuro* e do *subjuntivo* que, em alguns casos, não atualizam nenhum Aspecto. Estes contextos foram classificados como aspecto não atualizado. É o caso de dados como os apresentados de (83) a (86):

- (83) *Organizaron los actos, que se celebraron bajo el lema “**Pon tu grito en el cielo por Etiopía**”, la Cruz Roja, la rueda de emisoras Rato (...).*
- (84) *Envíale el gran prior al infante con un pliego. Sancha. (Ap.) – Celos, **echad leña al fuego**, creced con celos, amor.*
- (85) *Como hicieron los romanos con los ibéricos o eúscaros, de lo que son buen ejemplo los de Edetania, Bastitania, Lacetania, Carpetania, etcétera, que son puramente ibéricos con terminación latina. Sobre esto **hablaría yo hasta por los codos**.*
- (86) *El constructor de aquellos cajones de concreto sería llamado a declarar. ¿**Quién pagará los platos rotos?**, preguntaba el Alcalde.*

Temos, na ocorrência em (83), um dado que apresenta o verbo principal da CF na flexão verbal do modo *imperativo* que, segundo Travaglia (2014, p. 156), é um tipo de flexão que marca modalidade e bloqueia a leitura aspectual. Isso acontece porque o *imperativo* tem um valor de futuro e não marca Aspecto, já que, tanto o futuro como a modalidade restringem sua atualização. Ainda assim, Travaglia afirma que o aspecto pode ocorrer por influência de recursos ou itens presentes

no contexto em que aparece a flexão. No caso do dado em (83), trata-se de um lema de uma campanha para ajudar à nação da Etiópia, e, portanto, parece não indicar aspectualidade no contexto. O mesmo fenômeno se apresentou nos dados trazidos em (84), (85) e (86).

Vemos, novamente, em (84) o caso da forma verbal do *imperativo* que não apresenta leitura aspectual. Nessa ocorrência, também não encontramos nenhum CA que atualizasse a aspectualidade. De igual modo, em (85) temos o caso da forma verbal do *pospretérito/condicional simple*, que por si mesma não favorece a aspectualidade, parecendo expressar, no caso, uma ideia que fica no mundo da modalidade epistêmica, bloqueando as leituras sobre Aspecto. Por último, apresentamos o dado em (86) que usa a forma do *futuro* em um contexto marcado pelo condicional *sería*, que estabelece uma futuridade sem atualizar o Aspecto.

Retomando os resultados mostrados na Tabela 15, observamos as frequências totais de uso das leituras imperfectiva e perfectiva. O programa estatístico apontou como resultado a tendência, no uso por parte de hispanofalantes, de construções no aspecto imperfectivo, com 36,4% de frequência, frente a 21,3% da leitura perfectiva.

Sabendo que essa leitura é gerada pela combinação da análise das variáveis controladas, nas subseções a seguir apresentamos os resultados da análise individual de cada uma das CFs.

#### 5.4.1 A frequência da variável “Categoria Aspecto”

Em termos gerais, observamos, no início da seção 5.4, que dos 425 dados analisados como construções simples, 33 não apresentaram nenhuma leitura aspectual. Portanto, dedicamos esta subseção aos 139 dados nos quais foi identificado um aspecto determinado. Os 7 casos com ambiguidade serão discutidos na seção 5.5. Passamos, assim, a apresentar a tabela geral das frequências dos aspectos verbais identificados, para depois dar continuidade, apresentando a descrição detalhada dos dados em cada uma das CFs analisadas.

Tabela 16 – Frequência da variável “Categoria Aspecto” (V4).

<b>Aspecto verbal</b>	<b>Frequência</b>
Aspecto durativo	137 20,6%
Aspecto acabado	116 17,2%

Aspecto cursivo ou continuativo	40 5,7%
Aspecto pontual ou resultativo	32 4,7%
Aspecto terminativo	24 3,5%
Aspecto prospectivo	15 2,2%
Aspecto iterativo ou habitual	14 2,1%
Aspecto inceptivo ou ingressivo	4 0,6%
Aspecto progressivo	3 0,4%
Aspecto contínuo	1 0,1%
Casos ambíguos	6 0,9%
Casos sem aspecto	33 9,3%
<b>TOTAL</b>	425 65,1%

Observamos, acima, que o percentual total dos dados em que foi analisada a Categoria Aspecto é de 65,1%, resultado decorrente do fato de que o programa estatístico calcula o percentual total sobre os 676 dados, e não sobre 425, já que as construções que apresentam as formas não finitas do verbo tiveram de ser etiquetadas com <sem> para indicar a ausência da análise aspectual.

No que se refere às frequências totais dos aspectos identificados, observamos que a leitura que obteve maior frequência foi a do Aspecto durativo, com 20,5%, correspondente a 137 ocorrências. Na sequência está o Aspecto acabado, com 17,2%: 116 ocorrências. A simples confrontação desses dados indica que mesmo quando há uma tendência maior ao uso da forma durativa, a qual desencadeia uma leitura imperfectiva, há também uma tendência significativa ao uso da forma perfectiva, representada, com mais frequência, no aspecto acabado. As ocorrências desses usos aspectuais serão trazidos ao longo da descrição individual de cada uma das CFs analisadas.



### 5.4.1.1 Leituras aspectuais de *Tirar la toalla*

A primeira CF analisada foi *Tirar la toalla*, que teve 103 ocorrências identificadas como construções simples. O predicado verbal da CF foi analisado como sendo um predicado do tipo pontual, por apresentar os traços [-durativo], [+dinâmico], [-télico] e [-homogêneo]. Depois da classificação semântica do verbo, foi realizada, em cada uma das ocorrências, a análise da presença de complementos adverbiais que pudessem contribuir na leitura aspectual de cada um deles. Observamos, na análise, que 58,2% das ocorrências não apresentou um complemento. No entanto, pudemos identificar que 29,1% dos dados apresentaram o complemento adverbial de negação *no*, que contribuiu, na maioria dos casos, com a leitura aspectual durativa.

Antes de prosseguir com a ilustração dos dados, cabe introduzir a Tabela 17, apresentada a seguir, na qual realizamos uma relação das variáveis “Complemento adverbial” e “Categoria aspecto”, para sinalizar o número de ocorrências que apresentaram modificações aspectuais por conta da presença de um complemento, bem como a especificação dos dados cuja leitura se atrelou apenas à semântica verbal – pontual, no caso – e à morfologia verbal, já que não apresentaram nenhum complemento no contexto.

Tabela 17 – Relação de frequências das variáveis V5 e V6 na CF *Tirar la toalla*.

<b>Compl. adverbial</b>	<b>Aspecto</b>	<b>Frequência</b>
Conector de anterioridade	Aspecto pontual	1
Conector de posterioridade	Aspecto terminativo	1
CA de duração	Aspecto durativo	1
CA de fase	Aspecto durativo	1
CA de fase	Aspecto pontual	3
CA de frequência	Aspecto iterativo	1
CA de frequência	Aspecto pontual	1
CA de localização	Aspecto contínuo	1
CA de localização	Aspecto inceptivo	1
CA de localização	Aspecto terminativo	1
CA de negação	Aspecto durativo	24
CA de negação	Aspecto inceptivo	1
CA de negação	Aspecto prospectivo	5
Sem CA	Aspecto acabado	9
Sem CA	Aspecto durativo	4

Sem CA	Aspecto iterativo	2
Sem CA	Aspecto prospectivo	7
Sem CA	Aspecto progressivo	3
Sem CA	Aspecto pontual	25
Sem CA	Aspecto terminativo	6

Na tabela acima, está quantificada a relação entre as variáveis “Categoria Aspecto” e “Complemento adverbial”. Consideramos somente os dados que tiveram algum resultado de frequência. Vemos, por exemplo, a indicação de apenas um caso em que um CA na função de conector de anterioridade gera uma leitura pontual – dado trazido em (87), abaixo:

- (87) *Antes de empezar el sexto round la esquina de Barreto, liderada por el ex púgil Freddy Rojas, **tiró la toalla** luego de una luxación del pulgar derecho del trasandino tras lanzar un golpe.*

Como mencionamos na explicação sobre a função do CA *antes*, trata-se de um contexto em que o CA introduz dois eventos: um que não é realizado e outro que se realiza naturalmente. Em outras palavras, *antes* introduz o evento *empezar el sexto round* como um evento não realizado, pois a finalização de outro evento anterior (a ele) o impede. Nesse sentido, vemos que o *antes* contrafactual contribui para uma leitura pontual, sinalizando um evento finalizado – *tirar* –, que tem como resultado a não realização de um outro evento que depende dele: *empezar*. Vemos, em (88), abaixo, um dado que mostra a relação entre o aspecto terminativo e os CA na função de conectores de posterioridade:

- (88) *Briquemont, que apenas lleva seis meses en el cargo después de haber sustituido al general Philippe Morillon y cuyo mandato debía concluir el próximo mes de julio, **ha tirado la toalla después** de haber manifestado su impotencia y frustración ante las dificultades con que tropieza.*

No dado em questão, vemos que o CA de posterioridade *después* tem a função de indicar a realização de um evento posterior ao evento principal de *tirar la toalla*. Nessa ocorrência, observamos a forma verbal do *antepresente/pretérito perfecto compuesto*, que pode favorecer uma leitura que expressa duração. Contudo, como estamos diante de um predicado totalmente pontual – [-durativo] – que se combina com um CA de posterioridade, obtemos a forma terminativa, já que, conforme explica

García Fernández (2000, p. 313), esse tipo de CA introduz predicados factuais que denotam eventos cuja realização é afirmada. Em outras palavras, os predicados que se combinam com *después* se comportam como eventos concluídos, em que o foco se coloca na parte final do evento, assumindo a forma terminativa.

Abaixo, trazemos o único dado que apresenta a combinação de um CA de duração que contribui para uma leitura durativa:

- (89) *No podían seguirle pagando a los principales jugadores y se desmembraron lentamente hasta que "tiraron la toalla". Perdieron el nivel competitivo y el apoyo económico que llegaron a tener del Ejército Nacional.*

Segundo García Fernández (2000, p. 109), o CA *hasta* pode contribuir para duas leituras: uma durativa e uma de localização pontual. A primeira indica o limite final de um intervalo de tempo; e a segunda, o momento em que o evento se realiza. Interpretamos que, em (89), temos a leitura durativa, já que, o evento denotado por *tiraron*, marcado morfológicamente como perfectivo, parece ser o final do período de tempo em que se desenvolveu a situação marcada por *desmembraron lentamente*.

Observa-se na Tabela 17, apresentada anteriormente, que os CA de fase podem contribuir para uma leitura durativa e pontual, a depender da combinação do predicado com a morfologia verbal. Em (90), vislumbra-se a leitura durativa; e em (91), mais adiante, expressa-se a leitura pontual.

- (90) *No te hagas mala sangre, papá... El destino es imprevisible. No he tirado la toalla todavía. Espera unos meses, a ver... – y Solita terminó el crucigrama que debía entregar aquella misma noche.*

O mais interessante do dado em (90) é fato de que este apresenta dois complementos diferentes que influenciam a leitura aspectual: uma negação, que antecede à forma verbal do *antepresente*, e o CA de fase *todavía*, que a precede. Nesse dado, podemos observar que os dois complementos atuam sobre o predicado: a negação tem a capacidade de reforçar a expressão de duração da situação; e o CA de fase indica uma fase no desenvolvimento do evento, no qual, levando em consideração as características do predicado, parece indicar a prolongação do evento. Verifica-se que o sujeito falante inicia marcando a duração do evento *tirar la toalla*, fazendo uso da negação e combinando-se com a forma verbal canônica utilizada para expressar uma situação que tem seu ponto de

início no passado e que chega até o presente. A informação aspectual, proporcionada pela forma canônica do *antepresente/pretérito perfecto compuesto*, atualiza-se com a informação dada pelo CA *todavía*, que marca o ponto até o qual a ação chega, gerando uma leitura totalmente durativa.

A Tabela 17 mostra, ainda, que os CA de frequência geraram, também, duas leituras diferentes: uma iterativa e outra pontual. A primeira é exemplificada em (91), abaixo, e trata do uso do CA *siempre*, complemento que tem a função de expressar a repetição da ação e influenciar a leitura do Aspecto iterativo. Vemos, então, que o CA em questão reforça a frequência de repetição e a regularidade com que acontece, expressando a atividade de “pagar o pato” como uma situação habitual e iterativa, que recai, repetitivamente, sobre a classe média.

(91) *La Constitución establece que no puede haber privilegios ni discriminación. Siempre la clase media es la que paga los platos rotos.*

(92) *El CAI Zaragoza nunca tiró la toalla en el palacio azulgrana.*

Já em (92), estamos diante do uso do complemento *nunca*, um CA de frequência absoluta que quantifica o Aspecto, tanto sobre eventos como sobre intervalos de tempo. Esse tipo de CA determina o início e o final de uma situação e equivale, no caso exemplificado em (92), a “durante todo o período” no locativo *palacio azulgrana*, tornando obrigatório considerar o princípio e o fim da situação. Além disso, contribui para uma leitura que contempla o evento como um todo, finalizado e localizado no passado, isto é, uma leitura pontual e perfectiva. Isso acontece porque o CA em questão faz com que o evento seja apresentado como o resultado global da situação; e não como o de uma fase específica. Devemos levar em consideração, também, o fato de o predicado se apresentar a forma do *pretérito*, que indica perfectividade e faz com que se favoreça essa leitura pontual.

Por outro lado, os CA de localização, segundo os dados da Tabela 17, podem gerar três tipos de leitura aspectual: contínua, terminativa e inceptiva. As três pertencem à imperfectividade, porém com características bastante distintas entre elas. Vejamos os exemplos:

(93) *¿O es que su corte de aduladores no ha permitido que pasara el fielato de la trituradora la noticia de que el único momento de efímera euforia de los mercados financieros coincidió esta semana con el falso rumor de que usted tiraba la toalla?*

- (94) *Lo peor de todo lo ocurrido esta semana es que Siro García **haya tirado la toalla**. Es alentador, en cambio, que Gómez de Liaño revele hoy que ha decidido seguir melancólicamente adelante.*
- (95) *Pero me resigno. Nada más quedarme solo me concedo un minuto para analizar lo que acaba de suceder. A los treinta segundos tiro la toalla. Soy incapaz de pescar ni una.*

Em (93) e em (94), podemos observar o uso do mesmo CA de localização: *esta semana*, o qual, mais especificamente denominado marco, quando combinado com as formas verbais do *copretérito/pretérito imperfecto* e do *antepresente/pretérito perfecto compuesto* do subjuntivo, contribui com leituras diferentes. Os CA de marco referem-se a um período que inclui o evento verbal, que nos dois dados é o evento de *tirar la toalla*. É comum que este tipo de CA se combine com predicados pontuais atéticos, como é o caso do predicado da CF: *tirar*. Contudo, a diferença das leituras se dá pela combinação do CA com as diferentes formas verbais das ocorrências. Em (93), *esta semana* se combina com o *copretérito/pretérito imperfecto* e sobrepassa os limites do CA, isto é, o CA situa no tempo, unicamente, uma parte do evento, focalizando uma fase interna, um período, gerando, assim, uma leitura própria do aspecto contínuo.

Diferentemente do que foi explicado anteriormente, em (94) o CA *esta semana* se combina com o *antepresente/pretérito perfecto compuesto* do modo subjuntivo, o qual favorece a leitura terminativa por se tratar de uma forma verbal em que se afirma a situação como um todo; e não só uma parte dela, o que acontece em (93). Por essa razão, podemos afirmar que, no dado em (94), o CA tem a função de incluir a parte inicial e final do evento; e não de focalizar somente sua parte interna, que é o que ocorre em (93).

Já em (95), vemos o uso do CA *a los treinta segundos*, que sinaliza o ponto que é início da situação denotada pela CF *tirar la toalla*. Diferentemente do que acontece com o CA dos dados em (93) e (94), estamos diante de um CA de ponto (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2000, p. 118), o qual não se refere a períodos de tempo, mas tem a função de sinalizar, com uma maior precisão, o momento da linha temporal em que se situa o evento. No caso, vemos que o CA situa o evento em seu ponto de início, o que favorece a leitura inceptiva imperfectiva.

A seguir, apresentamos um exemplo dos casos em que foi identificada a negação como influenciando a leitura durativa:

- (96) *Bueno, nuestra siguiente invitada lleva seis meses viuda de su cuarta pareja, pero no ha tirado la toalla y sigue buscando el amor de su vida.*

Como mencionamos em parágrafos anteriores, o CA de negação tem um comportamento que influencia o predicado, tornando-o durativo quando diante de predicados com o traço [-durativo], como é o caso de *tirar*. Consideramos, assim, que a informação dada pela negação é mais forte comparada à informação semântica do verbo, o que favorece a leitura durativa da ocorrência.

Após explicar as diferentes formas em que se relacionaram as variáveis ao longo da análise da CF *Tirar la toalla*, apresentamos, na tabela a seguir, as frequências totais dos aspectos obtidos, que, como mencionado, surgiram a partir da interação das variáveis morfologia verbal, semântica verbal e complementos adverbiais.

Tabela 18 – Frequência de uso na codificação da variável “Categoria Aspecto” (V6) na CF *Tirar la toalla*.

<b>Aspecto verbal</b>	<b>Frequência</b>
Aspecto pontual	30 29,1%
Aspecto durativo	30 29,1%
Aspecto prospectivo	12 11,6%
Aspecto acabado	9 8,7%
Aspecto terminativo	8 8%
Aspecto inceptivo	4 3,9%
Aspecto progressivo	3 2,9%
Aspecto contínuo	1 1%
Aspecto iterativo	1 1%
Casos ambíguos	3 2,9%
Sem aspecto	1 1%
<b>TOTAL</b>	<b>103</b>

	99,2%
--	-------

Como observamos na tabela acima, o aspecto pontual e o aspecto durativo apresentam o mesmo número de ocorrências: cada um com percentual de 29,1%. Esses dois aspectos mais frequentes são seguidos pelos aspectos prospectivo e acabado, que obtiveram os percentuais de 11,6% e 8,7%, respectivamente. A seguir, apresentamos os dados que ilustram as leituras aspectuais mais frequentes:

- (97) *Lalonde, líder de Generación Ecología, **tiró la toalla** al ver sus escasas posibilidades.*
- (98) *Me preguntaste por qué **no tirábamos la toalla** cuando el negro te masacraba en un rincón... que mirabas el rincón y no me encontrabas...*

O dado em (97) permite observar a forma pontual canônica do Aspecto pontual, a qual se caracteriza por apresentar um predicado conjugado na forma do *pretérito/pretérito perfecto simple*, expressando uma ação finalizada da qual podemos ver todas as fases finalizadas. Já em (98), temos um dado que representa a frequência de ocorrência do Aspecto durativo e que apresenta não apenas a negação – que, como discutimos, durativiza os predicados –, como também o verbo principal da CF na forma do *copretérito/pretérito imperfecto*, forma canônica para expressar duração e imperfectividade.

Finalizando a seção dedicada a CF *Tirar la toalla*, apresentamos a tabela final das frequências distribuídas nas leituras perfectivas e imperfectivas:

Tabela 19 – Frequência de uso na leitura aspectual final da CF *Tirar la toalla*.

<b>Leitura aspectual final</b>	<b>Frequência</b>
Aspecto imperfectivo	59 57,28%
Aspecto perfectivo	40 38,83%
Sem aspecto	3 2,91%

A modo de conclusão desta seção, mostramos, acima, a distribuição das frequências finais da CF *Tirar la toalla*. Chegamos nessa última tabela da CF, realizando a somatória da etiqueta correspondente à última variável “Leitura final” (V7), presente na codificação da totalidade

dos dados analisados. Evidencia-se, na Tabela 19, uma preferência pelo uso das formas aspectuais imperfectivas em comparação com as formas perfectivas. Contudo, estas últimas tiveram uma frequência representativa, o que permite considerar que as duas formas são bastante utilizadas por hispanofalantes.

#### 5.4.1.2 Leituras aspectuais de *Poner el grito en el cielo*

A segunda CF em análise é *Poner el grito en el cielo*, a qual teve uma frequência de 183 ocorrências classificadas como construções simples. No que tange à variável semântica verbal, vimos, no Capítulo 4, que o predicado da CF *poner* foi classificado como um verbo de *accomplishment* por apresentar os traços [+durativo], [+dinâmico], [+télico] e [-homogêneo].

Ao olhar para os resultados obtidos no programa estatístico, após codificação e quantificação das 183 ocorrências, observamos que, no que diz respeito à variável “complemento adverbial”, 80,3% das ocorrências não apresentaram nenhum complemento adverbial no contexto de análise. No entanto, observamos algumas frequências de uso de CA, das quais a mais alta foi a dos conectores de simultaneidade, com 6% das ocorrências. O CA menos frequente foi o conector de posterioridade com 1,1%. Não se apresentaram ocorrências com CA de duração, tampouco conectores de anterioridade.

Como sabemos que não há análise aspectual sem a vinculação dos diversos fatores envolvidos, e levando em consideração as variáveis da CF já explicadas – verbo de *accomplishment* e a morfologia verbal descrita na seção 5.3.2 –, apresentamos, a seguir, a Tabela 20, na qual relacionamos a variável “Complemento adverbial” com a leitura aspectual de cada um dos dados.

Tabela 20 – Relação de frequências das variáveis V5 e V6 na CF *Poner el grito en el cielo*

<b>Compl. adverbial</b>	<b>Aspecto</b>	<b>Frequência</b>
Conector de simultaneidade	Aspecto cursivo	3
Conector de simultaneidade	Aspecto durativo	8
Conector de posterioridade	Aspecto terminativo	2
CA de fase	Aspecto durativo	2
CA de frequência	Aspecto iterativo	5



CA de localização	Aspecto acabado	4
CA de localização	Aspecto cursivo	1
CA de localização	Aspecto durativo	1
CA de localização	Aspecto terminativo	1
CA de negação	Aspecto durativo	7
Sem CA	Aspecto acabado	73
Sem CA	Aspecto durativo	43
Sem CA	Aspecto cursivo	14
Sem CA	Aspecto prospectivo	5
Sem CA	Aspecto inceptivo	1

Vemos, acima, que as frequências dos complementos que influenciam as leituras aspectuais são baixas, razão pela qual exemplificaremos as frequências superiores a cinco, a partir das ocorrências de (96) a (98). Posteriormente, ilustraremos com os dados (99) e (100) as frequências aspectuais mais altas, nas quais não foram identificados complementos adverbiais.

- (99) *Mientras los brasileños ponían el grito en el cielo y Piola se levantaba sacudiéndose el polvo, Giuseppe Meazza colocó la pelota en el punto de fusilamiento.*
- (100) *Sin embargo, el entrenador no puso el grito en el cielo por las ausencias y prefirió poner su energía en armar el entramado ofensivo de su equipo.*
- (101) *Los amigos de la señora Edna, la criatura del mordaz Humphries, flagelo de los epígonos de la era victoriana, ponen el grito en el cielo de los Windsor cada vez que el nombre de un vietnamita, libanés, turco, chino, ex yugoslavo, maltés (hay más malteses que en la propia Malta) o chipriota viene a unirse a la lista de los multimillonarios.*

Em (99), vemos que o conector de simultaneidade *mientras*, combinado com a forma verbal do *copretérito/pretérito imperfecto*, assume uma forma durativa que apresenta três eventos como acontecendo ao mesmo tempo: *poner*, *levantar* e *colocar*. Como já vimos, *poner* é, por definição, um predicado durativo que, no caso, se combina com os verbos *colocar* e *levantar*: o primeiro se apresenta na forma do *pretérito/pretérito perfecto simple*, indicando uma ação mais pontual, que finaliza a série de ações em concomitância; o segundo é um predicado que se apresenta no *copretérito/pretérito imperfecto*, que indica duração; e faz parte de uma

perífrase que expressa duratividade. Podemos pensar que *levantar* é um verbo pontual quando apresentado na forma simples, porém a ação que o acompanha em (99) – *sacudiéndose* –, faz com que essa pontualidade do verbo se durativize. Não têm o mesmo significado “se levantar” e “se levantar exercendo alguma outra atividade”, o que faz com o evento de *levantar* apresente uma duração expressiva, estendendo a tempo da ação.

No dado em (100), podemos observar a CF antecedida da negação *no*, que, como já mencionado, tem a propriedade de durativizar os predicados, fazendo com que a forma do pretérito – *puso* – já não assuma a forma aspectual acabada, senão a forma durativa, passando do aspecto perfectivo para o imperfectivo. Por último, em (101), observamos que o CA de frequência *cada vez* desencadeia a leitura iterativa da CF *poner el grito en el cielo*, sinalizando a repetição do evento denotado pelo verbo núcleo.

Apresentamos, adiante, dados das duas leituras aspectuais mais frequentes, identificadas sem a presença de complementos adverbiais:

- (102) *Doña Pacífica puso grito en el cielo y, acompañada de doña Manuelita, irrumpió, frenética, en el despacho del Primer Magistrado, para interrumpirlo en sus lecturas.*
- (103) *La asociación de vecinos de Allende el Río ha puesto el grito en el cielo ante la intención de una empresa de construir el acceso a unas viviendas en un terreno junto al Canal de Castilla.*

O dado em (102) foi interpretado com leitura de aspecto acabado, já que o evento *puso* apresenta a situação pontual e terminada antes do momento da enunciação, favorecendo a leitura perfectiva. Trata-se de um caso em que o verbo se apresenta com a marca morfológica do *pretérito/pretérito perfecto simple*, o qual favorece a leitura perfectiva. Essa consideração, somada ao fato de o contexto não trazer um CA capaz de alterar a leitura aspectual aportada pela soma dos fatores em análise, proporciona uma leitura final perfectiva.

Na ocorrência em (103), por outro lado, a leitura aspectual obtida da CF é a de um evento durativo, imperfectivo, pois apresenta uma situação que se inicia no passado, sugerindo a duração até o momento da fala – interpretação gerada, principalmente, pela função durativa da forma *antepresente/pretérito perfecto compuesto*, cf. Oliveira (2010). Somado a essa função durativa, codificada morfológicamente, podemos considerar que a situação expressa pela CF aparece como uma situação não pontual

– a intenção de construção de uma empresa –, configurando-se como um manifesto da referida associação, o qual se estende diante daquele cenário.

Vemos, assim, que a interação entre os fatores em análise, gera diferentes leituras, cujas frequências totais apresentamos na tabela abaixo:

Tabela 21 – Frequência de uso na codificação da variável “Categoria Aspecto” (V6) na CF *Poner el grito en el cielo*.

<b>Aspecto verbal</b>	<b>Frequência</b>
Aspecto acabado	78 42,6%
Aspecto durativo	61 33,3%
Aspecto cursivo	18 10%
Aspecto prospectivo	5 2,7%
Aspecto iterativo	5 2,7%
Aspecto terminativo	3 1,6%
Aspecto inceptivo	1 0,5%
Aspecto progressivo	0 0%
Aspecto contínuo	0 0%
Aspecto pontual <sup>45</sup>	0 0%
Casos ambíguos	3 1,6%
Sem aspecto	9 5%
<b>TOTAL</b>	183 100%

<sup>45</sup> Como foi explicado na seção 5.1 a respeito das considerações gerais da análise, a CF *Poner el grito en el cielo* não foi analisada, em nenhum caso, como realização de aspecto pontual.

Na Tabela 21, observamos que o aspecto mais frequente foi o aspecto acabado, com 42,6% das ocorrências, seguido do aspecto durativo, que obteve 33,3%. Essas duas frequências foram exemplificadas nos dados apresentados anteriormente em (102) e (103).

Após exemplificar as frequências mais relevantes, passamos, a título de síntese, a apresentar na Tabela 22 os resultados finais das leituras aspectuais da CF *Poner el grito en el cielo*, codificadas a partir da análise exemplificada nos parágrafos anteriores. Recordamos que os resultados da tabela abaixo são a soma das frequências de todos os dados analisados, no que diz respeito à variável “Leitura final”.

Tabela 22 – Frequência de uso na leitura aspectual final da CF *Poner el grito en el cielo*.

<b>Leitura aspectual final</b>	<b>Frequência</b>
Aspecto imperfectivo	93 51%
Aspecto perfectivo	78 42,6%
Sem aspecto	12 6,5%
<b>TOTAL</b>	183 99,93%

A tabela acima mostra certo equilíbrio nos resultados, uma vez que a diferença na frequência entre os dois aspectos sintetizados é relativamente pequena, com percentual um pouco favorecedor à leitura imperfectiva (51%), contra 42,6% da leitura perfectiva. Os dados sinalizam que, no uso da CF *Poner el grito en el cielo*, ambas realizações aspectuais são licenciadas.

#### 5.4.1.3 Leituras aspectuais de *Echar leña al fuego*

Observamos, nos resultados produzidos pelo programa estatístico, que a CF *Echar leña al fuego* é a que menos ocorrências obteve no grupo das construções simples, contando com 33 dados, do total de 101 analisados. Classificamos a CF como contendo um núcleo verbal do tipo *accomplishment*, que possui os traços [+durativo], [+dinâmico], [+télico] e [-homogêneo]. Além disso, foi possível observar que 57,6% dos dados da CF não apresentaram uso de complementos adverbiais e que foram utilizados somente três deles: de localização, negação e um caso de

conector de simultaneidade. A tabela abaixo relaciona as variáveis “Complemento adverbial” e “Categoria aspecto”:

Tabela 23 – Relação de frequências das variáveis V5 e V6 na CF *Echar leña al fuego*.

Compl. adverbial	Aspecto	Frequência
CA de localização	Aspecto terminativo	7
Conector de simultaneidade	Aspecto durativo	1
Sem CA	Aspecto acabado	11
Sem CA	Aspecto cursivo	3
Sem CA	Aspecto durativo	4

Vemos, acima, que há uma frequência de ocorrência mais alta do Aspecto acabado sem a presença de complementos adverbiais, no contexto, capazes de influenciar determinada leitura aspectual. Os dados abaixo ilustram as relações e frequências apresentadas na tabela anterior:

- (104) *El pasado martes, el ex presidente González **echó más leña al fuego** de la polémica, al reprochar al Gobierno del PP que en tan sólo cuatro meses de gestión haya creado problemas a la Monarquía.*
- (105) *Por eso aparecen ayudantes de Roberto Madrazo involucrados y quizá surgirán otros personajes que inconformes **echan más leña al fuego**.*
- (106) *Dio grandes golpes a la puerta de la casa, mas, viendo que no respondían, quiso derribarlas, a tiempo que, aunque compasivos, los vecinos **echaron leña al fuego** de su desconsuelo.*

Em (104), podemos observar a presença do CA de localização *el pasado martes*, o qual atua, sobre o evento denotado pela CF, apresentando a situação em seu momento de término e favorece uma leitura terminativa e imperfectiva. Segundo García Fernández (2000, p. 91), o CA *el pasado martes* é um complemento de localização – mais especificamente, de marco –, que influencia fazendo com que o predicado assumia a forma do Aspecto terminativo. Isso acontece porque o foco da situação é colocado na parte final, ou seja, cumpre-se a função de localizar o evento na fase final que, conforme o autor, seria a terça-feira, localizada à esquerda do momento da enunciação. Temos, portanto, uma leitura pertencente à variedade do Imperfectivo, pois vemos somente a parte final da situação e não a totalidade do evento.

Já no dado em (105), observamos um contexto em que a situação de *Echar leña al fuego* é apresentada no *presente* do indicativo juntamente com outro predicado na mesma forma – *aparecen* – e um outro verbo mais próximo conjugado na flexão do *futuro*: *surgirán*. Essas três formas denotam uma imperfectividade dependente de uma duração expressiva dos próprios verbos. Tais informações, que levam a uma leitura imperfectiva, são reforçadas pelo fato de que o dado apresenta um sujeito sintático no plural, que corrobora com a não pontualidade da situação.

Na ocorrência em (106) temos uma situação em que o verbo núcleo da CF é apresentado no *pretérito/pretérito perfecto simples*, uma forma que, por natureza, expressa perfectividade. Vemos que a morfologia do verbo favorece a leitura de aspecto acabado, a qual vê reforçada pelo contexto narrativo em que se apresenta a situação, pois podemos visualizar, no começo da ocorrência, o verbo *dar* conjugado também na forma do *pretérito – dio –*, indicando uma situação em que se insere a CF.

A distribuição das frequências das diferentes leituras aspectuais geradas na análise CF *Echar leña al fuego* é a seguinte:

Tabela 24 – Frequência de uso na codificação da variável “Categoria Aspecto” (V6) na CF *Echar leña al fuego*.

<b>Aspecto verbal</b>	<b>Frequência</b>
Aspecto durativo	11 33,3%
Aspecto acabado	11 33,3%
Aspecto terminativo	7 21,2%
Aspecto cursivo	3 9,1%
Sem aspecto	1 3%
<b>TOTAL</b>	33 100%

Os dados acima permitem observar um ponto: na CF *Echar leña al fuego*, a preferência no uso dos aspectos durativo e terminativo se dá de modo igualitário. Cada uma dessas leituras aspectuais apresenta uma frequência de 33,3% no total dos dados analisados. Vemos, assim, que na pouca frequência de ocorrência identificada na CF *Echar leña al fuego* foram obtidas leituras tanto perfectivas como imperfectivas, com

tendência de uso mais alta à leitura imperfectiva, conforme a seguinte tabela:

Tabela 25 – Frequência de uso na leitura aspectual final da CF *Echar leña al fuego*.

<b>Leitura aspectual final</b>	<b>Frequência</b>
Aspecto imperfectivo	21 63,6%
Aspecto perfectivo	11 33,3%
Sem aspecto	1 3%
<b>TOTAL</b>	33 100%

Observamos, acima, que o Aspecto imperfectivo é o uso mais frequente na CF *Echar leña al fuego*, com 63,6% e 21 ocorrências; enquanto a leitura perfectiva obteve o 33,3% e 11 ocorrências. Esses resultados vislumbram uma tendência ao uso da CF nas formas imperfectivas. Contudo, devemos observar também que, embora com uma frequência mais baixa, os hispanofalantes também utilizam as formas perfectivas no momento de empregar a CF em seu discurso. A consideração anterior significa que ambas as leituras são possíveis, isto é, as duas são licenciadas pela Construção Fraseológica.

#### 5.4.1.4 Leituras aspectuais de *Hablar por los codos*

Da CF *Hablar por los codos*, examinamos um total de 84 ocorrências, das quais 55 foram classificadas como construções simples e analisadas no que tange à variável aspectual. Como sinalizamos no Capítulo 4, o verbo núcleo da CF – *hablar* – foi classificado como um verbo de atividade, caracterizado pelos traços [+durativo], [+dinâmico], [-télico] e [+homogêneo].

Verificamos, em nossa análise e na codificação dos dados, que, igualmente ao que acontece com a CF *Echar leña al fuego*, a maior parte das ocorrências não apresenta o uso de complementos temporais, o que significa que a análise da leitura aspectual decorre da consideração dos fatores “semântica verbal”, “morfologia expressa” e outros elementos presentes no contexto do dado. No entanto, encontramos algumas ocorrências em que se apresentam alguns CA, os quais, somados à análise das flexões morfológicas, geraram determinadas leituras aspectuais.

Apresentamos a tabela abaixo, que contém a distribuição das frequências na relação das variáveis “Complementos adverbiais” e “Categoria aspecto”:

Tabela 26 – Relação de frequências das variáveis V5 e V6 na CF *Hablar por los codos*.

<b>Compl. adverbial</b>	<b>Aspecto</b>	<b>Frequência</b>
Conector de posterioridade	Aspecto terminativo	1
Conector de simultaneidade	Aspecto durativo	2
CA de frequência	Aspecto iterativo	3
CA de localização	Aspecto terminativo	4
CA de negação	Aspecto durativo	1
Sem CA	Aspecto acabado	7
Sem CA	Aspecto cursivo	11
Sem CA	Aspecto durativo	22
Sem CA	Aspecto prospectivo	1

Vemos, na Tabela 26, o uso de 5 complementos adverbiais, dos quais o mais frequente é o CA de localização, com 4 ocorrências: 7,3%; seguido dos CA de frequência, com 5,4% e 3 ocorrências. Confirmamos que, das 55 ocorrências totais, 44 não apresentaram complementos adverbiais no contexto, o que corresponde a 80% das ocorrências e evidenciaria uma tendência ao não uso de complementos com esse tipo de CFs. Abaixo, quantificamos as frequências aspectuais encontradas:

Tabela 27 – Frequência de uso na codificação da variável “Categoria Aspecto” (V6) na CF *Hablar por los codos*.

<b>Aspecto verbal</b>	<b>Frequência</b>
Aspecto durativo	25 45,4%
Aspecto cursivo	11 20%
Aspecto prospectivo	1 2%
Aspecto acabado	7 12,7%
Aspecto terminativo	5



	9,1%
Aspecto iterativo	3 5,4%
Sem aspecto	3 5,4%
<b>TOTAL</b>	55 100%

A Tabela 27 mostra a distribuição das frequências das leituras aspectuais, realizadas a partir das 55 construções simples de *Hablar por los codos*. Constata-se uma tendência ao uso do aspecto durativo, justificada, talvez, pelo fato de que se trata de um predicado de atividade que possui uma duração expressiva clara. A leitura durativa obteve 45,4% da frequência total, seguida da leitura cursiva, com 20% – duas leituras muito próximas, cujos limites, em algumas ocasiões, não são claros. Consideremos os dados que ilustram os resultados das Tabelas 26 e 27:

- (107) *Unas veces sólo se queda una hora; otras, más: **habla por los codos** de sí mismo, de sus negocios, de sus aspiraciones políticas y, últimamente, de su hijo, con el que está muy ilusionado.*
- (108) *Un mequetrefe que **hablaba por los codos** y hacía juegos de manos.*
- (109) *Es decir: instalarse en la incertidumbre y comprender el mundo sin que lo teórico llegue a anular lo vivencial. Morin **habla por los codos**. Le pregunto si cree que esta crisis de ahora es también una crisis de transmisión del conocimiento. Y, mientras se zampa unas angulas, nos recuerda que en la Grecia clásica la enseñanza corría pareja con el amor en su más noble sentido.*

No exemplo em (107), observamos o uso do CA de localização *últimamente* – mais especificamente, um CA de marco –, que favorece a leitura terminativa ao se referir a um período que inclui o evento de *hablar por los codos*. Como mencionamos em seções anteriores, García Fernández (2000, p. 90) classifica o CA *últimamente* como um complemento adverbial de localização de marco ou intervalo, que se refere a um período que inclui o evento verbal, favorecendo a leitura terminativa ao colocar o foco na fase final do evento – no caso, na fase final que indica o momento em que o sujeito *habla por los codos*. Cabe sinalizar, também, que o fato de que se trata de uma leitura terminativa implica que estamos diante de uma variedade do *imperfecto*, que tem uma

duração expressiva, a qual se apoia na ideia de que o verbo núcleo está conjugado no *presente* e se trata de um verbo de atividade.

Os exemplos em (108) e (109) ilustram foram classificados como aspectos durativo e cursivo, respectivamente. Em (108), temos o predicado *hablar* no *copretérito/pretérito imperfecto*, que expressa, por si mesmo, uma duração característica, tanto da flexão verbal como do predicado. Contudo, a situação coloca o foco na parte interna do evento, não sendo possível saber se se trata de um evento finalizado ou não. Podemos afirmar, somente, que possui uma duração.

Em (109), por outro lado, temos um evento que está em curso, acontecendo no contexto de uma descrição de uma personagem no decorrer de uma entrevista que acontece durante uma comida. Temos, assim, um evento durativo em curso, leitura que se reafirma na flexão verbal do *presente*.

Vislumbra-se, a partir dos dados e dos exemplos anteriores, que as duas leituras aspectuais mais frequentes no uso da CF *Hablar por los codos* pertencem à imperfectividade. Isso acontece, provavelmente, porque se trata de um verbo de atividade que, tendo os traços [+ durativo] e [+ dinâmico], constitui um exemplo clássico da leitura imperfectiva. Trazemos, na tabela a seguir, a distribuição das frequências de nossa leitura final:

Tabela 28 – Frequência de uso na leitura aspectual final da CF *Hablar por los codos*.

<b>Leitura aspectual final</b>	<b>Frequência</b>
Aspecto imperfectivo	47 85,5%
Aspecto perfectivo	5 9,1%
Sem aspecto	3 5,4%
<b>TOTAL</b>	55 100%

Observamos, portanto, que há uma significativa preferência, por parte dos hispanofalantes, pelo uso das formas aspectuais do imperfectivo. A tabela acima mostra que 85,5% do total das ocorrências analisadas apresentou a leitura imperfectiva. Podemos vislumbrar, também, uma reduzida frequência no que concerne ao uso das formas do perfectivo, que foi identificado em apenas 9,1% dos dados. Esses resultados podem decorrer do fato já mencionado em parágrafos

anteriores: estamos diante de um predicado de atividade que tem uma expressão de duração bastante forte, além de ser dinâmico, não possuir telicidade, e, ainda, ser totalmente homogêneo. Embora esteja acompanhado de elementos que indicam perfectividade, como CA pontuais e a flexão do *pretérito/pretérito perfecto simple*, ele não perde a duração, tampouco a possibilidade de que seja possível observar cada uma das fases envolvidas na ação de *hablar*.

#### 5.4.1.5 Leituras aspectuais de *Pagar los platos rotos*

Nossa última CF da amostra é a CF *Pagar los platos rotos*, com 90 ocorrências analisadas, das quais 51 se constituem de construções simples, considerando a análise da leitura aspectual realizada. Como primeira parte da análise, identificados os traços do verbo núcleo da CF – *pagar* –, sendo [+durativo], [+dinâmico], [-télico] e [+homogêneo], correspondendo a verbos do tipo atividade. Nos contextos de análise, não foi comum o uso de complementos adverbiais. Vimos que somente 18% das ocorrências apresentaram o uso de CA, principalmente os CA de frequência.

Apresentamos, abaixo, a relação de duas de nossas variáveis em análise, já que, como sabemos, somente nessa relação entre os fatores é que podemos assumir uma determinada leitura:

Tabela 29 – Relação de frequências das variáveis V5 e V6 na CF *Pagar los platos rotos*.

<b>Compl. adverbial</b>	<b>Aspecto</b>	<b>Frequência</b>
Conector de posterioridade	Aspecto terminativo	1
Conector de simultaneidade	Aspecto durativo	2
CA de duração	Aspecto durativo	1
CA de frequência	Aspecto iterativo	5
CA de negação	Aspecto durativo	1
Sem CA	Aspecto acabado	12
Sem CA	Aspecto cursivo	5
Sem CA	Aspecto durativo	5
Sem CA	Aspecto prospectivo	2

Observamos, na tabela, que o uso dos CA de frequência proporcionou, em 5 casos, uma leitura iterativa; porém, foi o Aspecto acabado, sem influência de CA, que obteve maior frequência: 22,6% das ocorrências. Podemos observar, também, que o Aspecto durativo foi gerado em 4 situações, três delas com complementos adverbiais – de duração, de negação e simultaneidade; e uma sem a presença de complementos. Passamos a ilustrar, abaixo, os dados da tabela em questão, lembrando que as leituras geradas são o resultado da interação entre todas as variáveis em análise:

- (110) *Y ahora, claro, quien **paga los platos rotos** otra vez somos los de a verdad, no es justo.*
- (111) *Abelardo Morales, director de Serfin, **pagó los platos rotos**. Se le **removió** en febrero, supuestamente porque administraba el grupo sin apego a normas bancarias.*

No dado em (110), vemos o CA de frequência *otra vez* atuando diretamente sobre o predicado da CF e favorecendo a leitura do Aspecto iterativo: marca repetição ao expressar uma situação que já ocorreu antes e que tem lugar em um número determinado de vezes. Devemos levar em consideração que o CA se soma ao fato de que o predicado do verbo se apresenta na forma verbal do *presente* do indicativo, que expressa uma situação imperfectiva. Esses dois fatores, somados à semântica do verbo, identificada como de mais duração e dinamicidade, reforça a leitura imperfectiva.

Já na ocorrência em (111), estamos diante do aspecto acabado, o qual apresenta a situação de *pagar* como um evento terminado e concluído no passado, tendo o ponto da enunciação após seu momento de término. A interpretação em questão decorre não apenas da flexão do verbo – conjugado na forma do *pretérito/pretérito perfecto simple* –, como também de que, à CF, segue a apresentação de uma situação igualmente acabada – *removió* –, a qual está acompanhada de um CA de localização que mede a distância temporal entre o início e o final da situação, permitindo visualizar o evento de *pagar* dentro de um todo, englobado em um contexto perfectivo.

Vemos, assim, que a análise da CF *Pagar los platos rotos* foi atrelada aos fatores de tal forma que se identificaram seis leituras diferentes, quantificadas na Tabela 30, adiante. Vale mencionar, ainda, que esta CF foi a que obteve um número considerável de ocorrências que

não apresentaram leitura aspectual: 35,8%, a maior frequência observada na CF.

Tabela 30 – Frequência de uso na codificação da variável “Categoria Aspecto” (V6) na CF *Pagar los platos rotos*.

<b>Aspecto verbal</b>	<b>Frequência</b>
Aspecto durativo	9 17%
Aspecto cursivo	5 9,4%
Aspecto acabado	12 22,6%
Aspecto terminativo	1 1,9%
Aspecto prospectivo	2 3,8%
Aspecto iterativo	5 9,4%
Sem aspecto	19 35,8%
<b>TOTAL</b>	53 100%

No agrupamento das leituras feitas em cada uma das ocorrências, é possível obter as frequências das duas grandes leituras aspectuais: a perfectiva e a imperfectiva. A distribuição dessas frequências é a seguinte:

Tabela 31 – Frequência de uso na leitura aspectual final da CF *Pagar los platos rotos*.

<b>Leitura aspectual final</b>	<b>Frequência</b>
Aspecto imperfectivo	25 47,1%
Aspecto perfectivo	9 17%
Sem aspecto	19 36%
<b>TOTAL</b>	53 100%

Vemos, acima, que na CF *Pagar los platos rotos* há uma significativa preferência pelo uso do Aspecto imperfectivo, o qual obteve

47,1%. O Aspecto perfectivo representa apenas 17% dos dados, deixando 35,8% para as ocorrências que não apresentaram atualização de aspecto no contexto. A simples confrontação dos dados indica que, na CF *Pagar los platos rotos*, são licenciadas as duas leituras aspectuais, tanto a imperfectiva como a perfectiva.

Na próxima seção, passamos a explicar o caso das ambiguidades encontradas ao longo da análise como também, explicamos as ocorrências que não geraram nenhuma leitura aspectual.

#### 5.4.2 Os casos de ambiguidade

Considerando que a leitura aspectual está vinculada a vários fatores – entre eles, o contexto –, é comum encontrar, entre os dados analisados, casos de ambiguidade em que é possível identificar mais de um aspecto. Trata-se de casos em que a leitura se desliza entre dois aspectos de características próximas. Devido à importância desses dados, julgamos pertinente começar esta seção com a discussão dessas ocorrências para, então, apresentar, em breves parágrafos, os casos em que não foi identificada uma leitura aspectual.

Assim, começamos apresentando a tabela abaixo, que contém as frequências gerais da ambiguidade, identificada no total dos 425 dados classificados como pertencentes ao grupo das construções simples:

Tabela 32 – Frequência de ambiguidade nas cinco CF analisadas.

<b>Construção fraseológica</b>	<b>Frequência da ambiguidade</b>
<i>Tirar la toalla</i>	3
<i>Poner el grito en el cielo</i>	3
<b>TOTAL</b>	6

Vemos, acima, que o número de casos que apresentaram uma leitura codificada como ambígua foi de 6 ocorrências, distribuídas em duas das cinco CFs em análise. Contudo, esclarecemos que nem todas as ocorrências que apresentaram dificuldade na interpretação, ou certa ambiguidade, foram codificadas, já que em muitos dos casos optou-se pela classificação. Estamos fazendo referência aos dados nos quais, embora coincidam leituras possíveis, a soma de fatores considerados dava maior força a uma leitura que à outra. É o caso do seguinte dado:

- (110) *Así consta en el informe Church. El director de la CIA insistió en que las "declaraciones marxistas" de Allende debían ser entendidas literalmente y el director adjunto Karamessines dijo que [[si*

*Estados Unidos no intervenía a fondo] [se interpretaría] ["como que **tiró la toalla**". ]] Obviamente, se aprobó el plan de la CIA.*

Temos, em (110), um uso não claro da CF *Tirar la toalla*, pois ela está colocada entre colchetes e entre aspas. A CF em questão está conjugada na forma do *pretérito/pretérito perfecto simples*, indicando uma primeira leitura dentro da perfectividade. Contudo, essa primeira leitura é questionada quando olhamos para os elementos em torno da CF, pois encontramos, não apenas os sinais mencionados anteriormente, como também a relação entre o evento denotado por *interpretar* e o expresso por *tirar*. Nesse sentido, vemos que a CF se localiza à esquerda do evento a ser realizado, tanto no que diz respeito ao evento em *interpretar* como a *intervenir*. Se, de fato, os Estados Unidos jogaram a toalha, esse evento pode ter acontecido antes da realização do verbo *intervenir*. Essa análise leva a pensar que é possível ter a leitura prospectiva, já que se fala de uma ação da qual não temos a certeza sobre sua realização. Por essa razão, o dado foi codificado como prospectivo; porém, também vemos a possibilidade de um caso que assume uma leitura pontual, podendo ser interpretado como uma situação em que o evento se apresenta como finalizado.

Após essa consideração, passamos a ilustrar os dados que apresentaram ambiguidade na análise:

- (111) *Ricardo Jerez (PDP) propuso reimplantar la Subinspección de Tráfico, aumentar la plantilla de la Policía Municipal, realizar una campaña de educación vial en televisión y, dentro de la ORA, dar bonos a los trabajadores y dejar aparcar gratis los primeros 15 minutos. Francisco Herrera (IU) afirmó que el Ayuntamiento "**ha tirado la toalla** en el tema de la ORA" y defendió la congelación durante dos años de las tarifas de la EMT y del metro.*
- (112) *Nos habíamos conocido en su campo, me tocaba jugar ahí, en campo adversario. Y una de dos: o bien **tiraba la toalla**, o bien tenía que contar con tan desventajoso detalle. Y saber que en ese campo, el reino por excelencia de la mujer objeto, ella llevaba, en principio, las de ganar.*
- (113) *En Estados Unidos, los jefes del Congreso, los columnistas y muchos ciudadanos de a pie abogan por un escarmiento rotundo a Irak, mientras que en Europa predomina todavía la escuela franco-rusa de continuar buscando una salida negociada, a pesar de que Kofi Annan **ha tirado la toalla** tras los oídos sordos de Bagdad a su enviado especial, Lakhdar Brahimi.*

- (114) *Hasta cierto punto. Ahora estamos grabando un segundo elepé y, si este disco no funciona, tiro la toalla. Es decir, me plantearía un proyecto más asequible y más casero, en lugar de tan internacional.*

Em (111), observamos uma ambiguidade que se dá entre dois aspectos que geram a leitura perfectiva: os aspectos acabado e pontual. A situação apresentada pela CF *Tirar la toalla* aparece conjugada no *antepretérito/pretérito perfecto compuesto* e parece expressar uma situação que é apresentada após seu momento de término, totalmente concluída, que é resultado de mais de um evento. Melhor explicitando, a CF denota o resultado acabado com relação aos eventos compreendidos por *ORA*, elemento que parece conter dois eventos: o que é denotado por *dar bonos para los trabajadores*; e o que é expresso por *dejar* estacionar de graça. Desse modo, vemos que o predicado da CF *tirar* tem escopo sobre os dois eventos mencionados – *dar* e *dejar*. Isso significa que não estamos diante do resultado de um único evento, senão de dois, o que gera uma leitura resultativa ou acabada. Contudo, essa separação de eventos – *dejar* e *dar* –, poderia ser interpretada também como uma única situação, se for considerado que o evento denotado por *tirar* é uma única situação da qual se apresenta o resultado de “desistir”. Nesse contexto, seria assumida a forma do Aspecto pontual.

No dado em (112), parece que a CF se apresenta em um contexto no qual o foco é a modalidade, e não a aspectualidade. No que tange à leitura modal, a CF está inserida em um contexto de possibilidade, ou seja, apresenta-se como uma das alternativas a uma situação determinada. Em suma, a CF não parece estar em um contexto em que se descreve uma ação, senão uma possibilidade diante de uma situação. No que concerne à possibilidade de uma leitura aspectual prospectiva, a construção fraseológica poderia ser interpretada como um evento projetado para o futuro, tendo forte relação com o momento da fala.

O dado em (113) também está relacionado com a discussão anterior, já que apresenta uma situação em que a CF pode ser igualmente interpretada como acabada ou pontual. Podemos pensar que *Kofi Annan ha tirado la toalla* é uma situação que é apresentada após seu momento de término e, assim, estaríamos diante de uma situação concluída, favorecendo uma leitura de aspecto acabado. A outra possibilidade é a de interpretar o dado em questão como um único resultado de uma ação, de um único evento, isto é: *ha tirado la toalla* é o resultado de uma luta dentro de um conflito, o que gera uma leitura pontual. Em qualquer das duas interpretações, estamos falando de um evento perfectivo na forma



do *antepresente/pretérito perfecto compuesto*, ou seja, vemos uma ação finalizada e localizada no passado, sem relevância no presente – portanto, perfectiva.

Seguindo a sequência de ocorrências, passamos ao exemplo em (114), o qual faz parte dos dados que foram quantificados como tendo uma leitura aspectual, mas que trazemos, à discussão, por serem dados que podem apresentar outra leitura ou podem ficar de fora das leituras aspectuais. Vemos, no dado em questão, a presença de três fatores para os quais devemos olhar no momento de análise: primeiramente, a CF está na forma verbal do *presente* do indicativo, o que já indica que ela pode se referir a várias leituras. Há, também, a presença de negação e o uso do condicional *si*. Estes dois elementos estão diretamente relacionados com a interpretação da CF: a presença do condicional juntamente com a negação atrela a interpretação à futuridade, ou seja, vemos que o evento denotado pela CF somente se realizará no momento em que se concretize o evento denotado por *funcionar*, o qual se apresenta, ainda, como uma possibilidade no futuro. Essa interpretação permite pensar que se trata de uma situação em que é possível ter a mesma leitura do dado em (112), em que a noção de futuridade expressa uma leitura prospectiva. No entanto, também seria possível considerar que, por se tratar de uma situação no futuro – ficando, então, no âmbito da possibilidade e da hipótese –, o dado não apresenta uma leitura aspectual. Após considerar essas possibilidades, pareceu-nos mais apropriada a primeira interpretação, então codificamos o dado como favorecendo à leitura prospectiva.

Agora, exemplificamos casos que geraram ambiguidade na CF *Poner el grito en el cielo*, a partir das seguintes ocorrências:

- (115) *Yo trato de transmitir en forma absolutamente transparente lo que era normal en la Aduana; el tema de los informantes por ejemplo, **que se puso tanto el grito en el cielo** por eso... los informantes toda la vida existieron en la Aduana, los utilizaron todos, la policía, el ejército, todos...*
- (116) *En una época, el agua llegaba hasta el interior de las casas del pueblo y todo el mundo se quedaba en el molde, tomando el fenómeno como una causa natural de la zona. Ahora, ven un poco de líquido en las calles y ya ponen el grito en el cielo.*
- (117) *Así las cosas y para destrabar este caso, la CFC aceptó nombrar a un perito mexicano y notificará su decisión a Iusacell en esta misma semana, que desde luego pondrá el grito en el cielo, porque Harris no había sido objetado hace un año por las autoridades.*

- (118) *Hay una necesidad casi diaria de desfogarse en algo o en alguien. Basta una disculpa mínima, insignificante, un vaso de agua que se cae sobre el pantalón de un compañero, para que éste ponga su grito en el cielo. Las relaciones se degradan, uno deja de hablarle al otro por unos días.*

Em (115), vemos a presença de do advérbio *tanto* que, por ser ambíguo, desencadeia a ambiguidade da CF. O dado em questão pode gerar tanto a leitura iterativa como uma leitura mais no âmbito da modalidade. Vemos, assim, a possibilidade de interpretá-lo como iterativo se tomarmos *tanto* como um CA de frequência que indica repetitividade, isto é, que o *grito* foi colocado no céu várias vezes por um determinado período de tempo. Ao mesmo tempo, podemos pensá-lo como advérbio de intensidade, que se refere à força com que o grito foi colocado, não gerando uma leitura aspectual, propriamente. Essa ambiguidade se mostrou muito marcada, razão pela qual não codificamos o dado como iterativo.

O dado em (116) apresenta uma ambiguidade entre uma interpretação de Aspecto acabado e uma leitura de Aspecto cursivo, ou seja, o dado se desliza entre a perfectividade e a imperfectividade. Vemos que a CF é antecedida pelo CA de fase *ya*. Como pudemos analisar, esse tipo de CA favorece uma leitura no sentido de fazer referência a um momento sucessivo ao momento em que se desenvolve o evento verbal. A característica desse tipo de advérbio é a de marcar a transição do evento ao seu resultado, gerando uma leitura correspondente ao Aspecto resultativo ou pontual. Contudo, levando em consideração a semântica do predicado – *poner* –, não é possível chegar a uma leitura totalmente resultativa ou pontual, já que, embora o CA modifique a duração do evento, este não faz com que essa duração seja anulada, ou seja, o evento não vai perder o traço de duratividade. O que ocorre, em nossa interpretação, é que essa duração do evento é reduzida pelo complemento, mas nunca anulada. Somada a essas considerações, a forma verbal do *presente* no predicado da CF, bem como olhando para o contexto, observamos a presença de *ahora*, um CA que parece atualizar a informação aspectual da construção fraseológica, proporcionando a noção de que o evento acontece no tempo atual, isto é, parece favorecer uma leitura mais cursiva ao indicar uma situação em curso.

Passando ao exemplo em (117), vemos que a CF está antecedida pela locução advérbial *desde luego*, a qual expressa uma ideia de certeza e segurança sobre aquilo o verbo *poner* que denota. Trata-se de um fato

que, na presença dessa locução, não pode ser colocado em dúvida, já que o complemento *desde luego* se refere a iminente realização do evento, indicando que não há como acontecer algo durante que impeça a realização do evento de *poner el grito en el cielo*. Por essa razão, codificamos o dado como tendo uma leitura inceptiva e o trouxemos, para essa discussão, por representar tal característica da inceptividade. No entanto, o contexto de futuridade, indicado pela morfologia verbal – *pondrá* –, parece deixar em aberto a expressão de um evento que pode não acontecer, o que permitiria considerar o dado em questão em uma leitura prospectiva.

Temos, por último, o dado em (118), que apresenta uma leitura ambígua ao se deslizar entre dois aspectos muito próximos: o Aspecto durativo e o Aspecto cursivo. Observa-se que o evento denotado por *poner el grito en el cielo* se apresenta na forma verbal do *presente* do subjuntivo, a qual, em princípio, bloqueia qualquer leitura aspectual. Contudo, o modo como o dado se apresenta favorece uma interpretação de que a situação está em curso, pois temos uma narração sobre o que acontece durante uma viagem de avião, que não sabemos se está localizada no passado ou no presente. Não há, no contexto, elementos capazes de proporcionar ferramentas que favoreçam uma leitura ou outra.

Das outras três CFs analisadas, apenas *Echar leña ao fuego* traz caso de ambiguidade, registrada em somente 1 ocorrência, apresentada a seguir:

- (119) *En este período electoral con tanta tensión, con problemas que empiezan a acumularse -me cuentan- en varias organizaciones musicales, no voy a ser yo esta semana quien **eche más leña al fuego**.*

No dado em (119), a ambiguidade está na possibilidade de se interpretar a CF como gerando uma leitura durativa ou terminativa. Quando vemos os elementos do contexto, observamos que há dois CA que parecem ter uma influência sobre o predicado: o CA de negação *no* e do CA de localização *esta semana*. O último está mais próximo da CF e localiza o evento na linha temporal, fazendo com que a situação assuma uma leitura terminativa. Não obstante, observamos, também, a presença da negação no início da sentença, que parece atuar sobre a CF, porque, ainda que esteja um pouco mais distante no que diz respeito à estrutura, é precedida da perífrase de futuro *voy a ser yo*. Por esse motivo, codificamos o dado como tendo uma leitura durativa, já que consideramos

que a negação tem mais força aspectual comparada ao CA de localização e tem, ainda, a habilidade de durativizar os predicados.

Finalizamos, assim, a seção dedicada às leituras ambíguas e passamos a apresentar, adiante, nossas perguntas de pesquisa, no que tange à leitura aspectual.

### 5.4.3 Respondendo às perguntas

Reproduzimos, a seguir, as questões já apresentadas na introdução deste estudo concernentes ao Aspecto verbal, respondendo-as:

- (i) A propriedade de fixação estabelece níveis de cristalização em determinadas CFs. No entanto, a teoria fraseológica não dá conta da categoria do Aspecto verbal. Considerando que o Aspecto verbal é uma categoria que depende de vários fatores – como, por exemplo, a semântica do predicado verbal e os complementos adverbiais, levados em consideração nesta pesquisa –, em que medida é possível pensar que existe um determinado Aspecto verbal (fixo) no uso das cinco CFs da amostra?

**Resposta** – Considerando a análise e a discussão feita ao longo desta dissertação, podemos afirmar que, no que diz respeito à aspectualidade, não há um Aspecto verbal fixo que determine o uso das Construções Fraseológicas no espanhol. Vimos que há uma tendência significativa ao uso do Imperfectivo, identificado em 246 dos 425 dados analisados como construções simples, o que corresponde a 57,3%. Contudo, vimos, também, que o Aspecto Perfectivo se apresentou em 144 dados, correspondentes a 33,8%. Podemos afirmar, nessa direção, que a aspectualidade não está muito avançada no caminho em direção à cristalização, como é o caso da cristalização semântica. Podemos considerar, ainda, que há preferência pelo uso do Imperfectivo em comparação com o uso do Perfectivo, no que diz respeito às escolhas de hispanofalantes.

- (ii) Considerando que tanto o Tempo como o Aspecto são manifestações cognitivas, nas quais expressamos e codificamos nossa experiência, é possível pensar que a presença de variações temporais e aspectuais é totalmente livre? Ou existe um limite de variações?

**Resposta** – No que tange ao Aspecto, considerando nossos resultados de análise após codificação dos dados, vemos que se trata de uma categoria que é totalmente livre e que não apresenta limites no uso. Além disso, vimos que foram identificados exemplos de todos os aspectos resenhados na seção 3.2.2, demonstrando que não há um limite aspectual para o uso das CFs analisadas, ou seja, as duas grandes leituras aspectuais são licenciadas pelas cinco CF examinadas neste estudo linguístico.

- (iii) Levando em consideração que as CFs são um tipo de expressão presente no discurso cotidiano dos falantes, em que medida a frequência de uso contribui para a variação das CFs, no que concerne ao Tempo e ao Aspecto verbal?

**Resposta** – Ao longo de nossa análise, observamos a variação das CFs em termos de frequência de uso, o que gerou resultados que evidenciam que quanto mais alta for a frequência de uso de determinada CF, mais alta será sua variação aspectual. Vimos, por exemplo, que a CF que obteve maior frequência de ocorrências, no grupo das construções simples, foi *Poner el grito en el cielo*, com 183 dados. Desses 183 dados, verificamos variação nos dois grandes aspectos verbais – Imperfectivo e Perfectivo –, tendo uma distribuição de 93 ocorrências para o primeiro e 78 para o segundo. Os dados demonstraram variação significativa em todos os casos e houve ocorrências em que não foi possível identificar um aspecto verbal. Isso significa que quando há frequência de ocorrência de uma determinada CF, também há variação aspectual, estabelecendo uma relação direta entre variação e frequência de uso.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse principal, nesta pesquisa, foi analisar as variações no Tempo e o Aspecto verbais nas Construções Fraseológicas do espanhol, olhando o fenômeno a partir de sua frequência de uso em dois *corpora* desse idioma. Para tanto, nossa primeira tarefa consistiu na elaboração de uma amostra de cinco CFs que representasse a língua espanhola. Nesse sentido, utilizamos dois livros que recolhem algumas das CFs mais empregadas em duas variedades representativas do espanhol: *Colombianadas. Colombian English Dictionary*, para a região andina; e *Hablar por los codos. Frases para un español cotidiano*, para a região peninsular.

No primeiro capítulo posterior à introdução, apresentamos uma contextualização do objeto linguístico analisado considerando estudos em Fraseologia direcionados ao espanhol, cuja disciplina é considerada um ramo da Linguística que se dedica, unicamente, à análise desse fenômeno, o qual tem sido estudado mais frequentemente a partir do viés semântico e tradutório, e menos no âmbito gramatical. Exploramos, nesse capítulo, as propriedades e critérios por meio dos quais são identificadas esse tipo de construções e de que modo elas são caracterizadas como construções essencialmente fixas, as quais não podem variar muito no uso, pois tal variação pode significar perda de significado. Contudo, também vimos que, no diz respeito à morfologia e alguns detalhes do léxico, elas podem apresentar uma série de variantes que também são consideradas fixas.

No Capítulo 3, discutimos as questões teóricas envolvidas em nossa análise e vimos que o fenômeno fraseológico tem sido bastante controverso, pelo fato de representar um desafio para quem decide tomá-lo como objeto de estudo a partir de qualquer perspectiva. Isso se dá porque tal fenômeno da língua parece ter um comportamento arbitrário, razão pela qual esteve de fora de análises linguísticas durante muito tempo, ficando situado na periferia da língua, principalmente pelas abordagens mais formalistas da Linguística. Ao longo do capítulo, exploramos o fato de que foi, a partir do interesse pelo estudo dos idiomatismos, que nasceu a Linguística Cognitiva; e vimos a importância da frequência de ocorrência na consolidação de seus significados e usos linguísticos.

Concernente à descrição metodológica, apresentada no Capítulo 4, foram apresentadas questões que não representaram uma tarefa simples para a realização desta pesquisa. Desde a busca nos *corpora* selecionados até a quantificação dos dados, recorreremos um caminho um pouco espinhoso que significou a releitura e reanálise dos dados em várias

ocasiões, bem como a elaboração de categorias que permitissem realizar a análise de modo equilibrado. Por se tratar de um fenômeno que parece ter uma previsibilidade, tivemos de ler, com muita atenção, os contextos em que as expressões apareceram, já que as características estruturais e de significado não permitem olhá-las igualmente a como são observados outros fenômenos da língua. Tivemos um verdadeiro desafio que ainda deixa algumas perguntas sem respostas. No capítulo em questão, explicamos o funcionamento do programa estatístico utilizado – o *RStudio* –, um programa com linguagem de programação que trabalha com códigos muito específicos para a realização dos cálculos, exigindo que a amostra fonte tivesse características especiais; por exemplo, que as etiquetas estivessem separadas por vírgulas e sem espaços, o que demandou muito cuidado e atenção a todos os detalhes, pois um espaço, uma vírgula a mais ou a simples troca de signo ortográfico invalidaria a leitura da amostra no *software*.

Através da análise quantitativa foi possível mostrar que há uma preferência pelo uso do *pretérito/pretérito perfecto simple*, com 20,1%, no que tange ao Tempo verbal, seguida do *presente*, que obteve 14%. Vimos, também, que a aspectualidade apresenta uma variação mais marcada nas cinco CFs, já que ela apresentou uma frequência distribuída entre as duas grandes leituras: a Perfectiva e a Imperfectiva. Verificamos que, do total de dados analisados, 36,4% foram interpretados como Aspecto Imperfectivo, frente a 21,3% identificados como Aspecto Perfectivo. Assim, pudemos observar que o critério da *fixação*, estabelecido pelos estudos fraseológicos, é sensível ao uso dos Tempos e dos Aspectos verbais da língua espanhola. Ainda, pudemos observar que, mesmo na variação é possível identificar uma tendência de uso que vai em direção ao emprego do *pretérito*, resultado que se contrapõe ao resultado aspectua, o qual, em uma frequência distribuída, mostrou uma tendência ao uso da imperfectividade – o que abre algumas perguntas que serão respondidas em pesquisas futuras.

Além disso, vimos a impossibilidade de tratar todos os dados sob os mesmos critérios, já que cada categoria estabelecida tem um comportamento diferente, fazendo com que nossa análise focasse naqueles dados com o núcleo verbal conjugado, o que proporcionou, nesse sentido, uma quantificação geral das outras e abriu caminhos para pesquisas futuras.

Nesse mesmo capítulo, também vimos que não há um uso relevante dos Complementos Adverbiais. Ainda assim, eles são utilizados para marcar algumas características, como localização, negação e frequência, as quais auxiliam a enfatizar ou a localizar as ações expressas nas CFs.



Chegando ao final de nossa pesquisa, concluímos que umas de nossas hipóteses iniciais não foi confirmada, reproduzida e discutida a seguir:

- (iv) É possível pensar que quanto menor o número de possibilidades de variação no Tempo e no Aspecto verbal de determinada UF, maior será seu grau de fixação e, conseqüentemente, sua frequência de uso.

A hipótese em (iv) foi formulada com base, principalmente, nos estudos consultados a respeito da teoria fraseológica em contraposição com a teoria cognitivista. Após a observação no momento de análise e os resultados, verificamos que não há indícios de que quanto menor for a variação, menor será a frequência de uso. Ao contrário, nossos resultados demonstraram uma relação inversa: quanto maior for a frequência de uso de uma determinada CF, maior será sua variação. Em outras palavras, quanto maior o número de possibilidade de variação no Tempo e no Aspecto verbais de determinada CF, menor é seu grau de fixação e, conseqüentemente, sua frequência de uso. Tendo isso em mente, abrem-se novas perguntas sobre o objeto analisado: como deve ser, então, entendida a *fixação*? Deve-se pensar nos critérios da fraseologia como traços a serem cumpridos em algumas ocasiões? Qual é o processo que leva à total cristalização de uma CF, transformando-a em construções do tipo dos provérbios ou refrãos?

Como vemos, os caminhos percorridos ao longo desta pesquisa possibilitaram contrapor duas disciplinas linguísticas de princípios bastante distintos. A Fraseologia foi utilizada, principalmente, como suporte para conseguir contextualizar nosso objeto de estudo, já que são poucos os estudos acerca do fenômeno nas disciplinas linguísticas. Contudo, essa caracterização nos direcionou a caminhos que nos fizeram definir a *fixação* como principal característica das CFs, cujo critério não foi confirmado, pois, como a quantificação de nossos dados demonstrou, as cinco CFs selecionadas para o exame linguístico não são essencialmente fixas. Elas apresentam variações significativas que, em nenhum momento, comprometem seu sentido idiomático, sendo este o segundo critério selecionado pela fraseologia para identificar o objeto de estudo.

Assim, chegamos ao final de nossa pesquisa com a certeza de que ainda há muitos caminhos por percorrer. O fenômeno que decidimos estudar, analisar e discutir ao longo destas páginas é espinhoso,

dificultando, ainda mais, levando em consideração a perspectiva cognitivo/gramatical que decidimos adotar. Realmente, a preferência de estudar o fenômeno em questão a partir da perspectiva semântica proporciona elementos mais certos nos caminhos dos trabalhos resenhados ao longo desta dissertação. A perspectiva mais gramatical, que quisemos adotar para preencher uma lacuna, apresentou um verdadeiro desafio e não foi uma tarefa simples. Esperamos que nossa pesquisa contribua com a disciplina da Linguística Cognitiva e com os estudos fraseológicos, bem como possa servir de suporte gramatical para os professores da língua espanhola.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARON, J. E. **Variation and change in Spanish future temporal expression**. Tese de Doutorado. Universidade do Novo México, 2006.

ALARCOS LLORACH, E. **Gramática de la Lengua Española**. Madrid: Editorial Espasa Calpe, S.A., 2000.

BACK, Â. C. de P. **A multifuncionalidade da forma verbal –SSE no domínio tempo-aspecto-modalidade: uma abordagem sincrônica**. Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

BACK, A. C. P.; COAN, M. Ponto de referência: análise tipológica dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito do indicativo e imperfeito do subjuntivo. **Revista da ABRALIN**, v.11, n.2, p. 11-41, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/abralin/article/viewFile/32525/20623>>. Acesso: setembro, 2016.

BACK, A. C. P.; BARROS L. G.; SCHILIKMANN, C. A. Usos e funções das formas em -SSE no português falado em Florianópolis: emprego do pretérito imperfeito do subjuntivo segundo a teoria de Andrés Bello. In: ARGÃO NETO, M. M., CAMBRUSSI, M. F. (Orgs.) **Léxico e Gramática: novos estudos de interface**. 1 ed., Curitiba, PR: CRV, 2014, p. 289-309

BARROS, L. G.; OLIVEIRA, L. C. de. Tempo e referência a questão dos dois pretéritos em espanhol. In: **Revista do Gel**. V. 4. Araraquara: Unicamp, 2007, p. 149-158.

BECKHAUSER, A. S. **A frequência de uso de locuções idiomáticas em livros didáticos de espanhol como língua estrangeira: uma pesquisa com base em corpus**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2014.

BELLO, A. **Análisis ideológico de los tiempos de la conjugación castellana**. Caracas: Ayacucho, 1972 [1810].

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the language of the world.** Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (Eds.). **The handbook of historical linguistic.** Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

\_\_\_\_\_. From usage to grammar: the mind's response to repetition. In: **Language**, No. 82, 2006, p. 711-733.

\_\_\_\_\_. Markedness: Iconicity, Economy, and Frequency. In: SONG Jae Jung (Ed.) **The Oxford Handbook of Linguistic Typology**, 2010a, p.131-147. Disponível em: <<http://www.unm.edu/~jbybee/downloads/Bybee2010Markedness.pdf>>. Acesso: agosto, 2015.

\_\_\_\_\_. **Língua, uso e cognição.** Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.

COMRIE, B. **Aspect.** Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

\_\_\_\_\_. **Tense.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CORÔA, M. L. M. S. **O tempo nos verbos do português.** São Paulo: Parábola, 2005.

CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseología española.** Madrid: Gredos, 1996.

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português.** 3 ed. São Paulo: Contexto. 2002.

COSTA, J. **Sgt. Pepper-s Lonely Hearts Club Band, dos Beatles, no contexto brasileiro: um estudo de caso sobre as estratégias de tradução das expressões idiomáticas.** Dissertação de Mestrado em

Estudos da Tradução. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.

CROFT, W.; CRUSE, A. **Linguística Cognitiva**. Madrid: Akal, 2008.

DE MIGUEL, E. El aspecto léxico. In: BOSQUE e DEMONTE. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1999, p. 2979-3060.

FILLMORE, C., KAY, P., O'CONNOR.; M. C. Regularity and Idiomacity in Grammatical Constructions: The case of Let Alone. In: **Language**, vol. 64, No. 3, 1988, p. 501-538.

FLEISCHMAN, S. **The future in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 07-16.

FOSILE, D. K. Valores aspectuais do português brasileiro e do alemão: uma proposta de síntese. In: MOURA, H., BORGES, M., SANTANA, A. P. (Orgs.) **Cognição, Léxico e Gramática**. Coleção Linguística. V.1. Florianópolis: Insular. 2012. p. 47-93.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: Mário E. Martelotta. (Org.). **Manual de lingüística**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 157-176.

GARCÍA FERNÁNDEZ, L. **La gramática de los complementos temporales**. Madrid: Visor Libros, 2000.

GARCÍA-PAGE, M. Fraseologismos oracionales. In: **Contextos**. No. 25-26, 1995, p. 79-92.

\_\_\_\_\_. Variantes morfológicas y unidades fraseológicas. In: **Revista Paremia**. No. 8, 1999, Madrid, p. 225-230.

\_\_\_\_\_. ¿Son las expresiones fijas expresiones fijas? In: **Revista Moenia** 7, 2001, Madrid, p. 165-197.

\_\_\_\_\_. Esquemas sintácticos de formación de locuciones adverbiales. In: **Moenia: Revista lucense de lingüística y literatura**. No. 13, 2007, p. 121-144.

\_\_\_\_\_. **Introducción a la fraseología española**. Barcelona: Anthropos, 2008.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979

\_\_\_\_\_. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

\_\_\_\_\_. Tense, aspect na modality I: functional organization. In: **Syntax – an introduction**. V.1. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001<sup>a</sup>, p. 285-335.

\_\_\_\_\_. The functional approach to language and the typological approach to grammar. In: **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001b, p. 1-42.

GOLDBERG, A. **Constructions at Work: the nature of generalization in language**. New York: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.). **The handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 575-601.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The Genesis of Grammar: a reconstruction**. New York: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, P. Emergent grammar. In: **Berkeley Linguistics Society**, n. 13, 1998, p. 139-157.

HOPPER, P.J.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

NOIMANN, A. **Um olhar sobre os fraseologismos (locuções) em um dicionário bilingüe escolar espanhol-português/português-espanhol.** Dissertação de Mestrado em Letras. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio do Sul, 2007.

OLIVEIRA, L. C. **As duas formas do pretérito perfeito em espanhol: análise de corpus.** Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

\_\_\_\_\_. **Estágio da gramaticalização do pretérito perfeito composto no espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes.** Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

PAWLEY, Andrew. Phraseology, linguistics and the dictionary. In: **International Journal of Lexicography**, vol. 14, nº 2, 2001, p. 122-134.

QUINTERO, M. **Colombianadas. Colombian English Dictionary.** Bogotá: Editorial Planeta Colombiana S.A. 2012.

REICHENBACH, H. **Elements of Symbolic Logic.** New York: Macmillan Company, 1960 (1947).

RODRIGUES, C. S. **Sempre: um estudo de suas interações aspectuais em contexto de pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito.** Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

ROJO, G.; VEIGA, A. El tiempo verbal. Los tiempos verbales. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. **Gramática descriptiva de la lengua española.** Madrid: Espasa-Calpe, 1999, p. 2869-2933.

RUIZ GURILLO, L. **Aspectos de Fraseología teórica española.** Valencia, Universita, 1997.

\_\_\_\_\_. La gramaticalización de unidades fraseológicas irónicas. In RUIZ GURILLO, L. y PADILLA, X. 2009. **Dime cómo ironizas y te diré quién eres. Una aproximación pragmática a la ironía.** Frankfurt, Peter Lang, págs. 371-390.

\_\_\_\_\_. Interrelaciones entre gramaticalización y fraseología en español. In: **Revista de filología española**. 2010, p. 173-194.

SINCLAIR, J. **Corpus, concordance, collocation**: Describing English language. Oxford: Oxford University Press. 1991.

TAGNIN, S. O. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática Série Princípios, 1989.

TRAUGOTT, E. C. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Manchester: Stanford University, 1995, p.1-29.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 3. ed. Uberlândia: EDUFU, 1994.

\_\_\_\_\_. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 3. ed. Uberlândia: EDUFU, 1994b.

VENDLER, Z. Verbs and Times. In: **Linguistics in philosophy**. New York: University Press, 1967, p. 97-121.

VRANIC, G. **Hablar por los codos. Frases para un español cotidiano**. Madrid: Edelsa, Grupo Didascalía, S.A. 2004.

XATARA, C.; RIVA, H.; RIOS, T. As dificuldades na tradução de idiomatismos. In: **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: NUT, 2002, v. 8, p. 183-194.